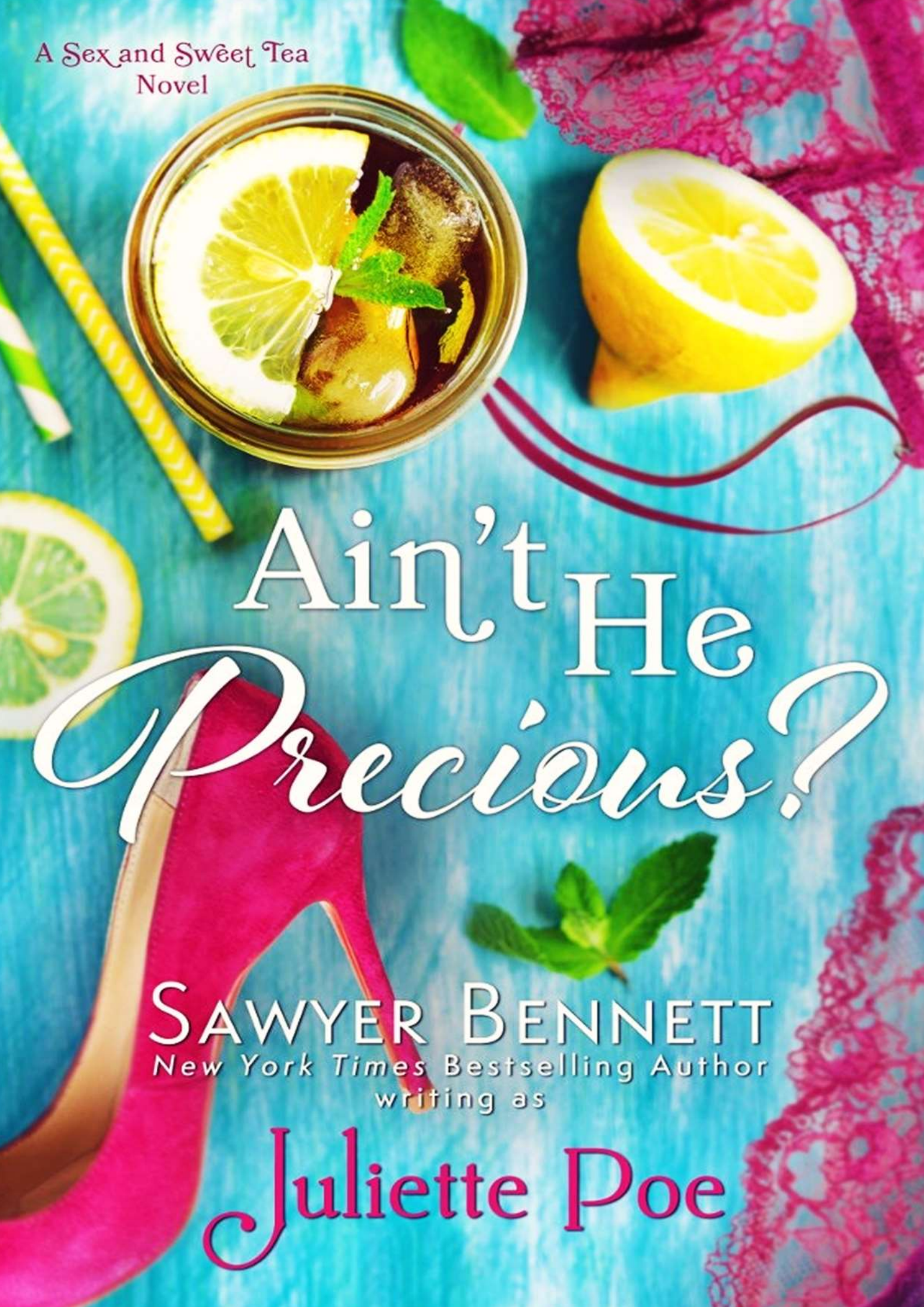


A Sex and Sweet Tea
Novel



Ain't He *Precious?*

SAWYER BENNETT
New York Times Bestselling Author
writing as

Juliette Poe



Poison books

Disponibilização: Merlin Cat

Tradução: Viviane, Lilith, Freyja, Pandora

Revisão Inicial: Hecate

Revisão Final: Freyja

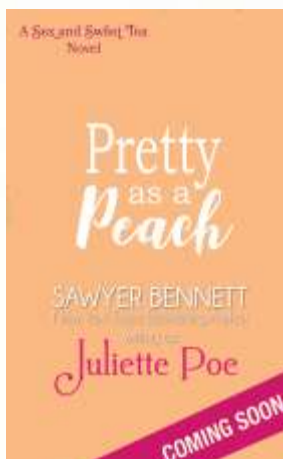
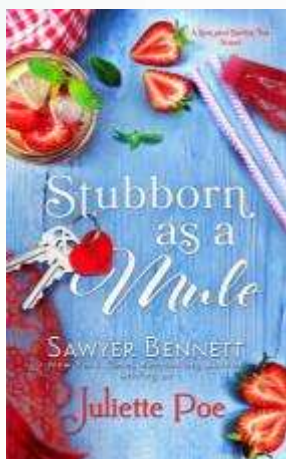
Leitura Final e Formatação: Circe



A top-down photograph of two glass cups filled with lemonade, garnished with lemon slices, cucumber, and mint leaves. The cups are on a light blue wooden surface, surrounded by more lemons, cucumber slices, and a sprig of mint. A single ice cube is also visible on the surface.

Sex and Sweet Tea

Juliette Poe



Bem vindo a Whynot, Carolina do Norte, população 3.872 habitantes.

Possui um semáforo, um bar, e a única e exclusiva Trixie Mancinkus.

Há onze anos, Trixie graduou-se em direito em Harvard, recusou uma oferta de emprego em um dos mais prestigiados escritórios de advocacia de Boston, e foi para casa em Whynot abrir sua própria empresa. Não só ela deixou para trás a cidade grande, mas também deixou seu então namorado há três anos.

E apenas para esclarecer... este sou eu

Então, o que estou fazendo em Whynot neste exato momento? Parece que Trixie precisa de ajuda com um caso e por algum motivo insano, ela me pediu ajuda. Estou na cidade há cinco minutos, e realmente estou tão fora de lugar quanto me sinto. Trixie é toda doce, com curvas sulistas para os meus ternos de alta costura e corte de cabelo caro. É um choque de cultura “norte contra sul” e a única coisa que ainda temos em comum é nossa atração física um pelo outro.

Mas, tenho um novo lema desde que cheguei a Whynot:

*Quando a vida lhe dá limões tudo que você precisa é um pouco de sexo e
chá doce para melhorar as coisas.*



ATENÇÃO!!

Contem Gargalhada de Hiena

RISADAS INCONTROLÁVEIS PODEM SURTIR
REPENTINAMENTE. RECOMENDA-SE NÃO LER EM
LOCAIS PÚBLICOS.



CAPÍTULO 1

Pap Mancinkus

Não nativo de Whynot, Carolina do Norte; Yankee transferido; Ex-instrutor de treinamento do Corpo de Fuzileiros Navais; espertinho rabugento.

Há um velho ditado lituano que diz: *Sena meilė nerūdyja*.

Significa: um velho amor não enferruja.

Minha neta, Trixie Mancinkus, é uma verdadeira garota da Carolina do Norte. Nasceu aqui, viveu a maior parte de sua vida aqui e atualmente mora aqui, porque aqui é onde ela quer estar. Ela é sulista até os ossos, apesar das minhas melhores tentativas de colocar algum sentido Yankee nela.

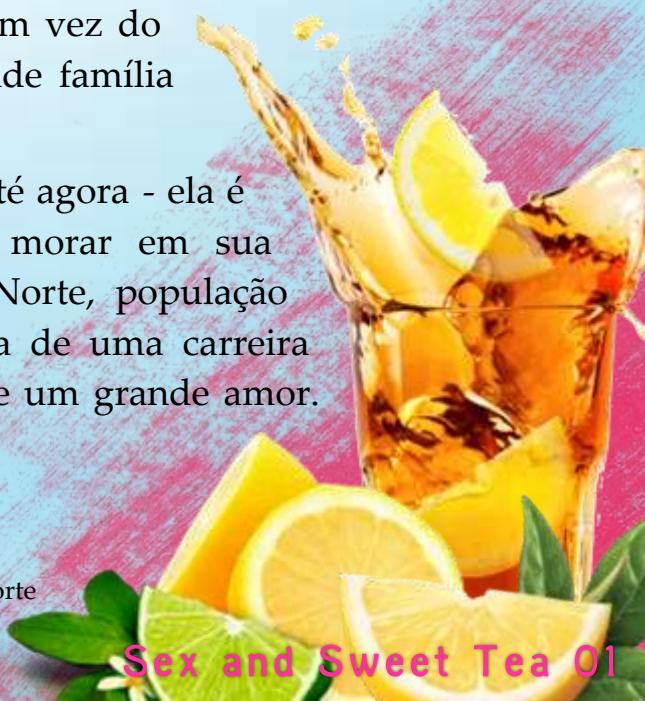
Mas por favor, não pense que quando digo que ela é do Sul quero dizer que ela toda gentil e educada, com voz suave e habilidade nata para assar biscoitos e jogar bridge com suas amigas nas noites de quinta-feira. Não, minha garota Trixie tem apenas o suficiente do meu sangue Yankee para me orgulhar. Ela amaldiçoa como um marinheiro — graças a seu pai e a mim, que somos ex-fuzileiros navais — bebe seu chá doce batizado com moonshine¹ e torce para o meu amado Pittsburgh Steelers² em vez do Carolina Panthers³, para desgosto de sua grande família sulista.

Mas – e contrariando tudo que eu disse até agora - ela é também totalmente sulista porque escolheu morar em sua pequena cidade natal: Whynot, Carolina do Norte, população 3.872 habitantes. Essa escolha foi feita à custa de uma carreira potencialmente lucrativa e, mais importante, de um grande amor.

¹ Marca de Whisky.

² Time de futebol americano da cidade de Pittsburg - Pensilvania

³ Time de futebol americano da cidade de Charlotte- Carolina do Norte



Ela escolheu sua família acima de tudo e, mesmo que eu odeie admitir isso, essa é a marca registrada de um verdadeiro sulista.

Laços familiares.

Minha nora Catherine — a mãe de Trixie — é o epítome de uma mulher do Sul, e disse em mais de uma ocasião que o sangue é mais espesso que a água. E eu descobri eventualmente que isso é verdade. Caso contrário, nada poderia realmente explicar minha decisão louca de mudar de Pittsburgh para Whynot junto com meu filho há pouco mais de vinte anos. Ele é o que costumam chamar de Yankee transplantado, embora eu discorde...

Trixie, por sua vez, é advogada — formada em Harvard — e voltou para sua cidade natal há pouco mais de onze anos para abrir seu próprio escritório e se tornar a única representante legal de Whynot. Seu escritório fica ao lado do meu bar, que se chama Chesty's — em homenagem a um dos maiores generais da marinha de todos os tempos — e do outro lado da rua fica o Tribunal do condado, onde ela passa uma boa parte dos seus dias de trabalho defendendo os bons cidadãos de Whynot.

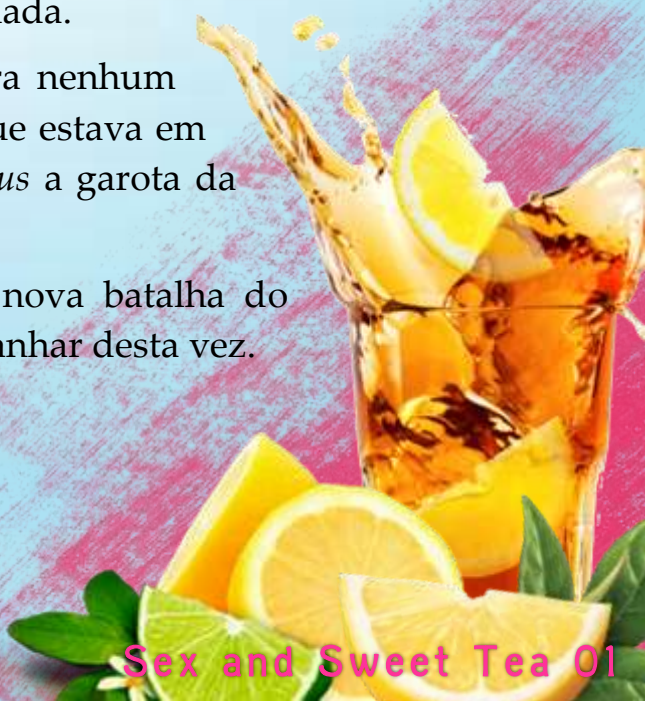
Trixie é dedicada ao trabalho, aos clientes, à família e à cidade natal. Ela também lhe dirá que não tem tempo para mais nada, e nisso inclui frivolidades como o amor.

É por isso que eu achei hilariante ela convocar um antigo colega da faculdade de direito, Ryland Powers — nome estúpido e ostentoso, a propósito — para ajudá-la em um caso complicado. O típico garoto de Boston deve chegar hoje à Whynot, e eu espero honestamente poder ver algumas faíscas voando entre eles.

Eles têm uma história. Uma muito apaixonada.

O relacionamento não terminou bem para nenhum deles, porém; a separação ocorreu devido ao que estava em seus corações: o homem da cidade grande *versus* a garota da cidade pequena.

E agora estamos prestes a iniciar uma nova batalha do Norte contra o Sul — e eu aposto que Trixie vai ganhar desta vez.



CAPÍTULO 2

Ryland

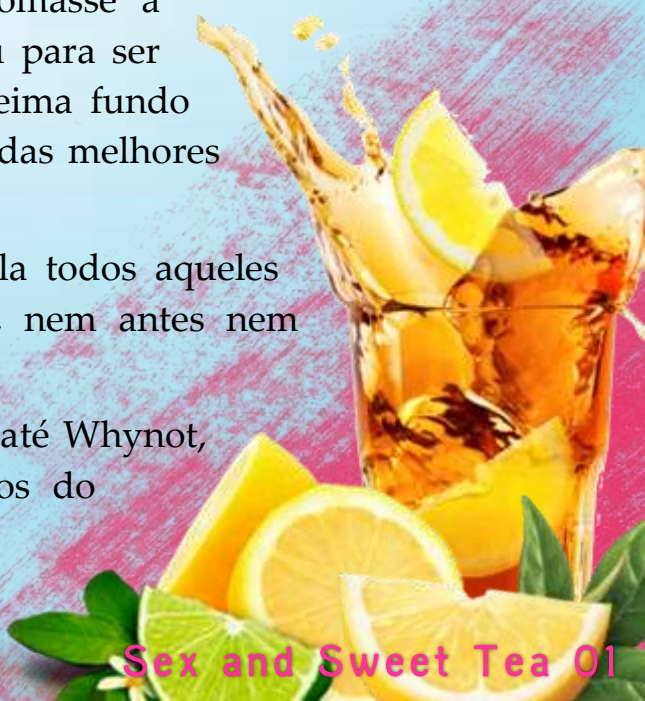
Maldição... Parece que estou no meio de um remake de Andy Griffith ou algo assim. Recém chegado à cidade, estaciono meu carro alugado numa vaga de estacionamento paralela a poucos metros do escritório de advocacia de Trixie. Na verdade, estaciono bem na frente do que parece ser um bar chamado Chesty's.

Nome estranho.

Também acho estranho encontrar um bar no meio da pequena cidade sulista de Whynot, Carolina do Norte. Na verdade, pensei que a maioria dos sulistas fossem abstêmios ou algo assim. Eu sei que Trixie não é, e tenho boas lembranças de nós dois ficando bêbados depois dos exames durante a faculdade de direito. Isso geralmente evoluía para um descontraído sexo bêbado - não que qualquer um de nós realmente precisasse de ajuda para eliminar nossas inibições. Trixie era uma garota louca, e eu costumava ficar muito feliz de ser arrastado para esse tipo de loucura por ela. Seria tolice se encantar por seu doce sotaque do sul pensando que ela era tímida, recatada, ou que ficaria feliz em deixar que outro tomasse a iniciativa. Muito pelo contrário... Trixie nasceu para ser uma estrela cadente que brilha, explode e queima fundo tudo num único dia, e essa é justamente uma das melhores lembranças que tenho dela.

Foi por isso que eu me apaixonei por ela todos aqueles anos atrás. Jamais conheci alguém como ela, nem antes nem depois.

Eu tive que alugar um carro para dirigir até Whynot, que fica a cerca de quarenta e cinco minutos do aeroporto mais próximo, em Raleigh. Trixie



não se ofereceu para me buscar quando lhe avisei que viria, mas isso não me incomoda nem um pouco, já que prefiro não depender de ninguém para me locomover. Não tenho ideia de como serão os próximos dias, porque pretendo honestamente ajudar Trixie com o caso, mas se isso não der certo, quero ser capaz de sair rapidamente daqui.

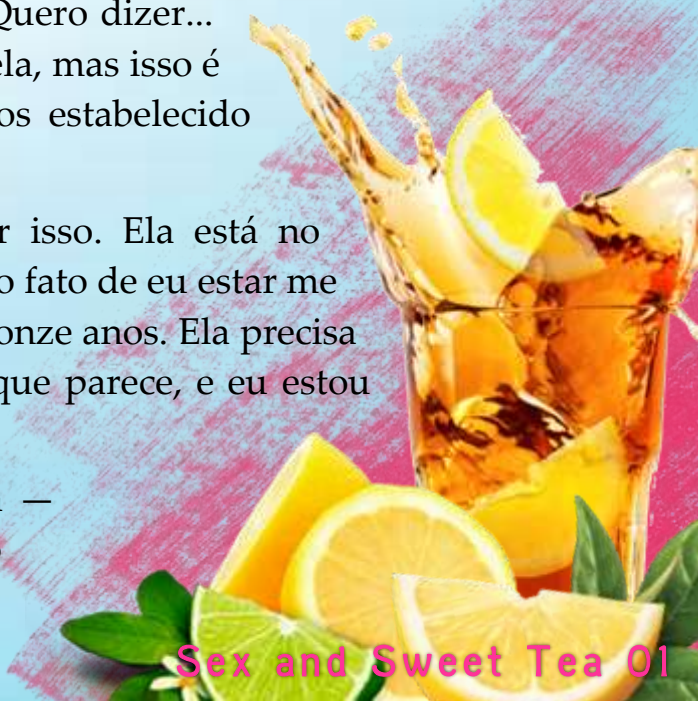
De volta aos nossos dias na faculdade de direito, quando Trixie e eu ainda estávamos juntos, me lembro de ouvi-la falar muito sobre sua cidade natal. Ela nunca me convidou para visitar, porém, o que não prejudicou meus sentimentos em nada, já que Trixie também nunca voltava, exceto por uma ocasião muito breve durante as férias de Natal. Eu fazia o mesmo... raramente retornava à casa, exceto no Natal, e pensei que ambos agíamos assim porque compartilhávamos o mesmo espírito independente. Eu também pensei que nós éramos suficientes um para o outro, porque nos contentávamos em ficar em nosso pequeno apartamento em Cambridge durante todo o ano durante a faculdade. Nos verões, estagiávamos numa prestigiosa empresa de Boston - Hayes Lockamy - ao longo do rio. Nosso grande plano era nos mudar para Boston juntos quando nos oferecessem empregos permanentes. Estávamos apaixonados e em uma trajetória ascendente, e eu pensei que nos casaríamos logo após nossa carreira decolar. E então viveríamos em um apartamento caro e jantaríamos em todos os melhores restaurantes que a cidade tem para oferecer.

Pelo menos, esses eram os meus planos.

Logo, não é estranho afirmar que foi uma surpresa para mim quando Trixie decidiu voltar para Whynot em vez de ficar em Boston comigo. E mesmo com os anos que se passaram desde então, ainda não posso dizer que realmente entendi o que diabos aconteceu. Quero dizer... Eu entendo a essência básica do raciocínio dela, mas isso é ainda tão contrário aos planos que tínhamos estabelecido que simplesmente não parece real.

Mas eu não estou aqui para encerrar isso. Ela está no passado, que é onde vai continuar... apesar do fato de eu estar me preparando para vê-la pela primeira vez em onze anos. Ela precisa de ajuda com um caso, um bom caso pelo que parece, e eu estou aqui para isso.

Saio do sedan alugado, tranco a porta — embora esse provavelmente seja um esforço

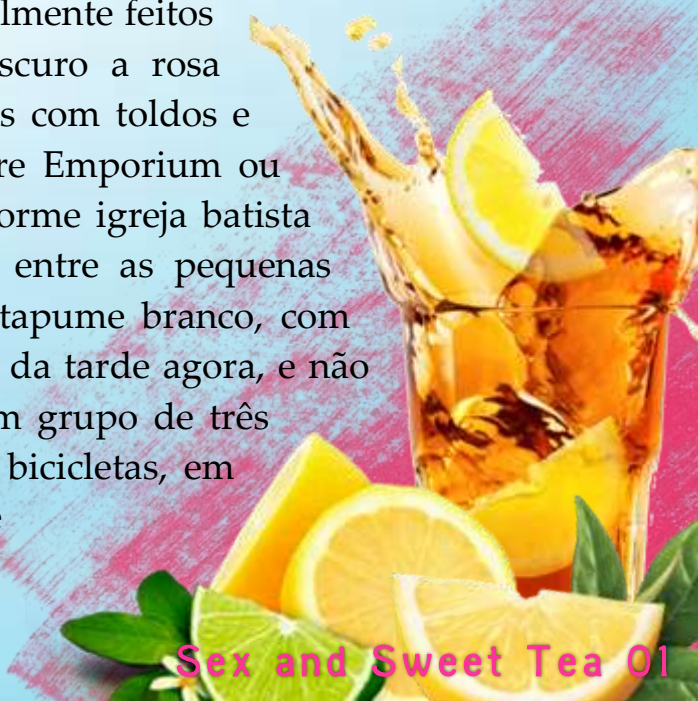


desperdiçado nesta cidade de aparência sonolenta - e guardo as chaves no bolso. Por cerca de dois segundos penso em tirar meu paletó, mas então me recordo que sou um advogado e que estou aqui para ver outro advogado para tratar de negócios. Eu fui treinado para saber como me comportar, não importa onde vá, apesar do fato de parecer estar uns mil graus aqui fora. Eu realmente posso sentir meu desodorante começar a perder a batalha. Ao mexer minha mão no bolso da frente da minha calça, encontro algumas moedas para pagar o parquímetro, supondo que isso seja o suficiente para pagar o curto período de tempo que pretendo ficar estacionado esta tarde.

Já na calçada do Chesty's, dou uma rápida olhada para as janelas coloridas que obscurecem o que tem lá dentro. Tudo que posso ver é o sinal de néon "aberto" pendurado do outro lado do vidro. Posso ouvir fracamente o rock clássico que toca lá dentro, e uma vez que o escritório de Trixie encontra-se ao lado deste estabelecimento, me pergunto se a música pode ser ouvida do lado dela da parede.

Meu olhar varre o que é claramente o tribunal da cidade, a quadra inteira abrigando um edifício maciço de tijolos vermelhos e colunas brancas de três andares de altura. Lembro-me de Trixie dizendo que Whynot é a cidade de referência do condado, então, embora a cidade seja minúscula, faz sentido ter um grande tribunal para acomodar as necessidades legais de um condado inteiro.

Há um gazebo grande e branco em uma extremidade do gramado verde. Ele ocupa toda a parte da frente do tribunal. Carvalhos maciços salpicam a propriedade aqui e ali, jogando sombra sobre a maior parte da grama. Há negócios pequenos e caseiros nas quatro ruas que fazem fronteira com a quadra do tribunal. Os edifícios são principalmente feitos de tijolos gastos, que vão de vermelho escuro a rosa pálido - alguns com persianas pretas, outros com toldos e nomes encantadores como Floyd's Hardware Emporium ou Crump's Grocery. Ironicamente, há uma enorme igreja batista numa rua lateral ao Chesty, e espalhadas entre as pequenas empresas ficam casas antiquadas feitas de tapume branco, com grandes varandas e telhados verdes. É meio da tarde agora, e não há muita atividade nas calçadas, embora um grupo de três meninos passe correndo por mim em suas bicicletas, em direção a Deus sabe onde numa cidade



pequena como está em um dia de verão.

Eu caminho os dez passos entre o Chesty's e o escritório de Trixie. Este possui uma porta de madeira branca brilhante com um batedor de pressão de latão e grandes janelas de vidro em ambos os lados, cada uma com grades de madeira branca, dando a construção uma sensação bastante antiquada. Há um toldo vermelho no alto com 'Escritório de Advocacia Mancinkus' escrito em letras douradas entre duas balanças.

Quando abro a porta, ouço o som de uma sineta, e percebo imediatamente que o pequeno lobby está vazio. Há uma mesa em forma de L completamente nua, juntamente com duas pequenas cadeiras para convidados. Perto de uma parede há uma pequena mesa com uma planta, e apoiado na outra parede há uma cadeira acolchoada com uma mesa de café oval à frente, onde descansam várias edições da *Southern Living Magazine*.

Não ouço nada, nem vejo ninguém. Supondo que ela não tem secretaria, digo tentativamente um "Olá?"

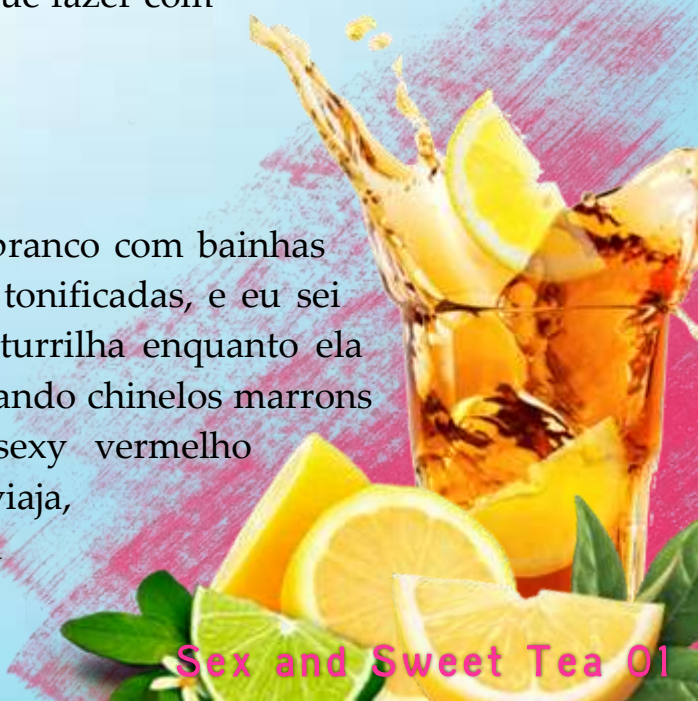
Não recebo nenhuma resposta, mas como posso ouvir alguns ruídos alucinados vindo de uma sala nos fundos, decido verificar. O corredor é curto, com duas portas à esquerda, duas à direita e uma no final, onde se vê um sinal de "saída".

A primeira porta à esquerda está aberta, e eu dou de cara com um ser humano quando olho para dentro. É o escritório de Trixie, e eu sei disso porque imediatamente vejo uma mesa de madeira desgastada com uma placa de identificação onde se lê "Patricia Mancinkus" virada para frente e para o centro. O dito ser humano em questão está em pé em cima da mesa, de frente para mim, e eu confesso que não sei bem o que fazer com ela.

É um "ela".

E que "ela".

Pernas longas em curtos shorts jeans branco com bainhas desgastadas. Suas pernas são bronzeadas e tonificadas, e eu sei disso porque vejo os músculos de sua panturrilha enquanto ela permanece na ponta dos pés - que estão calçando chinelos marrons - cujas unhas estão pintadas com um sexy vermelho brilhante. À medida que meu olhar viaja, observo que ela está usando uma camiseta



de beisebol branca com mangas marinho. A camiseta em questão subiu apenas o suficiente para que eu consiga ver a extensão bronzeada da parte inferior de sua barriga enquanto ela ergue um braço em direção ao teto.

Meus olhos viajam ainda mais alto, observando seus longos cabelos presos em um rabo de cavalo, os fios variando entre cor de chocolate e de canela. Mas é o pequeno grunhido de frustração que ouço quando ela tenta aparafusar uma lâmpada no soquete⁴ embutido no teto me fez reconhecê-la imediatamente. Eu deveria ter reconhecido o traseiro de Trixie de memória, mas é esse pequeno som que acaba me remetendo ao passado, no fim das contas.

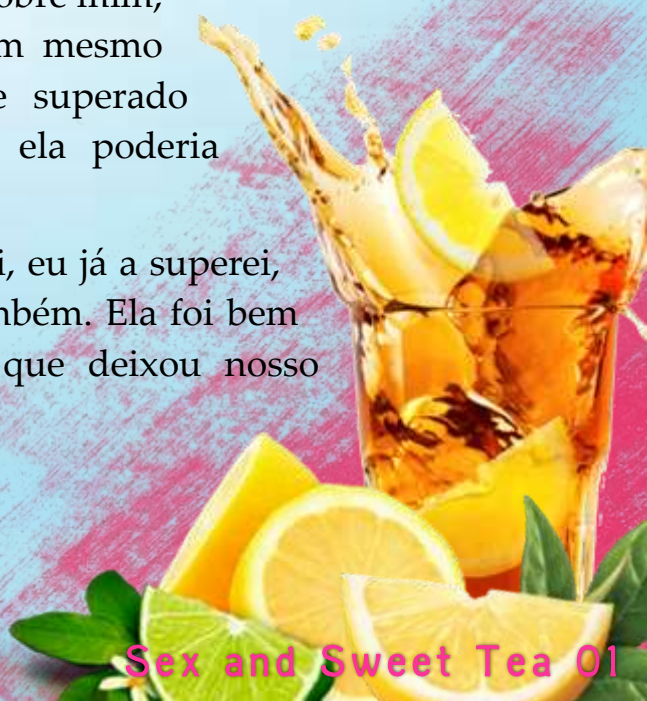
— Precisa de ajuda? — Pergunto enquanto aproveito meus últimos segundos para olhar para o seu traseiro e pernas mais uma vez.

Agora, nessa situação, convenhamos que a maioria das mulheres provavelmente teria gritado, ou até mesmo caído da mesa com a surpresa de perceber alguém se esgueirando pela sala antes vazia. Mas não Trixie. Ela simplesmente se equilibra ainda mais na ponta dos pés e grunhe: — Não... quase... terminando... — e com uma última torção de seu pulso, enrosca a lâmpada de forma segura e a acende.

E então ela se vira com um sorriso satisfeito no rosto, olhando para mim de cima de sua mesa. — Bem, olá, Ry. Você é uma visão para os meus olhos doloridos!

Seu sotaque quente e doce flutua através de mim. Algumas outras pessoas também me chamam de Ry, mas vindo de Trixie, o apelido mais parece um carinho, mesmo depois de todos esses anos. Fico mais do que um pouco chocado com o efeito que ela ainda tem sobre mim, confesso, ainda mais porque havia dito a mim mesmo antes de chegar aqui que tinha firmemente superado qualquer tipo de artimanhas femininas que ela poderia inadvertidamente jogar no meu caminho.

Isso porque, veja bem, tanto quanto eu sei, eu já a superei, e não há dúvidas de que ela já me superou também. Ela foi bem clara sobre isso, principalmente no dia em que deixou nosso



pequeno apartamento em Cambridge.

Mantendo meu tom, respondo: — Olá, Trixie. Vejo que você continua teimosamente fazendo tudo sozinha.

Ela me presenteia com sua risada bonita e alegre. — Você me conhece tão bem. Eu só peço ajuda quando realmente preciso.

— A mesma Trixie de sempre então, — digo com um sorriso casual.

— Exato, — ela diz, antes de inclinar a cabeça sedutoramente e continuar: — Será que você poderia ajudar uma menina a descer de sua mesa?

Eu me obrigo a me aproximar e ofereço uma mão para ela, assumindo que ela vai segurá-la e pular para baixo. Mas, para minha surpresa, suas mãos se apoiam em meus ombros e, sem pensar, minhas vão até sua cintura para que eu possa levantá-la e colocá-la gentilmente sobre o tapete.

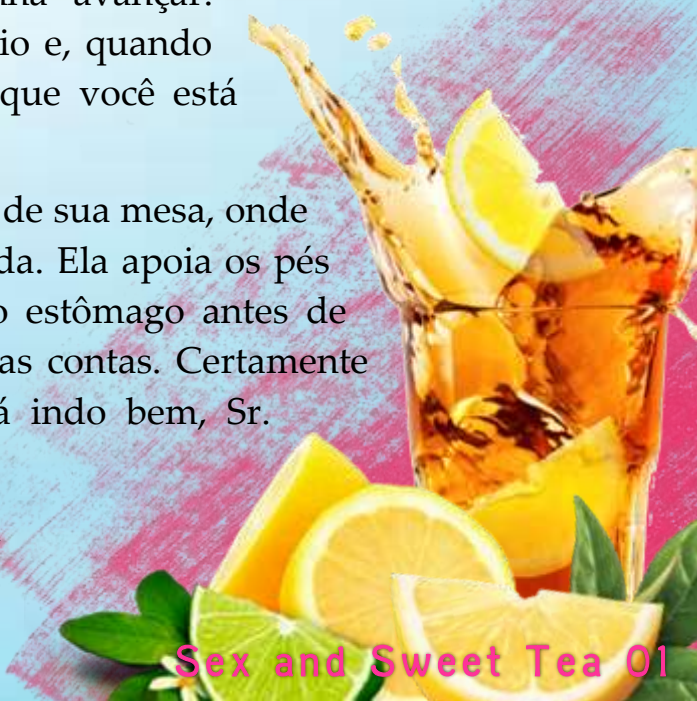
Ela olha para mim enquanto ficamos ali por um momento, congelados no tempo e nas lembranças do que era tocar um ao outro de maneira simples e íntima, enquanto eu silenciosamente admito que essa proximidade inesperada parece melhor do que deveria. Seus olhos cor de avelã são brilhantes, acolhedores e sem qualquer indicação de rancor sobre o modo como nos separamos há onze anos. Não tenho ideia se os meus olhos refletem o mesmo para ela, mas por autopreservação, relutantemente deixo-a ir e dou um passo atrás.

Trixie apenas sorri para mim de uma forma que diz que pode ver além da minha atitude relutante.

Mas eu conheço esse truque dela. É assim que ela sempre me prende, então não dou chance dessa coisa estranha avançar. Vagueio meu olhar ao redor de seu escritório e, quando olho novamente para ela, digo: — Parece que você está indo bem sozinha.

Ela encolhe os ombros e anda para trás de sua mesa, onde senta em uma cadeira de escritório maltratada. Ela apoia os pés em cima da mesa e cruza as mãos sobre o estômago antes de dizer: — Eu ganho o suficiente para pagar as contas. Certamente não chego nem perto do quanto você está indo bem, Sr. Partner-at-Hayes-Lockamy.

Eu puxo minha gravata, afrouxando-a ligeiramente enquanto me sento em uma das



cadeiras para clientes em frente à sua mesa. Elas são diferentes uma da outra, velhas, e o couro daquela em que me sento parece estar descascando um pouco. — É um bom escritório.

— Que te mantem em ternos de grife, — diz ela enquanto acena para mim, fazendo-me sentir estranhamente desconfortável com o que costumava ser minha armadura de batalha. Nos círculos legais dos quais participo, advogados são julgados com base em quanto gastam no alfaiate.

Eu aceno com a cabeça, e ela continua: — O código de vestimenta é um pouco menos formal por aqui. — Trixie ri. — A menos que eu esteja no tribunal, sou bastante casual.

— Você sempre foi do tipo casual de menina, — murmuro.

— Nada mudou quanto a isso, — ela complementa.

Na verdade, enquanto permaneço sentado aqui, olhando para essa linda criatura por quem já fui muito apaixonado num determinado momento, não posso dizer que uma coisa maldita mudou sobre ela. Ela ainda é a mesma vibrante, obstinada, confiante, evasiva e maior do que a vida Trixie Mancinkus que eu conheci.

Só que agora, ela é todas essas coisas na pequena cidade de Whynot, Carolina do Norte.

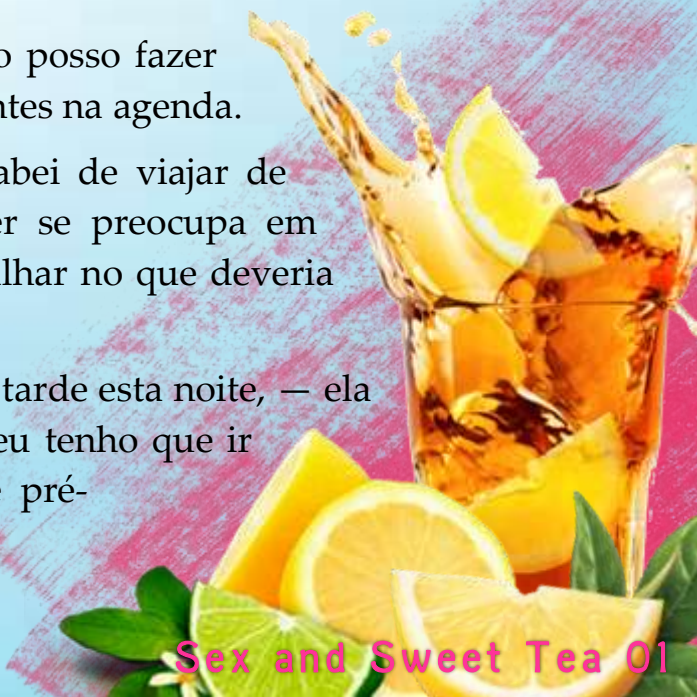
Que desperdício.

— Então, que tal irmos direto aos negócios e falarmos mais sobre este caso? — Eu pergunto, me esforçando para manter as coisas profissionais. — Se você puder me colocar em algum lugar, eu poderia começar a estudar o arquivo.

Trixie apenas balança a cabeça. — Não posso fazer isso agora. Tenho coisas mais coisas importantes na agenda.

— Como? — Pergunto, ofendido. Acabei de viajar de Boston até aqui para ajudá-la, e ela sequer se preocupa em limpar sua agenda para que possamos trabalhar no que deveria ser prioridade.

— Nós podemos examinar o caso mais tarde esta noite, — ela diz enquanto levanta da cadeira. — Agora eu tenho que ir até o bar aqui ao lado, para uma festa de pré-aniversário. E você vem comigo.



— Como? — Pergunto enquanto me levanto da cadeira, confuso e me sentindo uma marionete. — Pré-aniversário?

— Amanhã é aniversário do Pap, — diz ela com uma piscadela. — Mas estamos dando uma pequena festa surpresa para ele hoje. Os clientes planejaram fazê-la um dia mais cedo porque isso o surpreenderá quando nada nunca o surpreende. Nós só precisamos ficar um pouquinho, e logo em seguida vou instala-lo. Eu disse que estava cuidando disso, certo?

— Sim... certo, — respondo, ainda um pouco incerto.

— Ok, então, — ela responde brilhantemente enquanto dá a volta na mesa e sai do escritório. — Vamos.

Eu sigo-a, porque... bem, porque não tenho escolha. A menos que estivéssemos no quarto, Trixie simplesmente me atropelava às vezes. Então eu até considero essa perda de controle suportável, e simplesmente mantenho meus olhos presos em seu traseiro durante todo o tempo que nos leva para sair de seu escritório.

E considerando o balanço extra que ela colocou em seus quadris, posso dizer que ela está completamente ciente disso.



CAPÍTULO 3

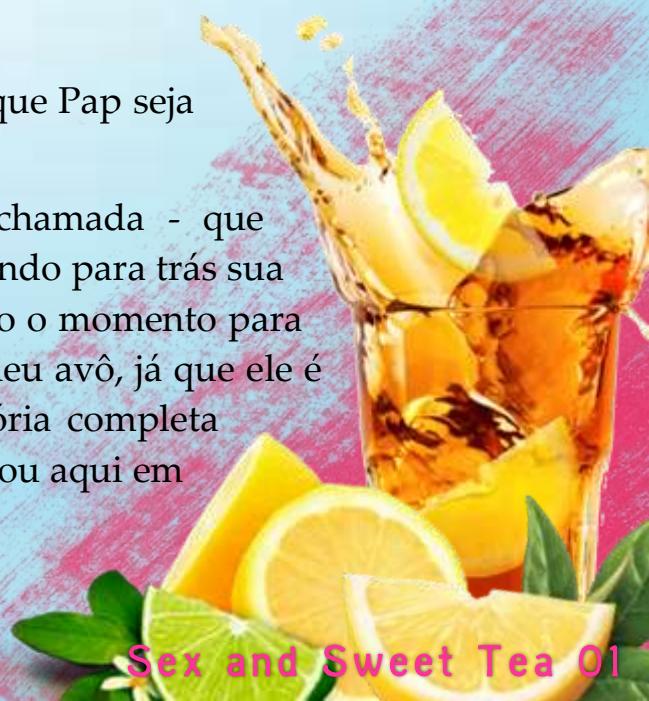
Trixie

—Eu definitivamente não deveria tê-lo trazido aqui, — digo a Pap enquanto bebo minha cerveja. Ele está ocupando o banquinho no qual sempre senta, no final do balcão e de frente para a entrada, para que possa observar tudo e todos. Eu estou do outro lado, no lugar reservado para mim quando estou no Chesty's.

Pap é como chamamos meu avô. Na verdade, o correto seria Grandpap, mas foi encurtado para Pap há muito tempo. Todo mundo aqui do Chesty's o chama assim também. Ou de Gunny, porque ele se aposentou como um sargento de artilharia. Seu cabelo, cortado em estilo militar, é grosso e em sua maioria cinza, embora ainda haja um pouco de preto espalhado por toda parte. Sua pele é escura e enrugada, não só por causa de sua herança lituana e polonesa combinada, mas também porque ele ama ficar ao ar livre e sempre evita proteção solar. Alto e bem constituído, ele ainda tem muito poder, apesar da idade. Se ele me desse um abraço realmente com força, por exemplo, poderia facilmente me fazer parar de respirar. Mas Pap não é adepto a manifestações públicas de afeto - ele tem que estar de muito bom humor ou muito bêbado para isso.

Não tenho certeza se é triste ou adorável que Pap seja meu melhor amigo, porém.

Ry acabou de sair para atender uma chamada - que presumo ser de seu escritório em Boston - deixando para trás sua mal tocada cerveja. Então eu estou aproveitando o momento para descarregar totalmente minhas frustrações em meu avô, já que ele é o único em toda a família que conhece a história completa sobre Ry, eu e todas as razões pelas quais eu estou aqui em Whynot e ele ainda está em Boston. Eu lhe contei essa história no meu aniversário há



três anos, depois que tentei competir com ele virando doses de whisky. Fiquei doente por dois dias depois disso, mas Pap finalmente tomou conhecimento de todos os meus mais profundos e dolorosos segredos. E sim, ele exerce seu poder sobre mim desde então.

— Não deveria tê-lo trazido aqui para o Chesty's ou para Whynot? — Ele indaga enquanto drena o último gole de sua cerveja e desliza a caneca vazia até a borda do balcão, para que um dos bartenders a recarregue. Ele então tira uma nota de cinco dólares de uma pilha de dinheiro que deixou a sua frente e coloca-a perto da caneca. Pap pode ser dono do bar, mas sempre paga por suas cervejas, mesmo durante sua festa de aniversário. Ele também não gosta que as pessoas paguem nada para ele, e definitivamente não faz nada para reduzir seu lucro final no bar, como beber cerveja sem pagar.

— Não devia tê-lo trazido para o Chesty's, — esclareço. — É um pouco demais, considerando que ele acabou de chegar à cidade.

— Eu acho um pouco demais você tê-lo convidado para Whynot, dada à história que vocês têm, — ele diz secamente.

— É para ajudar com esse caso, — digo incisivamente.

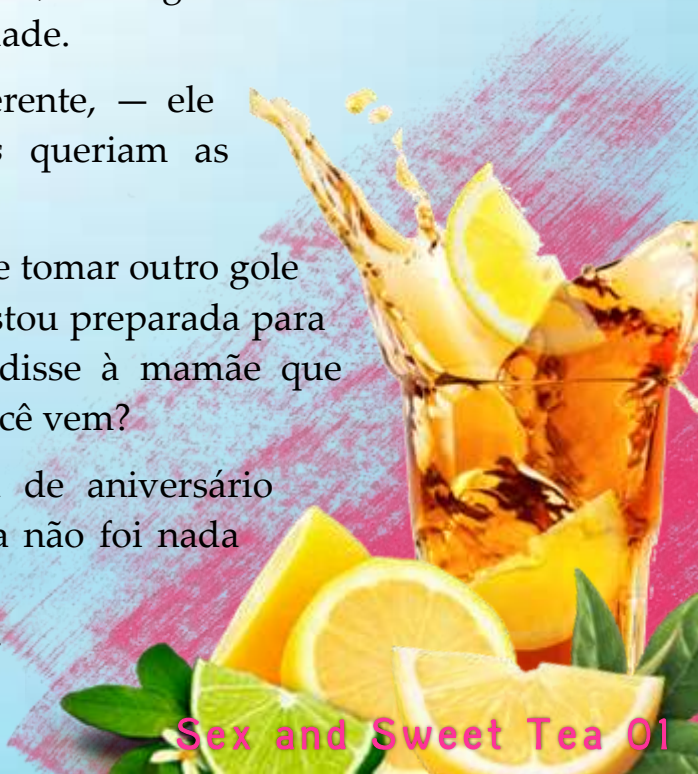
— Você continua a se enganar, menina Trixie, — Pap diz com uma risada irônica. — É a sua teimosia sulista aflorando. Mas se você for inteligente o suficiente para deixar que um pouco da sabedoria ianque apareça, vai perceber que é melhor admitir que vocês dois têm sim alguns negócios inacabados para resolver.

— Não há nenhum negócio inacabado, — digo veementemente. — Queríamos coisas diferentes depois da faculdade.

— *Você* queria viver em um lugar diferente, — ele me corrige com sabedoria. — Mas *vocês* queriam as mesmas coisas: um ao outro.

— Ok, — digo dramaticamente antes de tomar outro gole da minha cerveja. — Mas quer saber? Não estou preparada para lidar com você agora. Além do mais, eu disse à mamãe que estaríamos em casa a tempo para o jantar. Você vem?

— E perder o resto da minha festa de aniversário surpresa, que além de não ter sido surpresa não foi nada além de ex-soldados gritando “surpresa” quando eu entrei, apesar do meu aniversário,



na verdade, ser amanhã? — Ele pergunta com uma sobrancelha arqueada. — Acho que vou ficar aqui.

Eu bufo e me levanto, ficando em pé perto do balcão enquanto me inclino para beijar a bochecha de Pap. — Ok. Feliz aniversário. Te vejo pela manhã.

Pap e eu pescamos juntos todos os anos no seu aniversário. Claro que vamos em outros momentos também, mas temos uma tradição de ir sempre na manhã de seu aniversário, sem exceção. E quando voltarmos, haverá uma grande festa em sua homenagem. Minha mãe vai fazer suas comidas favoritas, que agora incluem torta de nozes e frango frito, dois pratos do Sul muito distintos. Para ser justa, porém, ela também vai fazer halupki, outro dos seus pratos preferidos e uma lembrança de sua avó polonesa.

— Sua mãe me prometeu biscoitos e panquecas para o café da manhã, — ele me lembra, o que me obriga a sufocar uma risada. Esses desejos seguramente são um sinal de que ele está desenvolvendo algumas tendências sulistas.

— Ela não vai esquecer, — prometo.

— Estarei lá às 05:30, — ele me lembra.

— Nós chamamos “ao esplendor da Aurora”, — digo-lhe com um sorriso. E então, só para irritá-lo, acrescento: — Você é um sulista agora, então aprenda a falar nossa língua.

Pap rosna e me dá um olhar maligno por sugerir uma coisa dessas antes de virar a cabeça para à TV que fica atrás do bar. Ele então a sintoniza no jogo de beisebol do Pittsburgh Pirates, o que significa que estou efetivamente dispensada.

Gah, como eu amo esse rabugento bastardo Yankee!

Saio do Chesty's, me despedindo de vários clientes pelo caminho. Quem poderia dizer, quando Pap se mudou para cá há vinte anos, que um bar iria prosperar em nossa pequena cidade? De onde Pap vem há um bar e uma Igreja Católica em cada esquina, mas em cidades pequenas do Sul, embora tenhamos muitas igrejas, definitivamente não há tantos bares.

O que torna tudo ainda mais louco é o fato de Pap ser um fuzileiro aposentado, que serviu duas vezes no Vietnã. Isso quer dizer que as boas



maneiras necessárias à sua vida como fuzileiro — que eu imagino serem poucas ou nenhuma — ainda são inexistentes hoje, mesmo ele estando aposentado do serviço militar há mais ou menos quarenta anos. Mas, por alguma razão estranha, a boa gente da Carolina do Norte acolheu o Yankee rabugento, e o ex instrutor de fuzileiros navais acabou conquistando vários corações com seus sorrisos eventuais, e de quebra tornou o Chesty's um estabelecimento lucrativo.

Infelizmente, eu não tenho ideia do que vai acontecer a este lugar quando Pap se for. Amanhã é seu aniversário de oitenta anos. E mesmo ele estando em ótima forma, ele também é... realmente muito velho. Eu também não posso assumir o controle quando ele se for, pois já tenho muito em meu prato. E de jeito nenhum Mama ou Papa conseguiriam tocar um bar, considerando todo o trabalho que tem na fazenda. Quanto aos meus irmãos, eles estão todos perseguindo suas próprias carreiras. No fim, nenhum de nós aspira ser dono de um bar, então quando chegar o triste dia em que perdemos Pap, receio que essa cidade também perderá o Chesty's.

Como sempre acontece quando penso em perder Pap, o Chesty's ou mesmo alguma mísera parte desta cidade, fico triste e nostálgica. Com meu nariz ardendo um pouco, finalmente saio pela porta, duramente evitando as lágrimas. Geralmente não sou tão chorona, a propósito.

Encontro Ry em pé à direita da porta, ainda falando ao telefone, mas agora com seu paletó apoiado na dobra do cotovelo. Ele está encostado na parede de tijolo, aproveitando a pequena sombra sob o toldo grande e retangular.

Em quatorze anos – contabilizando os três em que fiquei com Ry e os onze em que estivemos separados - eu nunca encontrei outro homem tão bonito. E como poderia, dada sua aparência de estrela de cinema, seus sedosos cabelos escuros e seus olhos azuis penetrantes? E não esqueçamos seu corpo... que ainda parece estar ridiculamente em forma. Mas além de sua aparência deslumbrante... confesso que também nunca encontrei outro homem que se aproximasse dele no quesito personalidade. Ou no quesito inteligência. Ou gentileza. A maneira como ele me ouvia, como lidava com meu mau humor e me deixava chorar em seu ombro nas raras ocasiões em que me acabei em lágrimas... ele era o



absoluto pacote perfeito.

Ele ainda é, pelo que posso dizer - e admitir isso faz com que aquela familiar bola de arrependimento enrole meu estômago e comece a espumar outra vez.

Quando finalmente me vê, ele levanta ligeiramente o braço que está segurando seu paletó, silenciosamente me avisando que precisa de mais alguns minutos. Ele então desencosta da parede e vira as costas para mim, se distanciando. Coloco minhas mãos nos bolsos e espero pacientemente, porque mesmo que eu esteja tentada a ouvir sua conversa, ainda preciso de sua ajuda profissional, e presumo que privacidade faça parte do pacote de pagamento.

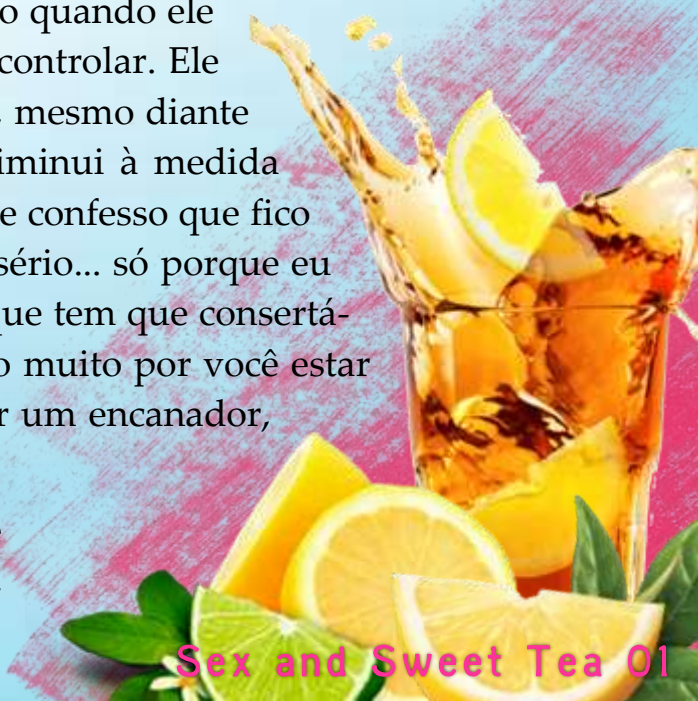
Mas aparentemente Ry não precisa de privacidade, já que não baixa a voz – e simples assim eu ouço cada palavra do que ele diz. E confesso que não posso deixar de me interessar.

— Leslie... isso realmente não é problema meu, — diz com um rosnado um pouco frustrado. Então ele para por alguns minutos, escutando o que quer que Leslie esteja dizendo do outro lado. Imagino que possa ser outra advogada da empresa dele, com algum problema em algum caso ou algo assim. Mas essa noção rapidamente explode quando ele diz: — Eu me mudei há mais de dois meses. É o seu apartamento. Se o chuveiro está pingando, tenho certeza que não é problema meu.

Minha espinha endurece conforme inclino meu corpo involuntariamente para a direita, virando minha cabeça de forma a deixar minha orelha diretamente na direção de Ry. Privacidade é realmente superestimada.

Observo Ry respirando profundamente numa tentativa de se acalmar. Isso foi algo que sempre admirei nele; mesmo quando ele começa a ficar irritado, sempre consegue se controlar. Ele é mestre em lidar calmamente com as coisas, mesmo diante de circunstâncias desagradáveis. Sua voz diminui à medida que ele continua a conversa com a tal Leslie, e confesso que fico surpresa pela gentileza em seu tom. — Les, sério... só porque eu instalei o chuveiro não significa sou aquele que tem que consertá-lo agora. Você sabe disso. Eu realmente sinto muito por você estar tendo um mau dia, mas você precisa chamar um encanador, ok?

Ele ouve por mais alguns segundos, e eu percebo que seus ombros relaxam. — Ok,



bem. Entendi. Eu sei que é difícil. Mas, querida... você tem que seguir em frente.

Hm, muito interessante.

Ele termina a conversa com: — Vou te ligar semana que vem para ver como você está. Tchau.

E isso é ainda mais interessante. Ele ainda deve ter algum tipo de relacionamento com ela, já que se preocupa em ligar para ver como ela está.

Ry finalmente se vira para mim enquanto empurra seu telefone no bolso. — Desculpe por isso. Estou pronto para voltar.

— Nós temos que ir, ou vou me atrasar para o jantar, — digo.

— Mas, minha cerveja, — diz ele.

— Já foi descartada. Minha mama está à nossa espera, — digo-lhe.

— Mama? — ele indaga, confuso.

— Sim, a mulher que me criou. Ela está nos esperando para jantar.

— Ela tem cerveja? — Ele pergunta, franzindo uma sobrancelha. — Porque esse dia não foi o que eu esperava, e eu realmente adoraria tomar outra cerveja.

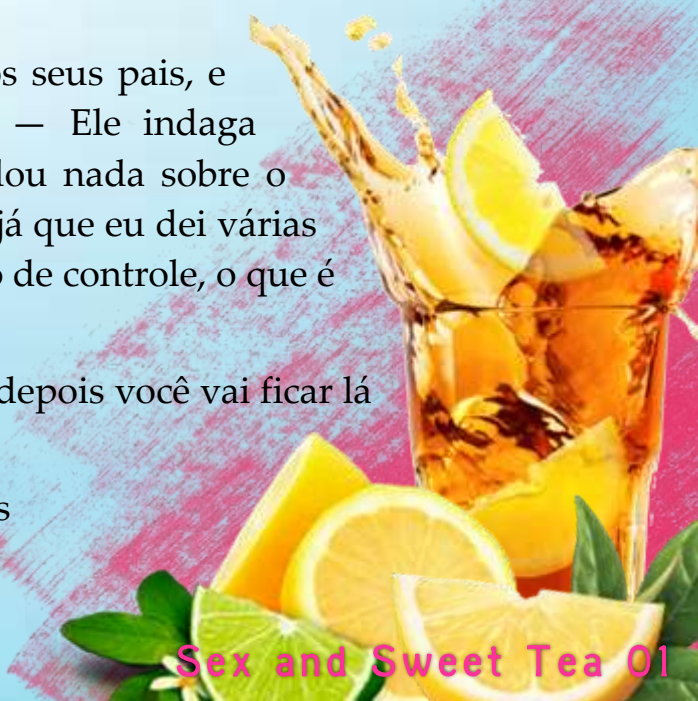
Eu sorrio para ele. — Cerveja, uísque, chá doce, Pepsi, — porque um nativo que se preze não bebe Coca-Cola, uma vez que a Pepsi foi inventada aqui — e acho que ainda temos alguns moonshines de pêssego também.

Ry faz careta à menção de moonshine de pêssego, pelo que eu agradeço. Se ele bebesse três dedos dessa merda com certeza iria correr nu pela fazenda, bêbado e uivando para a lua.

— Então nós vamos jantar na casa dos seus pais, e depois você vai me levar ao meu hotel? — Ele indaga curiosamente. E eu entendo - ele não estudou nada sobre o caso pelo qual voou meio país para discutir, já que eu dei várias voltas hoje. Ele está à procura de algum fiapo de controle, o que é bastante previsível.

— Vamos jantar com meus pais, sim, e depois você vai ficar lá também, — digo-lhe.

— O quê? — ele exclama, agitando as mãos. — De jeito nenhum. Inferno, Trixie.



Isso é totalmente estranho. Quero meu próprio quarto no hotel mais próximo.

Eu rio e giro meus braços, apontando em volta da Praça da cidade. — Você vê algum hotel por aqui?

— Uma pensão então? — Ele pergunta. — Achei que pensões fossem comuns em pequenas cidades do Sul.

Eu aceno. — Temos a Millie, que está fechada há alguns meses por causa de cupins. Está sendo reformada.

— Então eu vou dirigir de volta à Raleigh e arranjar um hotel, — ele diz teimosamente.

Cruzando os braços sobre meu peito, retruco: — Sério, Ry.... o que você tem contra a boa e velha hospitalidade sulista? Minha mãe já até preparou um quarto para você.

— Porque é estranho e eu sequer conheço seus pais, — ele resmunga antes de despejar: — Por que não posso ficar na sua casa?

Eu fecho meus olhos. — É a minha casa. Eu moro lá também.

— Você mora com seus pais? — Ele pergunta com total choque e descrença.

Encolho os ombros, defendo meu ponto. — Temos uma grande fazenda. Dificilmente nos vemos.

— Você tem trinta e cinco, Trix, — ele diz com um sorriso. — Está mais que na hora de ter sua própria casa.

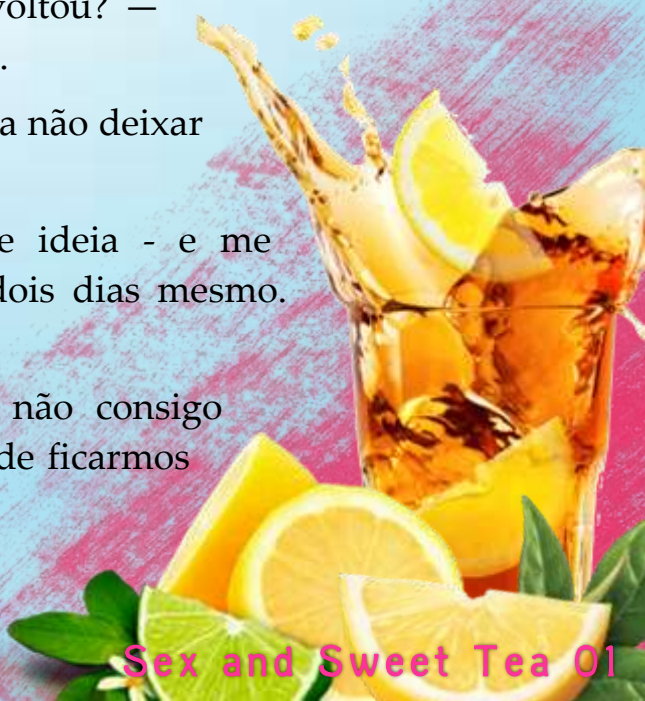
— Cale a boca, — me queixo. — Não tenho motivo para me mudar.

— Você mora com seus pais desde que voltou? — Sua sobrancelha direita levanta com curiosidade.

— Sim, — murmuro, tendo que me forçar a não deixar minha cabeça cair um pouquinho de vergonha.

— Tudo bem, — ele diz, mudando de ideia - e me surpreendendo no processo. — Só vou ficar dois dias mesmo. Posso curtir essa hospitalidade sulista.

Sua súbita reviravolta me faz sorrir, e não consigo resistir a brincar com ele. — Ótimo. E no caso de ficarmos bêbados esta noite, você pode dormir no meu quarto.



Ry apenas me encara, seus olhos bem abertos e arregalados - acho que é seguro dizer que ele está desacostumado ao meu humor peculiar. O que é uma pena, pois costumávamos rir bobamente no passado, geralmente por minha iniciativa. Veja bem, Ry está aqui há apenas algumas horas, e minha compulsão imediata é brincar com ele, embora ele pareça estar tendo algumas dificuldades de adaptação, o que é adorável.

Eu sorrio mais. — Só estou brincando. Parece que você já tem problemas suficientes com garotas em casa. Portanto, esta noite nós vamos apenas ficar bêbados, e então você pode me contar tudo sobre Leslie. Esse é o nome dela, certo?

Ele acena, ainda piscando para mim.

— Ok, não se preocupe, — digo, ainda rindo enquanto passo por ele. — Nós vamos apenas ter um bom jantar, durante o qual você poderá tomar uma cerveja, e então iremos para a varanda - porque vai ser uma noite adorável - onde falaremos sobre o caso, ok? E amanhã podemos começar a trabalhar nos detalhes, quando então você poderá decidir se vai querer ou não me ajudar, antes de finalmente poder voar de volta para Boston, onde poderá continuar vivendo sua vida na cidade grande.

Ele pisca um pouco mais antes de finalmente acenar.

E eu me pergunto com um pouco de arrependimento se inadvertidamente forcei demais as coisas entre nós.



CAPÍTULO 4

Ryland

Eu me sinto como se estivesse na twilight zone⁵.

Só que na verdade estou no interior de *Whynot*, que é ainda mais sinistro.

Ok, ok, não é sinistro.

Só muito incomodo.

Trixie insistiu para que eu colocasse as malas no carro dela, assim poderíamos dirigir até a casa de seus pais em apenas um carro. Eu me preocupei em deixar meu carro alugado estacionado, uma vez que não tinha mais moedas e o parquímetro em breve expiraria. Trixie também não tinha troco, então sugeri entrarmos no Chesty's para conseguir algumas moedas, ao que ela prontamente respondeu com: — Não se preocupe. — antes de puxar seu celular do bolso, ligar para alguém e dizer: — Andy... é Trixie. Há um Pontiac prata estacionado na frente do Chesty's. Me faça um favor e não o multe.

E foi isso.

Após esse interlúdio, partimos para a fazenda. Durante o caminho, Trixie me contou sobre a fazenda de sua família. Eu já sabia da maior parte do que ela falou, na verdade, já que não havia muito que eu não soubesse sobre Trixie quando ainda estávamos juntos.

Bem, exceto o fato de que ela tinha planos alternativos ao de compartilhar nossas vidas, mas que seja.

⁵ The Twilight Zone. Além da Imaginação no Brasil e Quinta Dimensão ou No Limiar da Realidade em Portugal, é uma série de televisão americana criada por Rod Serling e dirigida por Stuart Rosenberg, apresentando histórias de ficção científica, suspense, fantasia e terror.



De volta ao ponto, fui lembrado que a fazenda Mainer situa-se a cerca de 3 quilômetros além dos limites da cidade, e pertence à família Mainer — a família da mãe de Trixie — há oito gerações. Eles ainda têm a escritura original das terras, assinada pelo rei da Inglaterra, e cultivam tabaco, milho e soja há anos, embora Trixie tenha me contado que na última década também começaram uma pequena criação de gado. A propriedade tem aproximadamente cento e vinte e um hectares, mas eles mantêm contrato de arrendamento de setenta e cinco por cento do total, utilizando atualmente apenas a parte restante. Os pais de Trixie, Catherine e Gerry, dirigem a fazenda junto com seu filho mais novo, Colt, e dois outros funcionários de meio período.

O que sempre foi absolutamente fascinante para mim, porém, é a história de seus pais. Catherine Mainer, uma fazendeira sulista da oitava geração, se apaixonou perdidamente por um fuzileiro Yankee que conheceu num baile da USO⁶ no final da guerra do Vietnã. Ele estava lotado na costa leste da Carolina do Norte naquela época, e Catherine tinha ido até lá com várias amigas para dançar e se divertir. Eu nunca conheci os pais de Trixie, porque, como já disse, nunca fui convidado quando estávamos juntos, e confesso que ela também nunca fez parecer como se o casamento dos pais fosse uma história avassaladora de amor à primeira vista.

Na verdade, pelo que sei, o relacionamento deles é apaixonadamente volátil. Acho que isso tem a ver principalmente com o fato de que Catherine é uma senhora sulista, amorosamente criada numa comunidade agrícola. Já Gerry Mancinkus é uma miniatura de Pap Mancinkus, tendo sido primeiro fuzileiro naval, depois instrutor de fuzileiros, e definitivamente nunca o mais romântico dos homens. Adicione a isso tudo o fato de que ele também é um impetuoso Yankee sem filtro — exatamente como Pap — e tenho certeza que entenderá porque acredito que ele pode ser completamente irritante às vezes.

Lembro-me inclusive de uma história que Trixie me contou uma vez, que me deixou de queixo caído e em choque, completamente atordoadado.

⁶ O United Service Organizations Inc. (USO Show) é uma organização sem fins lucrativos que oferece programas, serviços e entretenimento ao vivo para membros das Forças Armadas dos Estados Unidos e suas famílias.



Logo depois de Catherine e Gerry se casarem, ele assumiu sua segunda missão no campo de treinamento de Parris Island, Carolina do Sul. Trixie me contou que esses foram dias estressantes, em razão principalmente da aproximação do final da guerra do Vietnã. As tropas ainda estavam sendo colocadas em treinamento e sendo despachadas, porém, e Gerry estava trabalhando 16 horas por dia – logo, sua paciência, que já não era das melhores, estava no limite.

Reza à lenda que Gerry voltou para casa uma noite frustrado, exausto e com fome. Catherine, que era uma jovem recém-casada e realmente não estava gostando muito do fato de nunca ver seu novo marido, bem como do fato de ter sido obrigada a viver em um lugar estranho e sem amigos, descarregou sua frustração nele assim que ele colocou o pé na porta.

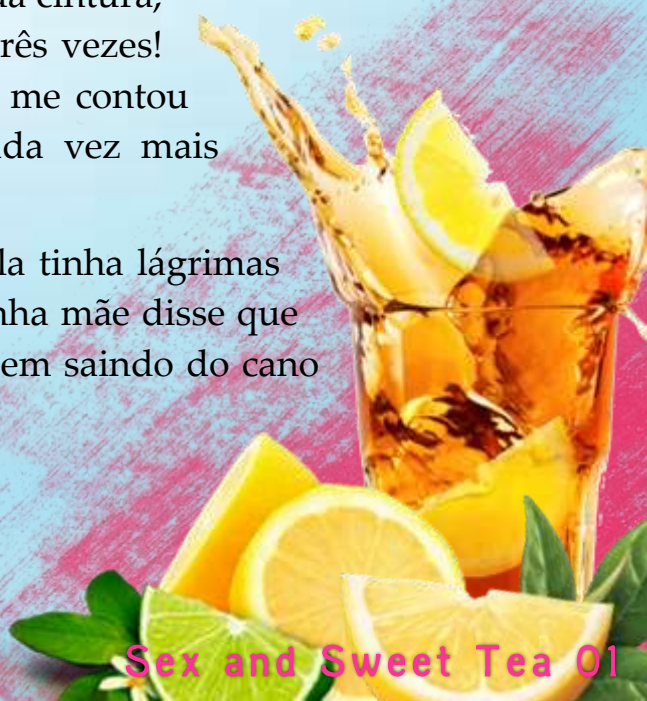
Gerry supostamente escutou Catherine durante trinta segundos, no máximo, e então se virou e caminhou de volta para fora, batendo a porta atrás de si. Isto obviamente irritou Catherine ainda mais. Ela então sentou na pequena sala de estar, que não tinha nada além de uma poltrona reclinável em um canto, e um sofá minúsculo e uma mesa minúscula no outro, e esperou que ele voltasse.

Ela ouviu o carro dele chegando cerca de trinta minutos mais tarde, e esperou que ele entrasse. Ela estava fervendo de raiva – pelo menos foi o que Trixie me contou - e quando ele finalmente entrou pela porta, ela apontou um dedo para ele, fez um grande floreio cheio de drama e disse: — se você alguma vez...

E isso foi o máximo que ela conseguiu falar.

Porque? Porque Gerry sacou uma pistola da cintura, apontou-a para Catherine e puxou o gatilho - três vezes! Acredite se quiser, Trixie estava rindo quando me contou essa parte da história, enquanto eu ficava cada vez mais horrorizado por seu pai ter atirado em sua mãe.

Também me recordo perfeitamente que ela tinha lágrimas nos olhos de tanto rir enquanto concluía: —Minha mãe disse que parecia como se três metros de chamas estivessem saindo do cano da arma depois dos três disparos.



E essa foi a primeira vez que eu pensei que uma doença mental pudesse correr pela família de Trixie, e que talvez eu devesse ficar preocupado.

— Seu pai atirou na sua mãe? — Me lembro de perguntar, horrorizado.

Trixie apenas sacudiu a cabeça rapidamente, riu e disse: — Deus, não. Mas ele foi rapidamente até o quartel dos serviços especiais e pegou uma pistola de festim. Não há balas reais nelas, embora pareçam e soem como armas reais. Ele disse que só queria que Mama calasse a boca.

— E o que sua mãe fez? — Perguntei, pensando que a família era simplesmente louca.

— Quando ele começou a disparar, ela caiu sobre a poltrona. — Trixie disse, e então começou a rir tudo de novo. — A primeira coisa que ela fez foi apalpar o próprio peito, pensando... *então é verdade... você nem sente quando leva um tiro*. Mas então ela percebeu que não havia realmente sido atingida, e logo pensou que ele tivesse errado. Ela então levantou a cabeça e viu meu pai inclinado, rindo, ainda com a arma na mão. Pensando que ele tinha ficado louco, ela começou a rastejar em direção a porta, para escapar, mas ele agarrou-a pelo pescoço e explicou que era só uma pistola de festim.

Trixie riu aos montes enquanto me contava essa história.

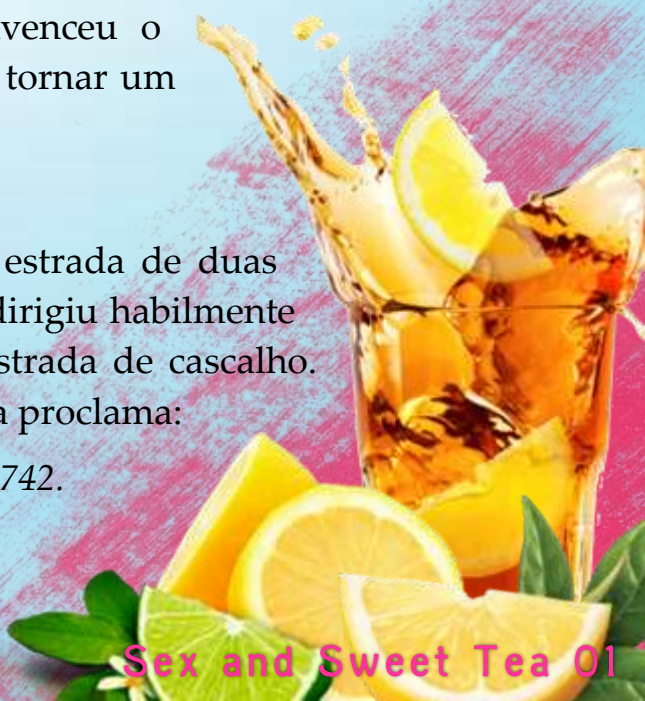
Eu, por outro lado, fiquei feliz por não ter sido convidado para conhecer seus pais.

Mas, de acordo com Trixie, fora a natureza às vezes volátil da relação deles, foi a atração e o interesse de ambas as partes, bem como um monte de teimosia, que os manteve juntos. Eles sobreviveram a uma guerra cultural de Norte contra Sul e, eventualmente, Catherine — que jamais abandonaria a fazenda da família permanentemente — convenceu o marido Yankee a se aposentar da marinha e se tornar um agricultor sulista.

História fascinante, realmente.

De volta ao presente, viajamos por uma estrada de duas pistas com inúmeros buracos, pela qual Trixie dirigiu habilmente até fazer uma curva à direita e entrar numa estrada de cascalho. Pouco mais a frente, um sinal grande de madeira proclama:

Bem-vindo a Fazenda Mainer — fundada em 1742.



No momento em que ela deixa a estrada principal, posso ver a casa da fazenda há aproximadamente duzentos metros, e ela é enorme: três andares, vigas de madeiras cinza, acabamento branco e persianas borgonha. Uma varanda ampla contorna a parte da frente, e uma garagem isolada e dupla fica à direita da entrada. Em ambos os lados da estrada de cascalho existem campos de milho verdes brilhantes, mas como sei que a fazenda é bastante grande, imagino estar vendo apenas uma pequena parte da produção.

— Para onde vai todo o milho? — Pergunto curiosamente enquanto seguimos caminho pela estrada de cascalho.

— Aqueles campos de milho lá, — ela diz antes de apontar, — são para ração animal. Nós usamos uma boa parte nós mesmos, e vendemos o restante para um distribuidor. A única coisa que nós cultivamos comercialmente agora, além do gado, é soja.

— E as terras arrendadas? — Pergunto.

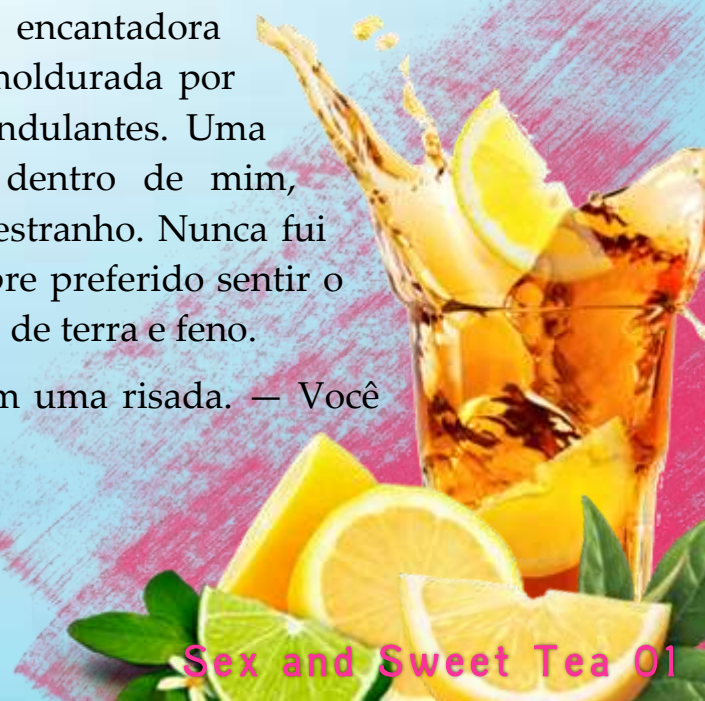
— O mesmo... milho, soja, tabaco, embora muito seja produzido no exterior hoje em dia.

— Sério? — Pergunto enquanto me viro para olhar para ela. — Sempre pensei que a Carolina do Norte fosse a Rainha do tabaco.

Ela acena. — O financiamento Federal foi drasticamente reduzido. Ainda mantemos o título de maior estado produtor de tabaco, mas muitos outros países produzem para exportação agora. Apenas não é mais economicamente viável para nós continuarmos com o cultivo, considerando o tamanho da nossa fazenda.

— Você nunca teve vontade de entrar no negócio da família? — Pergunto enquanto conduzimos pela encantadora entrada, à vista da enorme e linda casa, emoldurada por um pôr do sol ardente sobre os campos ondulantes. Uma desconhecida sensação de calma ressoa dentro de mim, motivada pela beleza do que vejo, o que é estranho. Nunca fui do tipo apreciador da natureza, tendo sempre preferido sentir o concreto das calçadas sob meus pés, ao invés de terra e feno.

— Você sabe que não, — ela solta com uma risada. — Você sabe que leis são a minha paixão.



— No entanto, optou por voltar para cá, — Eu saliento e, droga... Espero que isso não soe amargo.

Porque eu não sou amargurado.

Eu não gostei de sua escolha naquela época, obviamente, mas aceitei sua decisão quando percebi que não era apenas um simples desejo de voltar para casa. Era uma necessidade para ela, baseada em um amor puro por sua família e por sua cidade natal. Um amor aparentemente mais forte do que aquele que nos unia.

Trixie para o carro na frente da casa, estacionando em um pequeno pedaço de grama desgastado onde outros veículos obviamente também estacionam. Quando ela desliga a ignição, se vira em minha direção e diz: — Eu escolhi usar minhas habilidades legais para ajudar Whynot. É para onde meu coração me dizia para ir.

— Houve um tempo que seu coração apontava na minha direção, — eu murmuro, e não... isso não é amargura. Trata-se apenas de uma tonelada de arrependimento pelo que poderia ter sido.

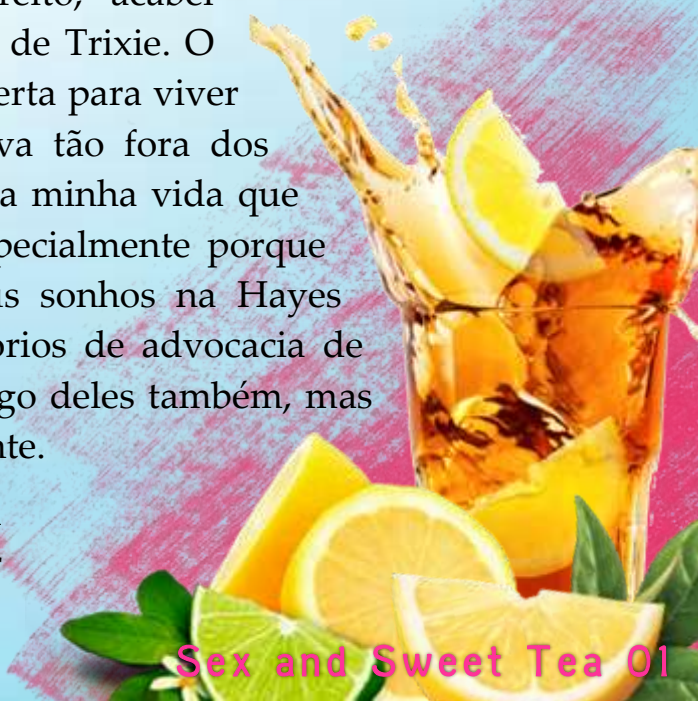
Ela me dá um sorriso suave atípico, baixando o olhar para encarar seu colo. — Ele nunca parou de apontar para você. Mesmo depois de voltar para casa.

Eu quero perguntar por que ela não voltou para mim então. Mas não pergunto, porque sei o que ela vai me perguntar de volta.

Ela vai me perguntar por que eu não me mudei para Whynot com ela.

Você está se perguntando o mesmo? Bem, foi porque finalmente, depois de três anos juntos na faculdade de direito, acabei recebendo um convite para conhecer a casa de Trixie. O problema é que esse convite se tratava de oferta para viver em Whynot permanentemente, o que estava tão fora dos planos bem definidos que tinha traçado para minha vida que nem sequer considerei a possibilidade - especialmente porque haviam me oferecido o emprego dos meus sonhos na Hayes Lockamy, um dos mais prestigiados escritórios de advocacia de Boston. Trixie recebeu uma oferta de emprego deles também, mas seu coração a guiou para uma direção diferente.

Por sorte, antes de nos perdermos em hipóteses e em 'e ses' do que poderia ter



acontecido... minha atenção se desvia para a porta da frente da casa, que está se abrindo. Presumo ser o pai de Trixie parado lá.

— Seu pai não parece muito feliz, — observo.

Os olhos dela encaram a figura de seu pai parado perto da porta por um segundo antes dela murmurar: — Ele não é seu maior fã.

Minha cabeça gira em sua direção. — Que diabos, Trix? Seu pai nem me conhece. Ele ainda tem uma arma?

Ela olha para mim com um sorriso tímido. — Desculpa... mas ele não tolerou a forma como fiquei depois de voltar para casa da faculdade.

— E ele *me* culpa por isso? — Questiono incrédulo - e bastante desconfortável por ela não ter respondido minha pergunta sobre a arma.

— Talvez, — ela murmura. — Sim, eu acho que sim.

— Jesus, — murmuro, passando minha mão em meu cabelo. — Será que você pode apenas me levar de volta para o meu carro, por favor? Vou achar algum hotel em Raleigh.

— Não posso fazer isso, — Trixie diz rapidamente. E simples assim, antes de um mísero piscar de olhos, ela foge do carro.

Disparo três bombas "F7" e abro a porta do carro, esperando fervorosamente não levar um tiro, já que se ele tiver uma arma hoje em dia, presumivelmente não será uma pistola de festim.

Quando saio do carro e olho para ela por cima do capô, ouço-a sussurrar para mim: — Ele late mais do que morde, juro.

— Estou começando a realmente lamentar esta viagem, — sussurro de volta para ela. Estou falando mais do que meio sério aqui, mas lamento instantaneamente minhas palavras quando seus olhos se enchem de culpa e arrependimento.

De repente, um forte barulho chama nossa atenção, nos distraindo de nosso interlúdio, e eu me viro para observar o pai de Trixie descer os degraus de madeira da varanda. Uma vez ao

⁷ Foda-se.



alcance da voz, ele ignora a filha descaradamente, andando direto para mim – felizmente com as mãos vazias – e me cumprimenta.

— Gerry Mancinkus, — ele diz laconicamente, me forçado a estender a mão e cumprimenta-lo também. Ele me dá um aperto de morte, que serve como advertência e punição de uma só vez, esmagando meus dedos com força surpreendente para um homem de sua idade - ele tem que ter pelo menos 60.

— Ryland Powers, — respondo. E, sendo o cara bem educado que sou, ao invés de tentar competir em força com ele, simplesmente complemento: — Obrigado por me receber em sua casa.

Gerry grunhe, solta minha mão e se vira em direção a casa. — Bem, vamos lá, vocês dois. Catherine está com a comida toda pronta. Estávamos apenas esperando por vocês.

— Fomos tomar uma bebida rápida com Pap, — Trixie explica enquanto seguimos seu pai pelas escadas.

No instante em que entramos na casa, minhas narinas se alargam com prazer descontrolado. O aroma de algo tentador e praticamente hipnotizante está no ar e, distraído, quase colido com uma parede de tijolos humana parada no vestibulo.

— Ry... este é meu irmão, Colt, — Trixie diz, me apresentando.

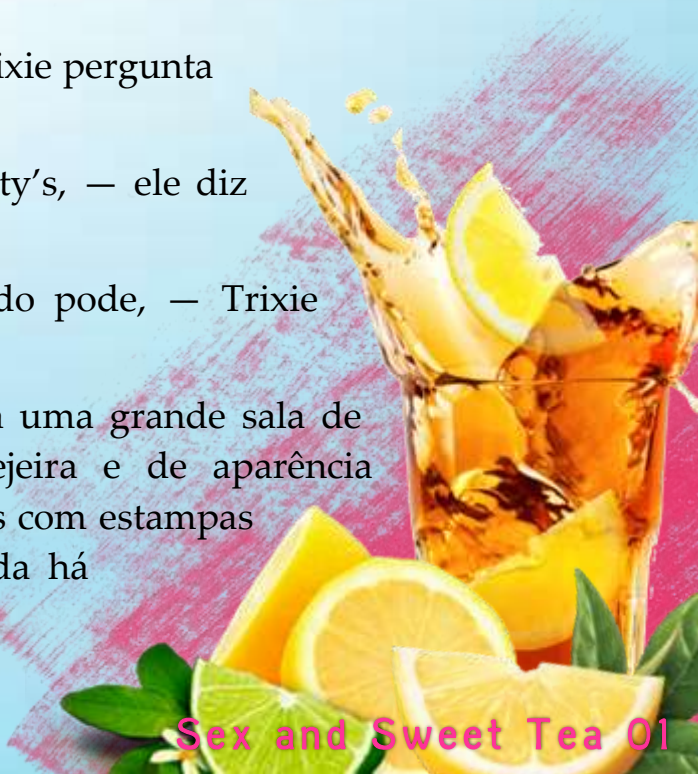
Agora veja bem, eu não sou um cara pequeno, mas Colt Mancinkus é ainda vários centímetros maior que eu. Contrariando seu tamanho avantajado, porém, ele dá-me um sorriso afável e diz: — Hey, Ry. Prazer em conhecer você.

— Você não vai ficar para jantar? — Trixie pergunta quando Colt passa pela porta.

— Não, vou pegar um turno no Chesty's, — ele diz antes de sair.

— Ele gosta de ajudar no bar, quando pode, — Trixie explica, entrando efetivamente em casa.

Seguindo-a, posso ver à minha direita uma grande sala de estar formal, com mobiliário cor de cerejeira e de aparência delicada, cujos sofás e poltronas são forrados com estampas florais nas cores malva e verde. A esquerda há uma grande sala de jantar, atualmente vazia,



mas com uma mesa de madeira esculpida que pode acomodar até 12 pessoas. Trixie continua andando pelo grande corredor, eventualmente virando à esquerda e entrando no que imediatamente sei ser a cozinha, dado o incrível aroma que flutua pelo ar.

A cozinha é enorme, e parece ter sido recentemente remodelada, visto que destoa um pouco do restante da casa, que é bastante antiga. Os pisos são de madeira lustrosa e brilhante, feito de tábuas grossas e nodosas. Há também uma grande ilha central, feita de madeira clara, com tampo de granito pérola e cinza. O resto dos armários segue esse mesmo padrão mais claro, exceto por aqueles que ficam acima dos balcões, que possuem painéis de vidro para exibir belos pratos brancos e copos de vidro cristalinos. Faz-me lembrar da coleção de minha avó.

Uma mulher - sem dúvida é a mãe de Trixie, se o cabelo castanho escuro for qualquer indicação - mexe brevemente algo no fogão antes de abrir o forno e puxar uma grande bandeja de dourados biscoitos amanteigados. Meu estômago deixa escapar um enorme rugido de apreciação, mesmo eu não tendo a menor ideia de qual será o sabor de algumas dessas comidas.

— Quer uma cerveja? — Gerry *oferece...* ou melhor, praticamente *late* para mim enquanto caminha até a geladeira.

— Sim, senhor. Obrigado, — respondo.

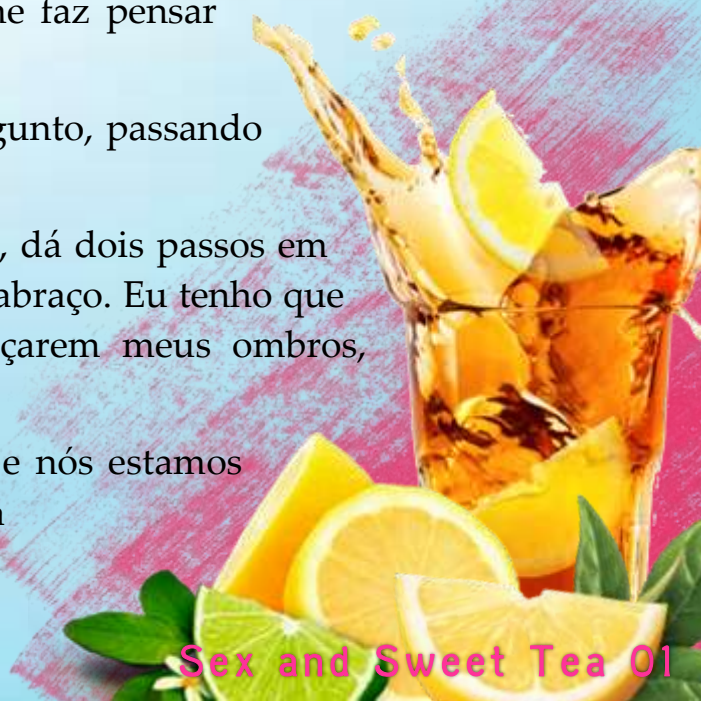
Trixie diz: — Eu também quero, pai.

Ouvindo nossa conversa, a mulher no fogão se vira, enxuga as mãos no avental e me dá um sorriso bonito e acolhedor. — Você deve ser Ryland, — ela diz. Sua voz é como a de Trixie, só que mais doce, com sotaque um pouco mais carregado, o que por alguma razão me faz pensar em dias de sol brilhantes e piqueniques.

— Sim, Olá... Como você está? — Pergunto, passando à frente e oferecendo minha mão a ela.

Ela ignora minha mão - ao invés disso, dá dois passos em minha direção e me envolve em um grande abraço. Eu tenho que me abaixar para deixar seus braços alcançarem meus ombros, dando-lhe um aperto estranho em retorno.

— Trixie nos falou muito sobre você, e nós estamos honrados por ficar conosco durante sua visita.



Gerry grunhe algo que me parece desaprovação antes de empurrar uma cerveja em minha direção. É uma Coors, e eu murmuro um agradecimento enquanto a abro. Ele entrega uma para Trixie também, e ela apenas lhe dá um olhar de advertência em troca, não tão sutilmente dizendo-lhe silenciosamente para ser agradável.

— O jantar está pronto, — diz Catherine quando volta para o fogão. — E já que somos apenas quatro, pensei em comermos na cozinha. Será muito mais acolhedor dessa maneira.

— O que posso fazer para ajudar, Mama? — Pergunta Trixie conforme se aproxima do fogão, parando ao lado de sua mãe. Eu assisto desconcertado quando ela inclina sua cabeça e a repousa no ombro da mãe por um breve momento, envolvendo seu braço ao redor da cintura de Catherine e dando-lhe um suave aperto. Pela primeira vez em catorze anos compreendo ligeiramente o que a família de Trixie significa para ela; esse movimento gentil e íntimo fala mais que todas as explicações que ouvi saírem de seus lábios.

É uma espécie de revelação, admito, porque mesmo Trixie falando muito sobre sua família enquanto estávamos na faculdade, ela nunca os visitou, me fazendo supor que fosse completamente independente deles. Mas, esse simples movimento da filha descansando a cabeça no ombro da mãe, mesmo que por um ínfimo momento no tempo, é uma declaração ampla e inequívoca da profundidade de seu vínculo.

Algo muda dentro de mim, e sinto que estou começando a ver um lado de Trixie que nem sequer sabia que existia. Isso me desconcerta, mas também me irrita muito não ter percebido nada nesse sentido nos três malditos anos que vivemos juntos. Ao mesmo tempo, me dá um pequeno conforto e paz saber que ela não me deixou para trás pelo que pensei ser um capricho.



CAPÍTULO 5

Trixie

— Como você não pesa uns cento e quarenta quilos comendo assim o tempo todo? — Ry pergunta, esticando as longas pernas à frente da cadeira de balanço onde está sentado. Ele está segurando uma caneca de chá doce com muito gelo, uma dose saudável de moonshine de pêssego e um raminho de hortelã — ele tomou um gole da caneca que eu tinha preparado para mim depois do jantar, decidindo que não era tão horrível quanto parecia.

Dou risada, bebendo um gole da minha própria bebida antes de responder: — Eu malho quase todos os dias. Se não me exercitasse regularmente, com certeza não seria uma visão assim tão bonita.

— Sei. Quão rude seria abrir o botão de cima da minha calça? — Ele pergunta enquanto observamos as estrelas que aparecem no céu encoberto e os vagalumes flutuando pelo quintal da frente.

— Depois de comer o frango frito e dos bolinhos da mamãe, é quase obrigatório você ter que fazer isso, — lhe tranquilizo.

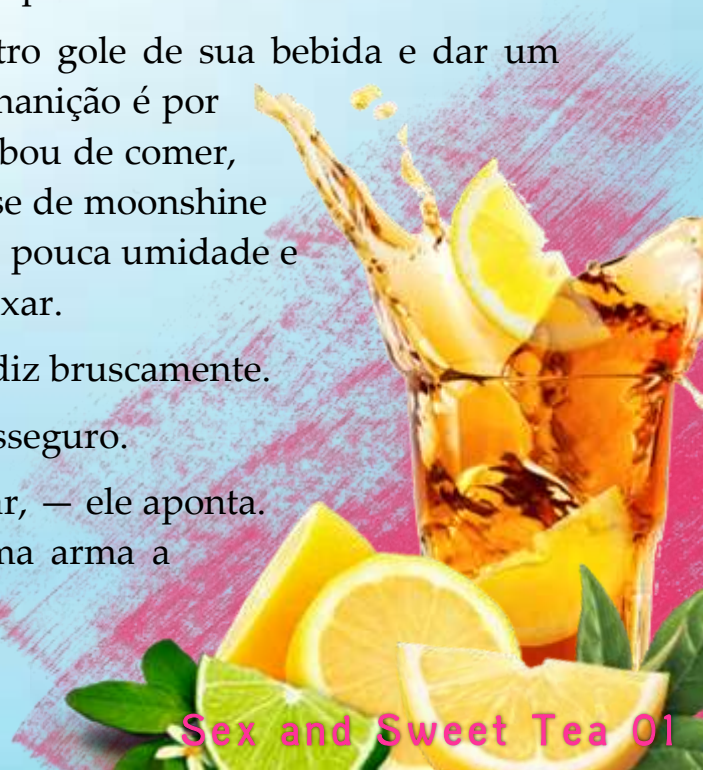
Mas ele não faz nada além tomar outro gole de sua bebida e dar um suspiro contente. Não tenho certeza se sua inanição é por causa da incrível refeição caseira que ele acabou de comer, pelo fato dele estar tomando sua terceira dose de moonshine ou por esta ser uma bela noite de verão, com pouca umidade e o suave som dos grilos para nos ajudar a relaxar.

— Seu pai totalmente me odeia, — Ry diz bruscamente.

— Ele não te odeia totalmente, — lhe asseguro.

— Ele me encarou durante todo o jantar, — ele aponta.

— Eu fiquei esperando que ele puxasse uma arma a qualquer momento.



— Foi por causa dos pedaços de frango e dos bolinhos que você comeu - quer dizer que ele terá menos sobras para o almoço de amanhã, — digo gentilmente. — Mas fique tranquilo, isso não é considerado uma ofensa punível com tiros.

— Vejo que você ainda é uma eterna otimista, — diz Ry, rindo baixo e guturalmente.

E Deus, esse som faz minha barriga revirar. Eu nunca consegui esquecer totalmente essa risada, mas também não me lembrava do efeito que ela tinha sobre mim.

— No entanto, sua mãe é maravilhosa, — ele continua. E por agora já consigo reconhecer sua língua solta e seus lábios ruborizados, efeitos do moonshine. — Posso ver de onde vem seu encanto sulino.

Eu bufo. — Você nunca me achou encantadora. Atrevida, teimosa, inegavelmente tola, às vezes, mas nunca encantadora.

— Seu sotaque é totalmente encantador, — diz ele com total sinceridade.

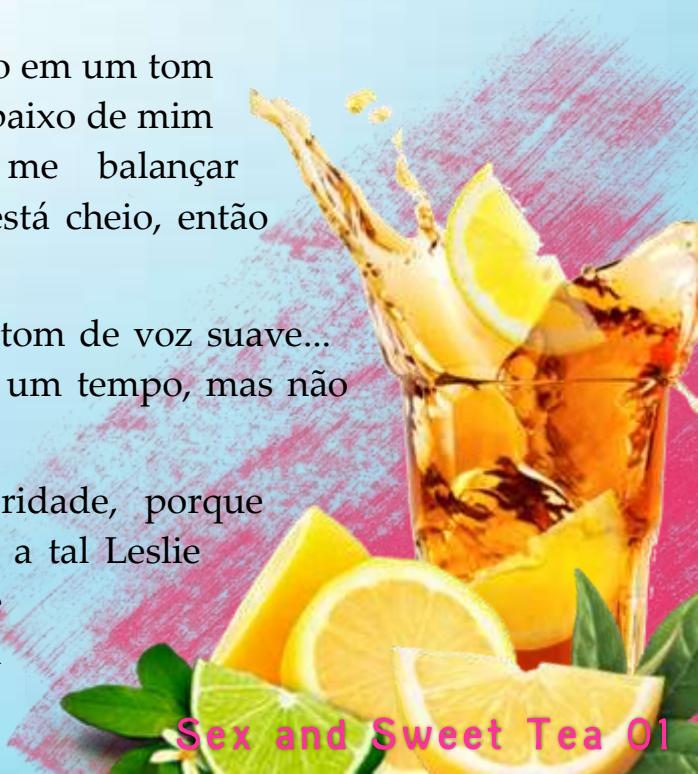
Eu deixo esse elogio assentar dentro de mim, me dizendo cem vezes que sou uma idiota por gostar tanto de seu comentário. Ry sempre foi meu maior arrependimento, justamente aquele que não posso consertar. Eu tenho minha vida aqui, e ele tem a vida dele em Boston, e essas vidas estão firme e *separadamente* enraizadas.

Precisando me lembrar disso, decido me punir ao mergulhar na vida amorosa de Ry. Exatamente, a que ele teve *sem mim* durante os últimos onze anos.

— Então... Me fale sobre Leslie, — digo em um tom amigável enquanto dobro minhas pernas debaixo de mim no balanço, me impulsionando para me balançar suavemente, o que é bom. Meu copo não está cheio, então não há qualquer perigo.

— Nada a dizer, — Ry responde, seu tom de voz suave... quase reverente. — Nós ficamos juntos por um tempo, mas não deu certo.

— Sinto muito, — digo com sinceridade, porque honestamente quero que Ry seja feliz. Com a tal Leslie não me importo muito, mas está claro que ele ainda gosta dela. Mesmo com a



frustração em sua voz hoje quando ouvi sua conversa, ele foi gentil com ela no final.

Virando-se para olhar para mim, seu rosto parcialmente sombreado pela luz da varanda acima de seu ombro esquerdo, ele diz: — Não sinta. É a vida.

— Pragmático, — observo.

— Tive muita prática, — diz ele sem rodeios.

— Ouch, — murmuro.

— Sinto muito, Trix — ele diz suavemente. — Não quis dizer isso assim.

— Não, eu entendo, — digo verdadeiramente. — Eu arruinei nossos planos.

— Não sei se arruinar é a palavra certa, — ele me oferece magnanimamente.

— Eu mudei nossos planos praticamente no último minuto, — digo a ele, me repreendendo. — E te dei apenas uma opção: se mudar comigo. Isso não foi legal da minha parte. Foi egoísta.

Quase caio de costas do meu balanço quando Ry levanta abruptamente de sua cadeira, se virando e abaixando-se ao lado do meu antes de colocar cuidadosamente sua caneca no chão da varanda. Ele coloca uma mão sobre o braço de madeira do meu banco, parando meu balanço. — Trixie... Simplesmente pare. Não é como se você apenas tivesse se levantado e saído no meio da noite. Tivemos discussões sobre isso. Várias discussões, na verdade. Você considerou cuidadosamente trabalhar em Boston. Você *nos* considerou cuidadosamente. Inferno... Nós até consideramos manter nossa relação a distância por um tempo. E enquanto você considerava todas as variáveis com atenção, nenhuma vez *eu* considerei deixar o trabalho em Boston e mudar para cá com você. Então, se alguém aqui foi egoísta, esse alguém sou eu.

Começo a sacudir a cabeça antes mesmo que ele possa terminar. — Não, isso não é verdade.

Ry repousa a mão em meu ombro, dando um leve aperto. — Eu apenas acho que não era para haver um “nós”. Havia algo faltando naquele momento, e nós dois tínhamos coisas que eram um pouco mais



importantes na nossa vida do que nosso relacionamento. Fomos nós dois, tudo bem?

Eu olho para o seu rosto bonito, agora completamente oculto pelas sombras. No entanto, o conheço tão bem que ainda posso ver cada linda marca de expressão, e imaginar o brilho em seus olhos azuis. Essas são coisas que eu nunca esquecerei.

Minha mão cobre a dele, que ainda está em meu ombro. — Obrigada por dizer isso. E por ter vindo aqui me ajudar com este caso.

— Estou feliz em ajudá-la. Eu sempre ficarei feliz em ajudá-la.

Sorrio para ele, e por um momento, tenho uma vontade insana de me inclinar para frente até que minha boca possa tocar a dele. Mas não faço nada disso, porque Ry deixou claro que nosso tempo juntos passou, e que o que temos agora é provavelmente apenas uma boa amizade. Na pior das hipóteses, seria apenas uma relação cordial de trabalho.

Em vez disso, eu aceno concordando e solto a mão dele. Ele se levanta, volta a se sentar na cadeira de balanço e diz: — Ok... Me conte mais detalhes sobre este caso.

Eu levanto minha caneca, tomo um gole saudável da minha bebida favorita e dou-lhe o que ele precisa. Eu só lhe expliquei o básico por telefone na semana passada, quando liguei para ele... Do nada... Após onze anos de silêncio.

— Em dezembro passado, Dan Ogletree estava a caminho de casa após sair do trabalho quando um prego furou o pneu do seu carro. Ele parou no acostamento, o mais longe da via possível sem cair na vala, deixando o carro completamente fora da estrada. Estava escuro, é claro, mas ele saiu para tirar o estepe do porta-malas e trocar o pneu.

— Ele ligou o pisca alerta? — Ry me interrompe.

— Não, mas sei que as luzes traseiras estavam acesas e funcionando, — digo a ele.

— O que ele estava vestindo?

— Seu jaleco... azul claro, e um casaco preto de lã. — Dan é enfermeiro no hospital da cidade.



— Seria difícil enxergar, — Ry solta, e sim... esse é um dos problemas do caso.

— De qualquer modo, um motorista bêbado apareceu, e eu não tenho ideia se ele viu ou não Dan em pé atrás do carro enquanto ele estava pegando o estepe. Esse mesmo bêbado eventualmente saiu da estrada e bateu em Dan, prensando-o entre os carros. O acidente foi tão grave que suas pernas tiveram que ser amputadas.

Eu já tinha dito isso a Ry por telefone, mas ele ainda deixa escapar um som de profunda simpatia, que sai de dentro de seu peito. Também conto para ele os detalhes do tratamento médico, as despesas, e o fato de que Dan ainda está afastado do trabalho enquanto tenta se acostumar à vida com as próteses. Ele era enfermeiro cirúrgico, o que exigia que ficasse várias horas em pé, e isso não é algo viável para ele agora. Ainda assim, ele eventualmente vai voltar para a enfermagem. Pelo menos esse é seu objetivo imediato.

— Como está o caso? — Ry pergunta.

— Já iniciamos o processo, apresentamos o caso, e temos uma audiência marcada para a semana que vem, — respondo sucintamente.

— Eles fizeram uma oferta?

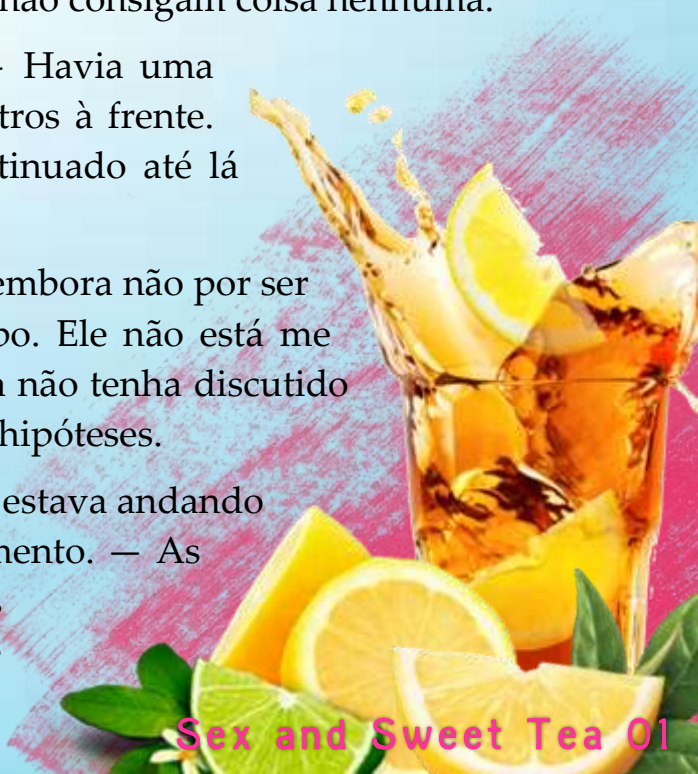
— Cem mil dólares, — digo amargamente. — E há uma apólice de seguro de um milhão de dólares.

— Eles estão alegando que Dan é culpado por não ter tirado totalmente o carro da estrada? — Ry pergunta, porque sabe que na Carolina do Norte qualquer falha contribui para que as pessoas não consigam coisa nenhuma.

— Pior, — digo a ele com tristeza. — Havia uma loja de conveniência a cerca de noventa metros à frente. Eles estão dizendo que ele deveria ter continuado até lá para trocar o pneu.

— Eles têm um ponto, — ele pondera, embora não por ser cruel, mas para bancar o advogado do diabo. Ele não está me dizendo nada que eu não saiba ou que ainda não tenha discutido com Dan. Seu caso é precário, na melhor das hipóteses.

— Seu pneu estava furado. Ou seja, ele estava andando no limite, e era perigoso continuar, — argumento. — As luzes traseiras estavam ligadas, e o mais importante, Dan não estava na estrada. Ele



estava totalmente no acostamento; foi o bêbado que saiu parcialmente da estrada.

Ry fica em silêncio por um momento, provavelmente porque seu pensamento jurídico está se agitando. Finalmente, ele pergunta: — O que você acha que eu posso fazer por você, Trix? Você é uma excelente advogada por conta própria, então, o que quer de mim?

— Eu não tenho a sua reputação, — respondo simplesmente, cheia de orgulho pelo que ele conquistou por mérito próprio. — Não no seu nível, pelo menos. Você já lidou com casos de vários milhões de dólares, com sucesso absoluto. Você esmagou adversários maiores. Advogados de todo os Estados Unidos te contratam apenas para ter seu nome ligado ao caso.

— Isso pode não significar nada para o outro lado, — ele diz, completamente sem ego - outra das minhas coisas preferidas sobre ele.

— Assim como pode significar tudo, — retruco. — Eu gostaria que você assinasse uma apelação para o caso junto comigo, e que assistisse à mediação.

— Na próxima semana? — Ele pergunta.

— Sim. Quarta-feira.

— Posso limpar minha agenda para isso. Mas provavelmente vou ter que voar de volta à Boston amanhã à noite, para lidar com algumas coisas primeiro, — ele diz.

— E se não pudermos resolver na mediação?

— Eu vou te ajudar a ganhar esse caso, — diz ele suavemente.

Meu peito se aperta quando Ry confirma seu apoio. E então vibra enlouquecidamente quando percebo que vou passar mais tempo com ele. E sim, eu sei que será apenas para trabalhar nesse caso, mas se tem uma coisa que descobri nas últimas horas... é que senti mais falta de tê-lo por perto do que tinha imaginado.



CAPÍTULO 6

Ryland

Uma mão em meu ombro me sacode suavemente enquanto uma voz doce e melodiosa fala: — Ry... é hora de levantar.

Dor estonteante dispara em minha cabeça enquanto me esforço para abrir os olhos. Meu quarto está brilhando, e eu estremeço por causa da luz que imediatamente percebo vir do abajur ao lado.

Trixie senta na beira da cama, sua mão quente ainda em meu ombro nu. — Vamos. Pap estará aqui em breve.

— O quê? — Murmuro, fazendo um grande esforço para desgrudar minha língua do céu da boca enquanto outra pontada dolorida dispara em minha cabeça.

— Vamos pescar, — ela diz, rindo docemente. E apesar de sempre ter adorado ouvir a risada de Trixie, o som faz com que outro choque de sofrimento estremeça meu crânio agora.

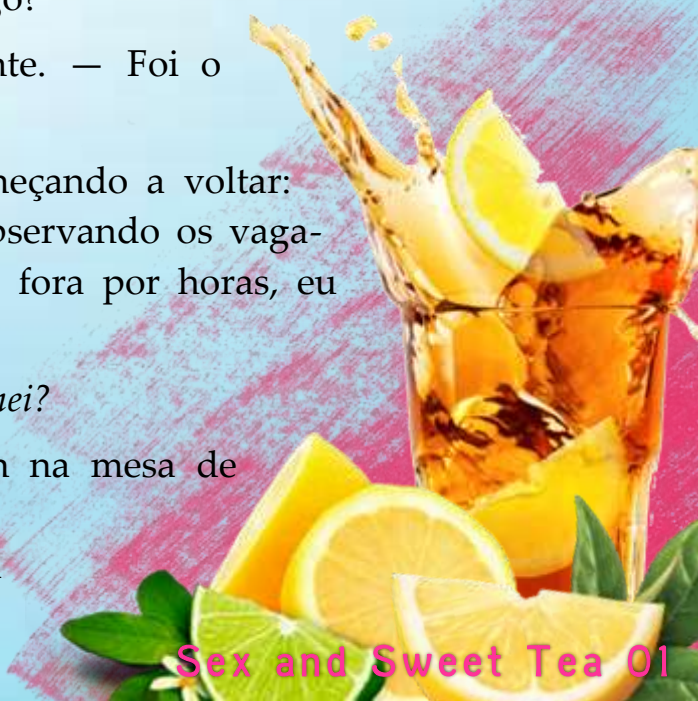
— Jesus, Trix — eu gemo enquanto esfrego meus olhos, o que só aumenta a dor. — Que diabos você fez comigo?

— Não fui eu, — ela diz suavemente. — Foi o moonshine de pêssego.

Oh, espere! Minha memória está começando a voltar: nós dois sentados na varanda da frente, observando os vagalumes, bebendo e conversando. Ficamos lá fora por horas, eu acho.

Quantas doses dessa bebida malvada eu tomei?

— Tem um comprimido de Excedrin na mesa de cabeceira, junto com uma garrafa de água, — ela diz, afastando sua mão e levantando da



cama - a ligeira oscilação do colchão causa um choque de náusea. — Tome isso e você vai se sentir melhor num instante.

— Que horas são? — Resmungo enquanto me levanto e me apoio em um cotovelo, meu olhar deslizando para a janela e vendo que ainda está escuro lá fora.

E merda... como ela pode parecer tão revigorada e linda depois de beber a noite toda?

Seu cabelo longo está preso em duas tranças, cada uma pendurada sobre um ombro. Ela está vestindo um macacão jeans com um top branco por baixo, e seus olhos estão resplandecentes, claros e brilhando com humor. Eu sei que ela bebeu tanto quanto eu ontem à noite, mas ela parece não estar sofrendo, por algum motivo obscuro e desconhecido.

— Acho que vou voltar para a cama, — digo enquanto me acomodo novamente no travesseiro.

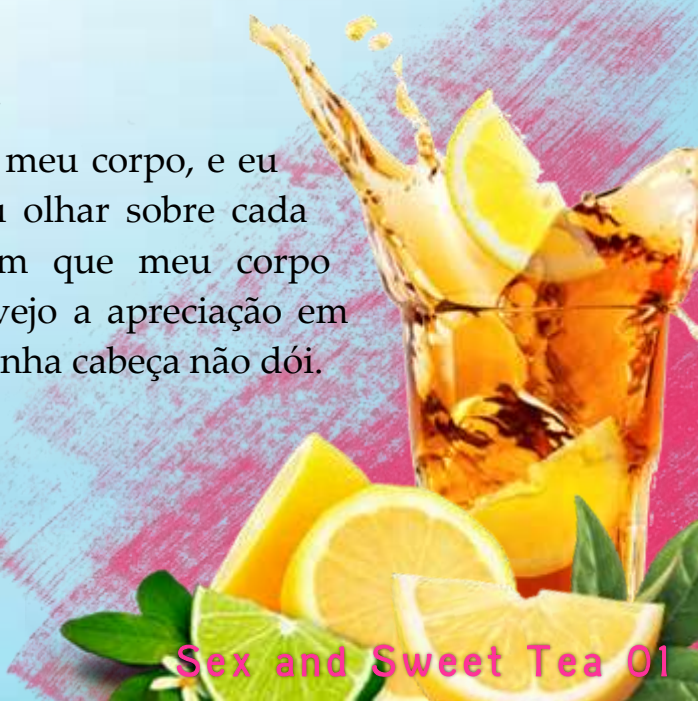
— Oh não, você não vai, — ela fala enquanto suas mãos avançam em minha direção, puxando o cobertor e o lençol da cama. — Você disse que queria pescar esta manhã, então você vai pescar.

Minhas mãos tentam agarrar o lençol, mas não encontram nada, apenas o ar. Nem sequer tenho força para me importar, visto que estou dormindo em nada além de minha cueca boxer - e a verdade é que Trixie já viu tudo, então...

Isso não a impede de me olhar, porém, e quando percebo que seus olhos descem pelo meu corpo, dou uma rápida olhada para baixo também, para me certificar que não estou ostentando uma ereção matinal. Dado a ausência de qualquer proeminência, minha ressaca deve ter evitado esse embaraço. Ainda bem.

— Eu não quero ir pescar, — murmuro.

Seus olhos continuam deslizando pelo meu corpo, e eu juro que quase posso sentir o toque de seu olhar sobre cada centímetro da minha pele, o que faz com que meu corpo reconsidere aquela ereção matinal quando vejo a apreciação em suas íris avelã. Por um momento glorioso, minha cabeça não dói.



— Você vai pescar, — diz ela com firmeza. — Você fez um estardalhaço sobre isso noite passada, lembra? Portanto, se não for, vai ouvir merda do meu pai.

Vasculho rapidamente minhas memórias e gemo. Seu pai se juntou a nós na varanda por um tempo ontem à noite, bebendo conosco. Ele até me tratou bem durante nossa interação.

Acho.

Não tenho certeza.

Admito que o moonshine pode ter me confundido.

Mas, me lembro de termos conversado sobre pesca, de ter admitido que nunca pesquei - mas que gostaria de experimentar, e do convite de Trixie para ir com ela e Pap no início desta manhã.

Nesse ponto da conversa, recordo que Gerry Mancinkus bufou e disse: — De jeito nenhum esse garoto da cidade vai conseguir estar de pé ao amanhecer para ir pescar depois de uma noite inteira tomando o moonshine de pêssego de Billy Crump.

Logo, Billy Crump aparentemente é o culpado pela minha desgraça, já que deu uma caixa – cheia de jaras⁸ de moonshine – como pagamento por Trixie ter cuidado de sua multa por excesso de velocidade. Revendo minhas ações na noite passada, e culpando o excesso de álcool que tinha dentro de mim por meu comportamento inconsequente, lembro de ter aceitado o desafio e dito a Trixie enquanto tomava o último gole de minha bebida: — Estarei de pé e pronto para ir pescar ao alvorecer.

— Merda, — eu gemo enquanto me levanto e sento na cama. Minha cabeça revira conforme dores malignas se agitam em meu crânio, e tenho que corajosamente engolir de volta outro golpe de náusea antes de dizer: — Me dê cinco minutos e estarei pronto para ir.



⁸ A descrição usada no original é *Mason Jars*, um tipo específico de embalagem, como a da imagem.



Trixie coloca a mão em cima da minha cabeça e bagunça meu cabelo, o que estranhamente não dói. — Esse é o meu garoto. Vejo você lá embaixo. Mamãe já preparou nosso café da manhã⁹.

Meu estômago embrulha, mas lhe dou um sorriso. — Parece gostoso.



Ainda me sinto como uma merda, mas pelo menos a dor de cabeça se foi. Os biscoitos e o molho de salsicha pesam no meu estômago, e às vezes ameaçam subir, particularmente quando o barco balança, mas os empurro heroicamente para baixo - de jeito nenhum vou pendurar minha cabeça sobre a borda e vomitar na frente de Pap. Não me incomodaria se Trixie me visse fazer algo assim, pois já segurei seu cabelo para trás vezes o suficiente ao longo dos anos, então sei que ela nunca me deixaria na mão. Mas, Pap Mancinkus provavelmente me empurraria sobre a borda do barco.

Falando no diabo, observo quando ele balança seu braço para trás e, em um movimento fluido, lança sua linha no lago, e então assisto como ele lentamente puxa o fio de volta, esperando que algo morda sua isca. Até agora, estamos aqui há vinte minutos, e nada importante aconteceu.

A contragosto, porem, admito que é lindo aqui. A fazenda Mainer tem um lago de bom tamanho, rodeado por carvalhos e pinheiros que ficam no meio da propriedade. Nós dirigimos um veículo que Trixie chamou de Gator da casa principal ate aqui, quando então embarcamos numa pequena lancha que estava amarrada a uma doca na beira do lago.

Pap esta sentado em um banco na parte da frente do barco, eu estou no meio, e Trixie está perto do motor, habilmente nos guiando entre pequenas áreas perto da

⁹ No original, Trixie explica que a mãe preparou *biscuits and gravy* para o café da manhã. Em tradução literal, significa biscoitos e molho. É um popular prato de café da manhã nos Estados Unidos, especialmente no sul. Consiste em biscoitos macios cobertos com molho de salsicha, feitos com pedaços de salsicha de porco cozida, farinha branca, leite e muitas vezes (mas nem sempre) pedaços de salsicha, bacon, carne moída ou outra carne. O molho é muitas vezes aromatizado com pimenta preta.



margem, próximo a ramos que ela diz que a maioria dos peixes gosta.

Por minha vez, recebi apenas uma rápida lição - de no máximo cinco minutos - acerca de como lançar a vara de pesca corretamente. Não foi difícil. E agora estamos seguindo uma espécie de rotina que estabelecemos, onde Trixie nos dirige através do lago para um novo local periodicamente, desliga o motor, e então passamos cinco ou dez minutos pescando nesse ponto particular. Se não pegarmos nada, ela nos move para outro lugar. A proposito, ela parece muito contente em me deixar usar sua vara para pescar enquanto fica sentada, bebendo de uma garrafa térmica com café.

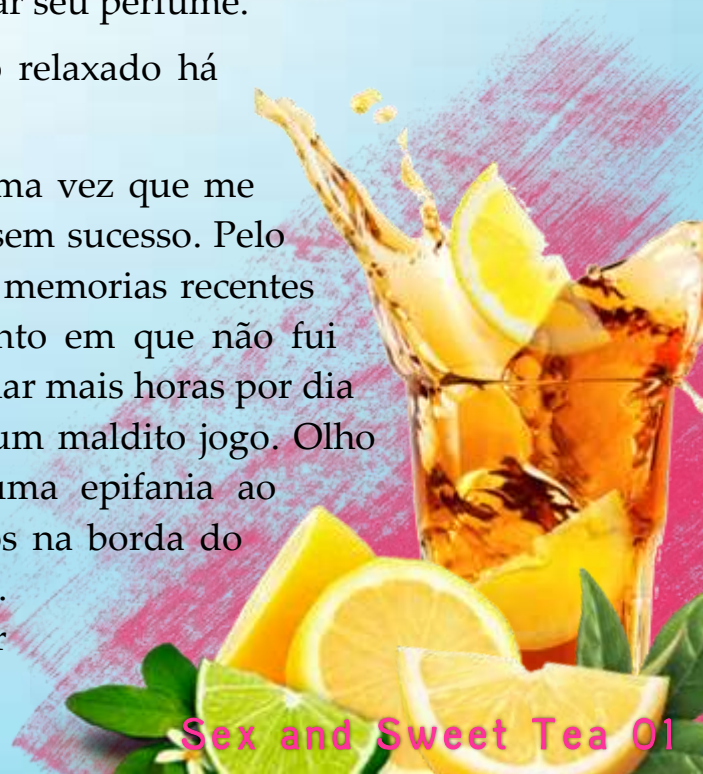
Outro detalhe que descobri rapidamente é que a pesca é um esporte "silencioso", já que quando tentei perguntar a Pap sobre seu tempo como fuzileiro naval, ele, sem maldade, disse: — Garoto... se você ficar falando, vai assustar os peixes.

Após essa declaração, eu fechei minha boca e fiquei feliz por Gerry não estar aqui pescando conosco. Creio que ele teria atirado em mim.

Então, sem poder conversar, me concentro em coisas aleatórias, como o ritmo suave do barco - que é mais fácil de tolerar agora que já estou na metade do processo de digerir meu café da manhã - o som da linha quando é puxada, o som da vara de pescar conforme a manipulo. Também sinto o ar começar a aquecer à medida que o sol nasce, fazendo o frio constante se transformar numa leve brisa, e posso ouvir os gansos que estão longe, e sentir o cheiro dos pinheiros. Talvez seja minha imaginação, mas posso sentir até mesmo o cheiro do xampu de Trixie — maçã-verde — o que me lembra de como eu costumava adorar enfiar meu nariz em seu cabelo e inalar seu perfume.

E Jesus... não me lembro de estar tão relaxado há muito tempo.

Minha mente tenta se lembrar da última vez que me afastei um tempo do trabalho para relaxar, sem sucesso. Pelo menos não há qualquer registro em minhas memórias recentes de férias de verdade, ou de algum momento em que não fui obrigado a seguir uma agenda, ou há trabalhar mais horas por dia para poder folgar quando quisesse assistir um maldito jogo. Olho rapidamente para Trixie e quase tenho uma epifania ao observar o solado de seus chinelos apoiados na borda do barco, e o sorriso sereno e feliz em seu rosto. Causa uma dor no centro do meu peito saber



que esse momento é uma das razões pelas quais ela voltou para Whynot após a faculdade. E estranhamente percebo também uma pequena corrente de ciúme borbulhando em minhas veias.

De repente minha vara se mexe minhas mãos, me afastando dos meus pensamentos quando instintivamente sou obrigado a segurá-la mais firmemente. Logo sinto algo puxando também, fazendo a vara se dobrar em um grande arco.

— Puta merda, — exclamo enquanto me sento mais reto no barco.

— Esse é grande, — Pap diz, e Trixie ri com prazer. — Agora... puxe a vara para cima e enrole a linha.

Eu planto meus pés com força no fundo do barco e giro a manivela para enrolar a linha, meu coração acelerado por não saber o que está preso na ponta do anzol, embora pareça enorme. Eu enrolo, enrolo e enrolo, observando conforme o fim da linha se aproxima do barco, até que posso ver um flash marrom-acinzentado se movendo na água. Eventualmente o peixe mergulha profundamente outra vez, mas eu continuo enrolando e puxando.

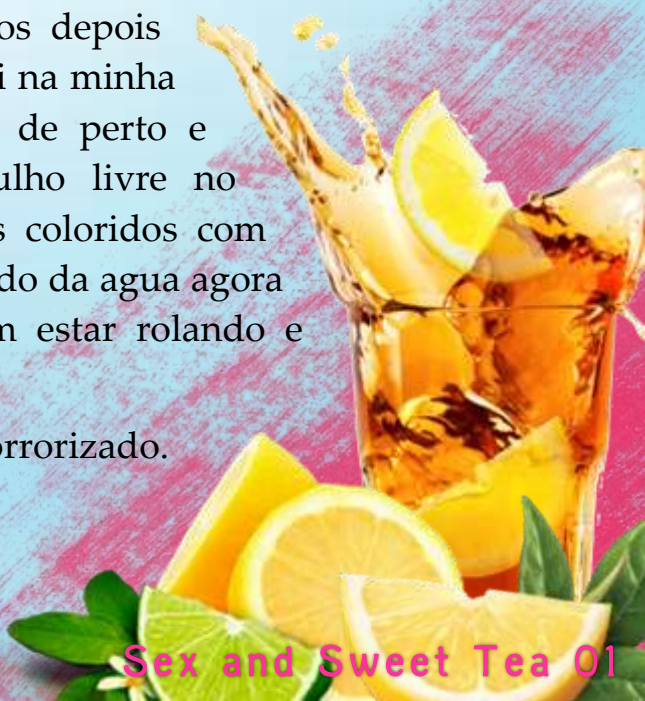
Pap coloca sua vara de lado, pega uma rede e se inclina para frente, equilibrando-se com uma mão na borda do barco. Eu dou outro poderoso puxão, e o peixe vem à superfície.

— Oh, meu Deus, — Trixie praticamente grita de excitação, se inclinando ainda mais perto de mim. — Ele pegou o Ol' Mud¹⁰. Eu era pouco maior que um gafanhoto da última vez que alguém conseguiu isso.

Pap grunhe em reconhecimento, pegando a rede e mergulhando-a na água, abaixo da minha linha. Ele então começa a levantá-la, me ajudando no processo de tirar o peixe da água, e segundos depois podemos ver o maior e mais feio peixe que já vi na minha vida. Não que eu tenha visto muitos peixes de perto e pessoalmente. Quero dizer, eu já fiz mergulho livre no Cayman, uma vez, mas havia somente peixes coloridos com caudas longas e fluidas para ver. Esta coisa saindo da água agora tem cor de lama, olhos enormes que parecem estar rolando e longos bigodes em torno da boca.

— Que diabos é essa coisa? — pergunto horrorizado.

¹⁰ Velho Lama – Nome do Peixe.



— Isso é um bagre de cabeça chata¹¹, — Pap diz à medida que o transporta e com cuidado o tira da rede com praticada eficiência. Então ele puxa o anzol do canto da boca do peixe e o segura para que eu o veja.

O peixe é enorme e se balança nas mãos de Pap, que o agarra firmemente antes de empurrá-lo na minha direção. — Quer segurá-lo?

Eu recuo um pouco. — Hum... Não, mas obrigado.

Trixie ri atrás de mim. — Oh, Deus... Ele não é precioso?

Pap bufa com minha recusa, mas estranhamente não me dá muita merda a respeito. — Faça como quiser. Tire uma foto, Trixie.

Eu me viro no banco e assisto Trixie puxar seu telefone do bolso. Pap se aproxima de mim e segura o maldito peixe - que, além de feder a peixe, cheira a lama também - acima do meu ombro e ri: — Sorria para a câmera, garoto da cidade.

Trixie segura o telefone, sorrindo brilhantemente enquanto tira uma foto minha e de Pap enquanto ele segura o bagre fedorento de olhar ameaçador. Eu sei que minha virilidade levou um baque, dada minha recusa em segurar o peixe, e não posso dizer que estou emocionado com isso, mas merda... Não vou pedir desculpas pelo meu fracasso em lidar com essa coisa fedorenta.

Para minha surpresa, porém, Pap se inclina sobre a lateral do barco e desliza o peixe suavemente de volta na água enquanto murmura: — Até nosso próximo encontro, Ol' Mud.

—Você o soltou? — Pergunto, incrédulo. Apesar da coisa ser assustadora, eu já comi bagres antes, e eles são deliciosos. Eu também testemunhei em primeira mão Catherine cozinhar, e aposto que ela faria coisas celestiais com esse peixe. Além disso... Eu pensei que era isso o que se fazia no Sul: caçar a coisa e comê-la.

— O Ol' Mud está no lago há anos, — diz Trixie a título de explicação. — Ele raramente é pego, e nós sempre o soltamos quando eventualmente acontece. Ele é como um ícone por aqui. O fato que você tê-lo pego, e pela manhã ainda por cima, é



surpreendente.

— Sério? — Eu pergunto, um discreto rugido de orgulho ressoando em meu peito.

— Cabeças chatas normalmente dormem durante o dia, geralmente debaixo dos detritos do lago, — Pap explica. — Eles são mais fáceis de pegar à noite, e eu acho que o Ol' Mud nunca foi pego durante o dia, certo, Trix?

— Certo, Pap, — ela diz antes de piscar para mim. — Acho que ainda podemos transformá-lo em um garoto do sul, Ry.

Eu bufo. Sem chances. Apesar de estar desfrutado do meu tempo aqui nesta manhã relaxante, certamente não quero participar de qualquer parte do que acontece depois que os peixes são pegos. Embora eu tenha que admitir que esta manhã teve seus méritos, mesmo com minha ressaca ruim.

— Temos que ir andando, — Trixie diz quando olha para o sol. Porque ela não olhou para o relógio em seu telefone está além de mim, mas ela parece bastante satisfeita com sua decisão de partir baseada unicamente na altura do sol no céu. — Temos trabalho de advogado para fazer hoje.

Isso é verdade. O plano para o dia de hoje consiste em ir ao escritório de Trixie e me inteirar dos arquivos que ela tem sobre o caso de Dan Ogletree, então pegar um voo noturno em Raleigh e voltar para Boston.

Honestamente, quando pisei na Carolina do Norte no dia anterior tinha apenas um objetivo em mente: ajudar uma colega num caso e voltar para Boston o mais rapidamente possível. No entanto, agora não consigo deixar de sentir que ainda não tive tempo suficiente com Trixie.

E isso não faz sentido nenhum, porque ela não tinha nada a ver com meus objetivos reais quando cheguei aqui. No máximo eu teria apreciado um ponto final definitivo, considerando que ela permaneceu em meus pensamentos ao longo dos últimos onze anos. Mas, em vez disso, parece que consegui apenas uma nítida inquietação com a ideia de ir embora daqui esta noite.



CAPÍTULO 7

Trixie

Se eu me inclinar para a esquerda — só um pouquinho, diga-se de passagem — posso ver o pequeno escritório através do corredor, que contém uma mesa de trabalho redonda e quatro cadeiras. Ry está ali, de costas para mim, sua cabeça curvada sobre o arquivo de Ogletree que lhe passei enquanto lê atentamente os documentos do caso. Seu notebook está aberto e um pouco afastado, e de vez em quando ele se vira na cadeira para fazer algumas anotações.

Com o homem mais sexy que já conheci sentado a apenas seis metros de mim, tenho tido dificuldade em me concentrar no meu próprio trabalho, que consiste em revisar finanças chatas. Eu venho adiando a conferencia das minhas contas correntes - três, contando com as do escritório de advocacia — porque isso é uma das coisas que mais odeio sobre ser minha própria chefe. Eu odeio matemática, odeio dinheiro — ou a falta dele — e odeio o estresse que vem disso tudo.

É mais fácil me inclinar na cadeira e apreciar a vasta largura das costas e ombros de Ry. E justamente porque ele é Ry, um advogado de alto padrão, ele escolheu vestir um terno para vir ao escritório, mesmo depois da nossa expedição de pesca no início desta manhã. Eu, no entanto, por estar fazendo nada além da revisão das contas correntes, escolhi uma calça jeans muito usada e rasgada em um joelho, uma camisa cinza sem mangas com minúsculos botões irregulares no decote e uma sandália branca sem salto. Normalmente meu cabelo estaria preso em um rabo de cavalo e não haveria nada de maquiagem no meu rosto, mas hoje reservei um tempo para arrumar meu cabelo e adicionar um pouco de blush, sombra e rímel em meu rosto.



Fodido Ry, por me transformar em uma mulherzinha de novo.

Meu iPhone toca, me assustando tanto que me sento direito em minha cadeira, quase fazendo o Ry se virar e olhar em minha direção. Eu morreria se ele me pegasse observando-o trabalhar, a propósito.

— Alo? — Atendo.

— Ei, Trix, — uma voz doce e melosa diz do outro lado. — É Kelsie.

— Ei, Kelsie, — respondo para a secretária do tribunal. Ela é uma boa amiga, e não só porque me indica para alguns casos - se alguém for preso neste município e precisar de um advogado, ela vai me ligar. Não, o mais importante é que nós gostamos de ir ao Chesty's para jogar dardos e beber cerveja nos finais de semana. Ela é solteira, assim como eu, e nós sabemos que não há qualquer esperança para nossa vida amorosa no bar de Pap, mas dardos e cerveja é exatamente o que fazemos.

— Escute... Nós temos um caso aqui, — ela diz lentamente.

— Eu não posso, — digo rapidamente. Porque sim, tenho coisas mais importantes para fazer agora, como olhar para Ry e ficar aqui com ele, caso seja necessário falar sobre o caso Ogletree. Ou sobre a vida em geral. Que mal faria um pouco de flerte inofensivo, certo?

— É o Lowe, — ela diz calmamente, e isso me faz sentar reta em minha cadeira.

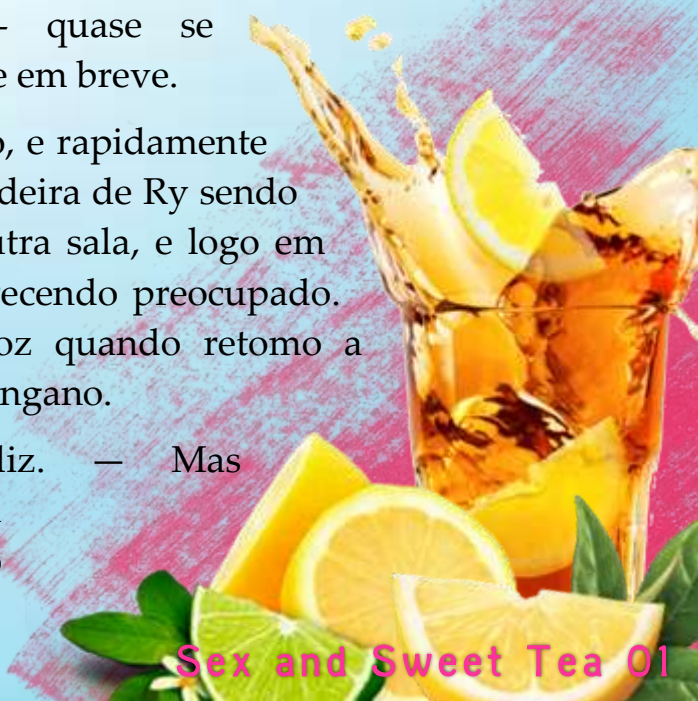
— O quê? — Eu agarro o telefone.

Meu irmão Lowe?

— Ele foi preso por invasão, assalto e destruição de propriedade privada — Ela diz suavemente no telefone - quase se desculpando. — Ele vai encontrar o Juiz Bowe em breve.

Eu xingo, ainda com o telefone na mão, e rapidamente me levanto da cadeira. Ouço vagamente a cadeira de Ry sendo arrastada pelo velho piso de madeira na outra sala, e logo em seguida o vejo parado em minha porta, parecendo preocupado. Eu odeio o som de suplica em minha voz quando retomo a conversa pelo telefone: — Certamente é um engano.

— Desculpe, Trix, — Kelsie diz. — Mas aparentemente ele realmente arrombou todas as portas da casa dos Mainers e não



deixou que a equipe de funcionários entrasse. Ele tinha uma espingarda, por isso foi acusado de assalto.

A acusação de assalto é grave - ele nem precisa ter efetivamente machucado outro indivíduo ou encostado uma mão em alguém para conseguir ser enquadrado como assaltante. A única coisa necessária para isso seria balançar aquela arma de forma ameaçadora, pois esse comportamento puro e simples já seria considerado assalto de acordo com a lei da Carolina do Norte.

— Você tem que estar brincando comigo, — eu rosno, uma onda de raiva contra meu irmão tomando conta de mim. — Eu disse a ele para deixar essa merda em paz.

— Trixie? — Ry indaga da porta. Seu tom de voz é baixo e reconfortante, mas tingido com preocupação. Meus olhos encontram os dele, mas eu não respondo.

Em vez disso, digo no telefone: — Estarei logo aí.

Passando meu dedo com raiva pela tela do meu telefone para desligar a chamada, bato com minha outra mão na mesa, completamente frustrada.

— O que está acontecendo? — Ry pergunta quando entra em meu escritório, caminhando até o lado oposto da minha mesa.

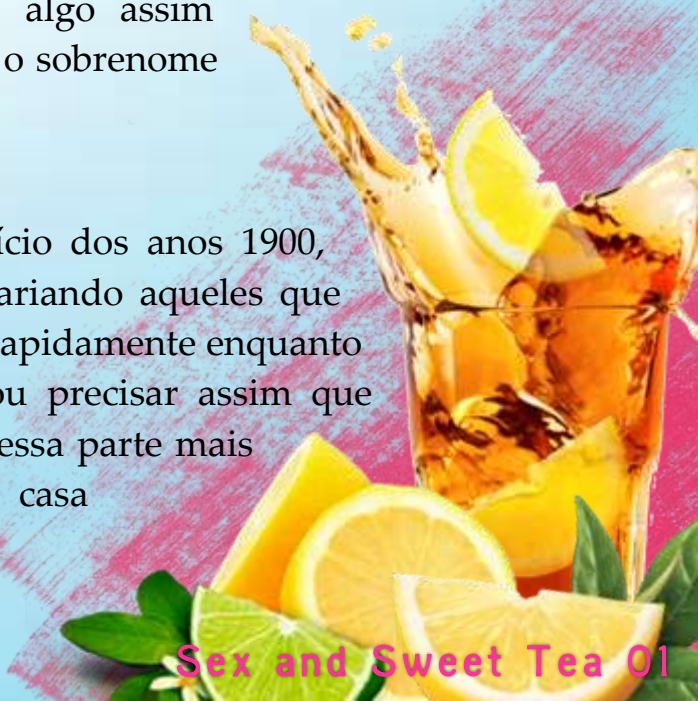
Meu olhar sobe e se encontra com o dele. — Meu irmão estúpido, Lowe, acabou de ser preso.

— Por quê? — Ele pergunta calmamente.

Eu respiro fundo três vezes antes de contar a história - é uma *longa* história, e eu deveria ter imaginado que algo assim aconteceria cedo ou tarde. — Você sabe que o sobrenome da família da minha mãe é Mainers, certo?

Ele acena, concordando.

— Bem, uma parte da família, no início dos anos 1900, decidiu que preferia viver na cidade, contrariando aqueles que queriam viver na fazenda, — eu conto a ele rapidamente enquanto começo a arrumar minha pasta, à qual vou precisar assim que atravessar a rua para o tribunal. — E então essa parte mais cosmopolita da família construiu uma casa enorme e elegante na quadra aqui ao lado.



Eles ocupam-na por algumas décadas, mas eventualmente acabaram se mudando para outro lugar, já que definitivamente não foram talhados para a agricultura ou para a vida numa cidade pequena. De qualquer forma, mantivemos a casa na família por um longo tempo, mas como ela estava vazia, acabava causando apenas prejuízo, por causa dos impostos sobre a propriedade, manutenção, etc. É uma casa histórica que chegou a ser tombada em determinado momento, mas no final acabamos por vendê-la. Simplesmente não fazia sentido financeiramente mantê-la, já que nenhum de nós morava lá.

— E o que isso tem a ver com Lowe?

Empurro três blocos de papel amarelo, um marcador e duas canetas na minha pasta, deslizando a alça sobre meu ombro. — Lowe foi veementemente contra a venda da casa, defendendo que ela deveria permanecer na família. Ele teria adorado comprá-la e morar lá, inclusive, mas não tinha dinheiro suficiente para isso.

— Era ele que estava fazendo trabalhos de carpintaria quando você estava na faculdade, certo? — Ry pergunta. — Ele é o que... Dois anos mais novo que você?

Eu aceno, espantada e profundamente tocada por Ry se lembrar de tantos detalhes sobre minha família. — Ele ainda trabalha com carpintaria. Trabalha por conta própria e faz objetos de madeira incrivelmente belos. Mas, é uma vida modesta. De jeito nenhum ele poderia ter conseguido comprar aquela casa, e apesar dele ter entendido o motivo de mamãe e papai decidirem vendê-la, não ficou feliz com isso.

— Quem comprou?

— Uma mulher de Nova York, — respondo sem jeito enquanto rodeio minha mesa. — Ela compra casas extravagantes e depois as destrói, remodela e decora, apenas para vendê-las novamente em seguida. Mas eu ouvi um rumor que ela estava procurando uma casa de férias, então pode ser que esteja vivendo lá, parcialmente.

— E o que Lowe fez para ser preso? — Ele pergunta enquanto se afasta para me deixar passar, me seguindo até a sala de entrada.



— Aparentemente ele arrombou as portas, e quando a equipe de funcionários chegou para trabalhar esta manhã, não os deixou entrar. Ele os ameaçou com uma espingarda, — resmungo antes de adicionar: — Estúpido idiota.

— E para onde vamos agora? — Ry pergunta, me fazendo parar pouco antes de abrir a porta da frente.

Me virando para olhar para ele, respondo: — Eu vou soltá-lo. Você não precisa vir.

— E perder a oportunidade de vê-la em ação? — Ele pergunta com um sorriso. — Acho que não.

Não posso evitar: meus lábios se curvam em um leve sorriso. — Como quiser.

— Você vai para o tribunal vestida assim? — Ele pergunta incrédulo, seu olhar passando pelo meu corpo e voltando ao meu rosto novamente.

— Não tenho escolha, — eu digo a ele enquanto me viro e abro a porta. — Lowe está se preparando para comparecer perante o Juiz Bowe, e esse juiz é um filho da puta. Ele pode até me jogar na prisão por entrar em seu tribunal desse jeito, diga-se de passagem. Embora isso não seja novidade.

— Você já foi jogada na prisão? — Ry pergunta um pouco alarmado enquanto saímos do meu escritório.

— Duas vezes por desacato ao tribunal, — respondo.

A caminho do tribunal, que fica do outro lado da rua do meu escritório, verifico os dois sentidos da via, observando que não há tráfego, e então atravesso. — E ambas as vezes por ordem do juiz Bowe.

— O que você fez? — Sua voz soa ligeiramente histérica enquanto ele caminha ao meu lado.

Quando meus pés alcançam a calçada outra vez, lhe dou as versões rápidas das histórias: uma vez por discutir com o juiz quando ele me disse para parar, e eu, bem... não parei - mesmo quando o oficial de justiça estava me tirando à força do tribunal, eu simplesmente continuei discutindo, diga-se de passagem. E a segunda vez foi quando apareci no tribunal vestindo jeans: ele achou que foi desrespeitoso.



— Jesus, Trixie, — ele murmura enquanto caminhamos rapidamente pela grama até alcançarmos os degraus da frente do tribunal — Eles aceitam cartões de crédito para pagamento de fiança? Porque vou ter que pagar a sua fiança também, você sabe.

— Eu acho que só dinheiro, — digo a ele completamente despreocupada com essa perspectiva. — Mas não se preocupe, há um caixa eletrônico no tribunal.

— Jesus, — ele murmura novamente.

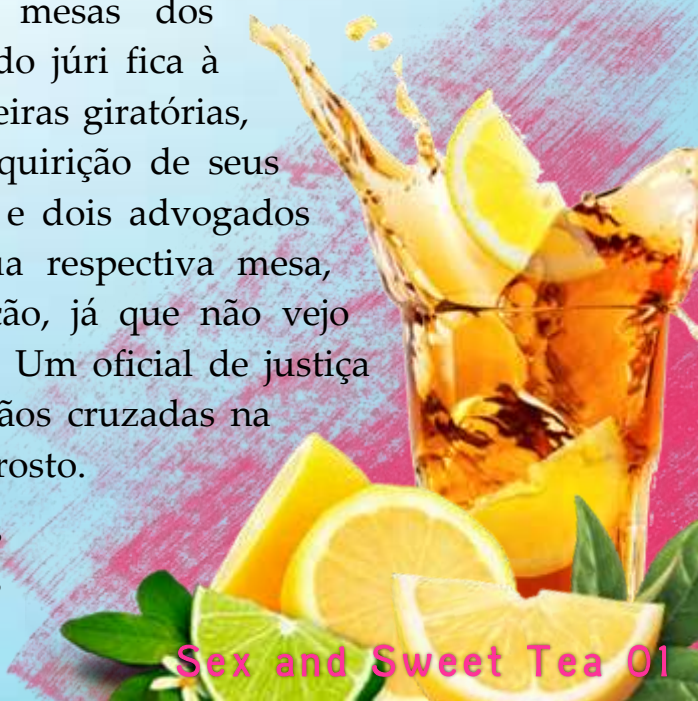
Entramos no tribunal. Ele tem esse cheiro de mofo dos livros antigos e tinta de chumbo, mas é um cheiro que eu adoro. É como o direito cheira para mim, visto que passo muito tempo aqui. Os pisos de azulejos são sujos, a pintura branca nas paredes está descascando um pouco, mas a grandeza das escadarias, com sua curvatura dupla, albergando desde a entrada principal até o segundo andar, não pode ser ignorada. Este tribunal foi realmente muito bonito em seu apogeu, e desejo muitíssimo que nosso município possa arrecadar dinheiro suficiente para restaurar esse antigo prédio, devolvendo sua dignidade.

Eu corro até a escada, com Ry em meus calcanhares. Virando à direita, empurro as portas duplas de vaivém, virando novamente na primeira à esquerda e dando de cara com outro conjunto de portas giratórias. Há uma placa de bronze na parte externa próxima a elas que diz:

Sala do Tribunal Um — Juiz Winston Bowe

A maioria dos tribunais são iguais: quatro fileiras de bancos de madeira compõe a tribuna, com carpete verde-floresta por baixo. Também há uma espécie de meia parede, dividindo as mesas dos conselheiros e o banco do juiz. A tribuna do júri fica à direita, e à esquerda fica uma fileira de cadeiras giratórias, onde advogados se sentam à espera da inquirição de seus clientes. Juiz Bowe já está em sua cadeira, e dois advogados estão de pé diante dele, cada um em sua respectiva mesa, argumentando o que parece ser uma moção, já que não vejo nenhum cliente sentado às mesas com eles. Um oficial de justiça está à direita da cadeira do juiz, com as mãos cruzadas na frente de seu corpo e um olhar entediado no rosto.

Os bancos da galeria estão ocupados com algumas pessoas, e quase todas as



cabeças giram em nossa direção quando entramos. O olhar do Juiz Bowe nos encara por um segundo antes de retornar para o advogado que está falando com ele, apenas para me encarar novamente em seguida.

Ele finalmente levanta um braço, aponta um dedo diretamente para mim, e diz: — Dê meia volta e saia daqui, senhorita Mancinkus.

— Mas, meritíssimo, — eu digo, continuando a caminhar pelo corredor, ainda com o Ry ao meu lado. — Tenho um caso importante que será apresentado a você...

— Sim, seu irmão, — Juiz Bowe responde e, honestamente, nem fico surpresa que ele saiba disso - é uma das características de “cidades pequenas”. Os juízes com os quais Ry lida em Boston não conheceriam os detalhes de nenhum caso até que estes fossem levados diretamente a ele ou ela. — Ele está com sérios problemas, mocinha.

— Sim, eu entendo, — respondo destemidamente antes de parar perante a porta giratória que leva ao meio da sala. Ry para ao meu lado quando rearranjo minha pasta em meu ombro e continuo com meu argumento. — E eu juro que vou ficar deste lado do tribunal - isso não violaria seu código de vestimenta - farei com que minha aparição seja rápida e então seguirei meu rumo...

Juiz Bowe me interrompe, levantando a mão com a palma virada para mim — uma indicação clara para me fazer calar a boca. Eu sei disso porque ele já usou este movimento comigo antes. Com o canto do olho, posso inclusive ver Ry alcançar sua carteira, se preparando para pegar seu cartão de débito para pagar minha fiança, sem dúvida.

— Senhorita Mancinkus, — Juiz Bowe diz, tirando seus óculos e esfregando os olhos cansados. Ele então olha de volta para mim e continua: — Você sabe que me ofende quando aparece em meu tribunal vestida como uma caipira. Podemos ser uma pequena comunidade, mas ainda temos padrões. Eu sugiro que você vá para casa e vista roupas adequada antes de se dirigir a este tribunal.

— Mas, meritíssimo... — eu imploro.



Juiz Bowe se vira para olhar para o oficial de justiça. — Sargento Cooke... Se você puder escoltar a senhorita Mancinkus para longe da minha vista...

— Meritíssimo, — digo rapidamente, me virando para agarrar o braço de Ry e puxá-lo para mais perto de mim. — Eu gostaria de fazer uma moção muito rápida para admitir Ryland Powers na Carolina do Norte. Ele poderá, então, representar meu irmão, e eu apenas me sentarei calmamente em um desses bancos. Não vou mais incomodar você dessa forma.

Os olhos do Juiz Bowe reviram, talvez pedindo a Deus paciência antes de encarar Ry.

— Sr. Powers... Onde o senhor atua?

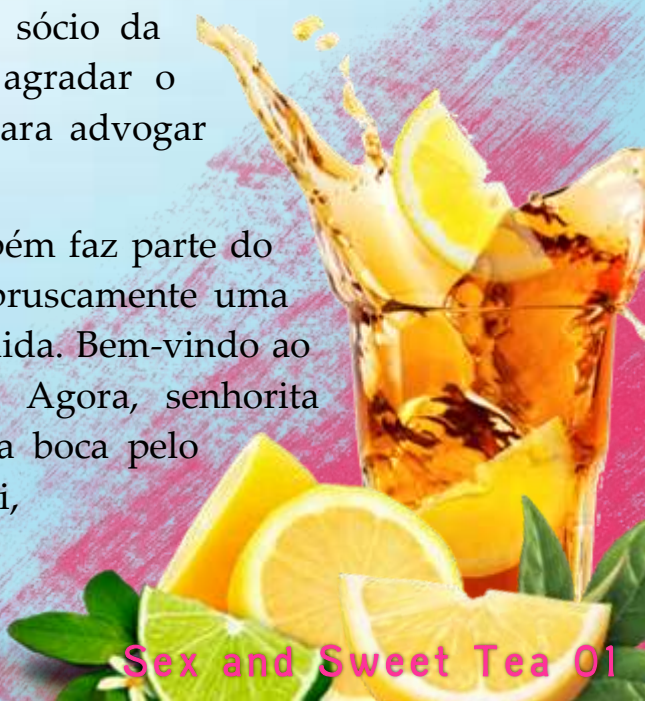
— Massachusetts, Nova York e Illinois, — ele diz calmamente.

— E qual é a sua área?

Estou realmente surpresa que o Juiz Bowe esteja permitindo que isso continue, considerando como ele estava pronto para me expulsar daqui há pouco. Mas, eis aqui um segredo que somente eu sei: se alguém prestasse atenção na ligeira curva dos lábios do juiz, saberiam que ele está realmente se divertindo com as minhas travessuras. Na verdade, pelo sutil brilho em seus olhos, eu diria até que ele está apreciando esta pequena comoção no que poderia ter sido apenas mais um dia comum e maçante. Ele e eu sabemos que me jogar na cadeia é secretamente o destaque de seus dias.

— Criminal e civil, — Ry lhe diz sucintamente. E justamente porque já sabe quais serão as próximas perguntas, depois de ter sido admitido muitas vezes antes em outros estados, acrescenta: — Minha licença está em boas condições, sem censuras ou reclamações. Sou sócio da empresa Hayes Lockamy, em Boston, e, se agradar o tribunal, ficaria feliz em aceitar a nomeação para advogar legalmente em seu estado.

Juiz Bowe grunhe para Ry, mas isso também faz parte do jogo. Ele então levanta o martelo, batendo-o bruscamente uma vez antes de dizer: — Que seja. Moção concedida. Bem-vindo ao tribunal da Carolina do Norte, Sr. Powers. Agora, senhorita Mancinkus... sente seu traseiro e não abra sua boca pelo resto do tempo que tiver que permanecer aqui, ok?



— Com certeza, Meritíssimo, — digo agradecidamente antes de sentar na primeira fileira, onde tento não deixar escapar um sorriso convencido.

Juiz Bowe se vira para os advogados que estavam discutindo perante ele e diz: — Me desculpe pela interrupção. Por favor, continuem.

Ry senta no banco ao meu lado, se inclinando ligeiramente para a direita antes de sussurrar: — Juiz Bowe gosta muito de você.

— Eu sei, — sussurro, sem me preocupar em disfarçar o triunfo em minha voz. Parece que Ry já está familiarizado com o segredo de que o Juiz Bowe realmente gosta de mim. — Ele também gosta que eu o enfrente. Ninguém nestas bandas tem bolas para fazer isso.

— Ele te respeita.

Faço um breve aceno de reconhecimento, mas depois me viro para olhar para Ry, tentando não parecer muito paternalista. — Você consegue fazer isso para o meu irmão, certo?

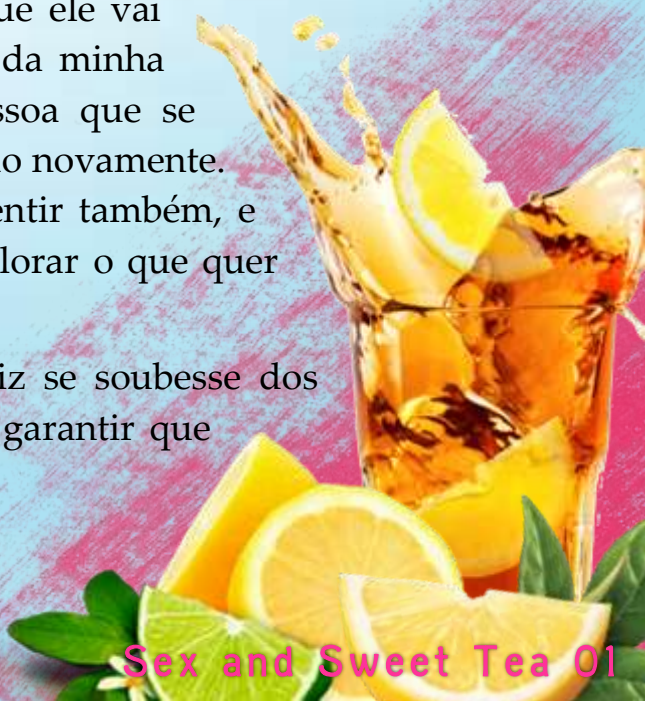
— Consigo, — ele me assegura, confiante. — Não preocupe sua linda cabecinha.

Meus ombros relaxam de alívio quando me inclino um pouco mais perto de Ry. — É uma pena você está voltando para Boston esta noite. Eu realmente te devo por isso.

E isso é tudo que eu falo – deixe ele interpretar minhas palavras como quiser.

Eu sei o que eu quero, porém, embora minhas intenções não estejam em pauta aqui. O fato é que acabei de abrir uma porta para Ry poder ficar aqui em vez de voltar para Boston, e me pergunto o que ele vai fazer com isso. Foi um movimento impulsivo da minha parte, admito, mas sempre fui o tipo de pessoa que se arrisca. Além disso... nós estamos nos conectando novamente. Eu posso sentir isso, e espero que ele possa sentir também, e que fique mais um dia para que possamos explorar o que quer que seja que está acontecendo.

Pap com certeza estaria franzindo o nariz se soubesse dos pensamentos que estou tendo, então terei que garantir que não direi uma palavra a ele sobre nada disso.



Ain't He Precious?

Juliette Poe

Me virando para encarar o juiz novamente, ouço atentamente os dois advogados discutindo sua monção enquanto aguardo nossa vez na tribuna.



CAPÍTULO 8

Ryland

Eu trouxe dois ternos, um jeans, um short, uma camiseta e três camisas sociais comigo nesta viagem. E claro, sapatos para os ternos, mocassins para a calça jeans e tênis para os shorts. Acontece, porém, que é apenas quinta-feira agora, e eu sei que de jeito nenhum essas roupas vão durar até o final de semana - muito menos até a próxima semana. A audiência de conciliação está marcada para a próxima quarta-feira, então obviamente que eu poderia lavar e secar minhas roupas até lá, mas de qualquer forma precisaria de mais algumas roupas casuais e de roupas íntimas. E de jeito nenhum eu deixaria a mãe de Trixie lavar minha roupa — embora tenha certeza que ela se ofereceria, já que decidi ficar mais alguns dias.

E sim, eu sei que pode parecer uma jogada idiota, mas vou ficar.

— São R\$ 1.257,45, — a vendedora fala assim que termina de embalar minhas roupas.

Trixie nos levou para Raleigh, para que eu pudesse fazer algumas compras rápidas para ter o que vestir pelos próximos seis dias, até o dia da audiência, já que as roupas vintage da Lady Marmalade na East Wilmington Street em Whynot não eram bem o que eu estava procurando, e os macacões jeans do estoque do Emporium Hardware Floyd também se mostraram completamente insatisfatórios.

Eu entrego meu cartão de crédito para a vendedora enquanto Trixie murmura: — Não posso acreditar que você gastou tanto em roupas para usar apenas por alguns dias.

Seguro uma risada: Trixie certamente morreria se visse o que gastei em todos esses anos com roupas. Eu deveria provocá-la sobre seus



macacões jeans ou jeans rasgados nos joelhos, inclusive, mas a verdade é que não consigo. Pelo menos não quando ela parece tão linda nesse vestido de verão azul pálido, com mangas que terminam acima de seus cotovelos, um modesto decote e sapatilhas brancas simples.

Seu cabelo escuro está preso em um rabo de cavalo hoje, e pequenas mechas fugitivas emolduram lindamente seu rosto. Sua pele está levemente bronzeada e seus olhos castanhos estão brilhando, quase como se ela estivesse feliz por estar saindo de casa comigo.

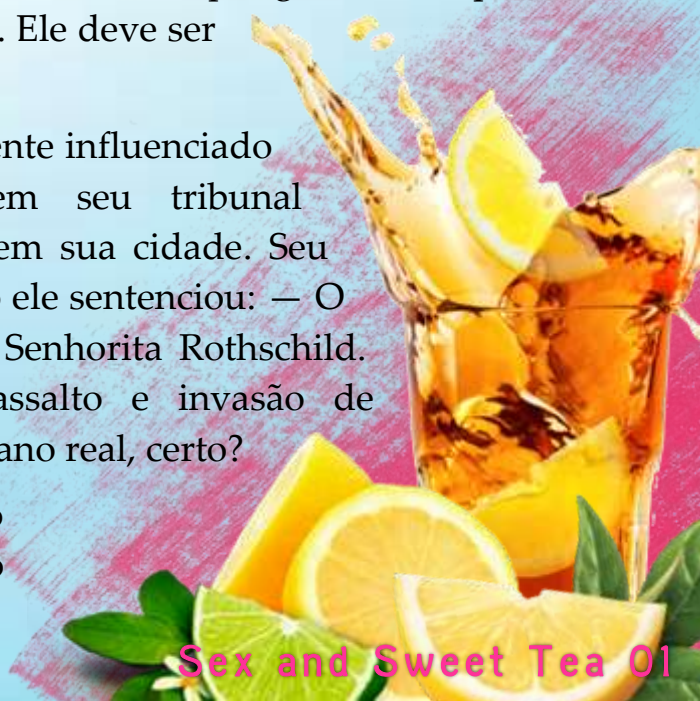
Suponho que isso seja natural, considerando o que aconteceu esta manhã com a prisão do irmão dela. A proprietária da casa que Lowe invadiu e defendeu com uma espingarda - para ser justo, tenho que dizer que ele só se sentou no degrau superior da varanda e apoiou a arma inofensivamente em seus joelhos enquanto barrava a entrada dos funcionários - estava no tribunal, exigindo que todo o rigor da lei recaísse sobre ele.

Eu estava sentado à mesa de defesa, com Lowe ao meu lado, e pude verdadeiramente sentir o olhar mortal de Trixie na mulher. O nome dela é Melinda Rothschild, e não resta dúvida de que ela é de Nova York. Ela estava vestida a caráter, inclusive, num terno de grife e com uma bolsa que eu aposto que custa mais do que todas as bolsas das mulheres da cidade de Whynot e da população circundante do condado de Scuppernong juntas. Tenho que confessar, porém, que Melinda estava surpreendentemente bem composta, considerando que não pode ter mais que vinte e poucos anos – mas, vestida conforme a moda típica de Nova York, ela não deixava nada a desejar.

Em determinado momento, ela apontou um dedo elegante e polido para Lowe e disse: — Juiz Bowe... Este homem é um bandido perigoso, e não pode ser autorizado a andar livremente pelas ruas. Ele deve ser jogado na prisão por seus atos miseráveis.

Por sorte o Juiz Bowe não é tão facilmente influenciado pelos visitantes Yankes que entram em seu tribunal determinando como ele deve aplicar a lei em sua cidade. Seu tom foi seco e não admitia discursão quando ele sentenciou: — O tribunal levou em conta suas informações, Senhorita Rothschild. Mas estou rejeitando as acusações de assalto e invasão de propriedade, visto que não houve nenhum dano real, certo?

A Senhorita Rothschild ofegou pelo fato do Juiz Bowe minimizar o



comportamento de Lowe, e eu tive que conter um sorriso, visto que isso foi loucamente fantástico para Trixie e eu. Foi o equivalente à verdadeira comida caseira em seu auge, algo que nunca tive o prazer em presenciar em Boston. Acontece que na cidade grande existem muitos juízes, muitos advogados e muitos réus, o que torna impossível conseguir formar algum tipo de vínculo. No entanto, aqui em Whynot, o Juiz Bowe claramente favoreceu um residente da comunidade local, descartando as acusações mais graves.

— Eu irei, no entanto, aceitar a acusação de destruição de propriedade privada, — ele continuou. — Sr. Powers, se seu cliente quiser aceitar um acordo de culpa, irei sentenciá-lo à restituição do que foi danificado, e há dez horas de serviço comunitário.

Visto que eu não pretendia deixar essa oferta passar, me inclinei para Lowe e sussurrei: — Você tem que aceitar. Não vai ficar melhor que isso, e não há nenhum período na prisão envolvido.

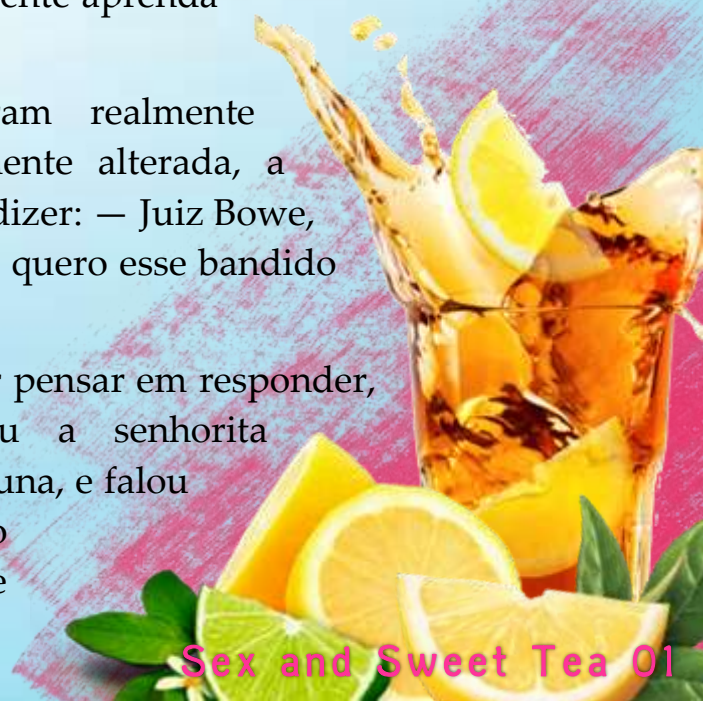
— Parece bom, — ele respondeu baixinho, agradecido.

— Meritíssimo, — eu disse com as costas retas e encarando a tribuna. — O Sr. Mancinkus vai aceitar o acordo de culpa por destruição de propriedade privada.

— Jogada inteligente, — Juiz Bowe me elogia, mas vamos lá... Não houve realmente uma escolha ao aceitar esse enorme presente que ele nos deu. — Quanto à restituição, ordeno que seja feita em forma de trabalho real. Senhor Mancinkus... isso significa que você não vai pagar pelos danos, mas que vai empregar suas habilidades para consertar o que destruiu. Acho que isso é altamente apropriado, considerando sua profissão. Esperamos que isso também lhe dê uma lição, e que você finalmente aprenda que deve manter suas mãos para si mesmo.

E foi então que as coisas ficaram realmente emocionantes, já que, com a voz claramente alterada, a Senhorita Rothschild se achou no direito de dizer: — Juiz Bowe, eu sou veementemente contrária a isso. Não quero esse bandido de volta a minha propriedade.

Antes que o Juiz Bowe pudesse sequer pensar em responder, Lowe se inclinou para frente, encarou a senhorita Rothschild, que estava do outro lado da tribuna, e falou com raiva: — Eu também não quero trabalhar para uma Yankee sem noção e



egoísta que tem a intenção de destruir a casa da minha família.

Minha mão bateu com força no ombro de Lowe, e mesmo ele sendo tão grande quanto seu irmão, obriguei-o a permanecer sentado na cadeira ao meu lado, murmurando em voz baixa: — Você precisa calar a merda da sua boca.

Nesse momento, juiz Bowe bateu seu martelo, e observou severamente toda a sala antes de falar: — Minha sentença é esta. Se você não fizer o trabalho, Sr. Mancinkus, poderá desfrutar da hospitalidade da nossa cadeia. E senhorita Rothschild, nunca mais pise em minha corte exigindo algo de mim. Se o fizer, receio que poderá se juntar ao senhor Mancinkus na cadeia.

E eu tenho que admitir: essa foi a audiência mais divertida que eu tive em... bem, anos. Eu quase me virei para Trixie para perguntar se ela tinha quaisquer outros casos com os quais eu pudesse lidar.

Mas a emoção das palhaçadas no tribunal rapidamente desapareceu quando saímos: Trixie repreendeu seu irmão por sua estupidez ainda nas escadarias, e isso evoluiu para um concurso de xingamentos entre eles.

— Você é um pirralho mimado e ignorante, — ela jogou na cara dele.

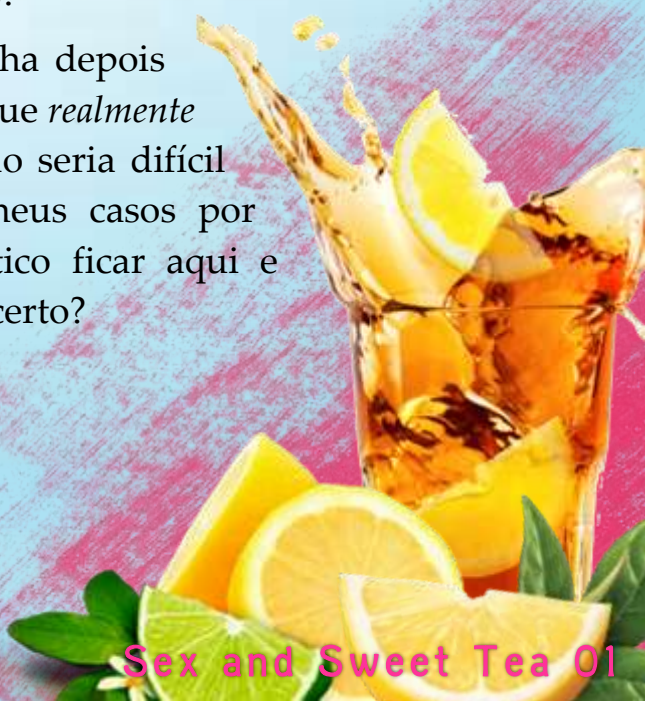
— E você é uma covarde hipócrita, — ele gritou de volta.

Eu fiquei entre eles, apoiando uma mão suavemente sobre o ombro de Trixie e lhe dando um suave aperto, numa espécie de pedido silencioso de silêncio. E pasmem: ela milagrosamente fechou a boca. Lowe, por sua vez, apenas olhou para ela agressivamente e saiu.

E foi nesse momento que, me virando para Trixie, impulsivamente afirmei: — Não vou voltar para Boston. Logo, vou precisar de mais algumas roupas. Será que você pode me levar às compras?

Porque honestamente, que escolha eu tinha depois dela sugestivamente me dizer momentos atrás que *realmente me devia* por ajudar seu irmão? Além disso, não seria difícil para os meus colegas de Boston cobrirem meus casos por alguns dias. Na verdade, seria até mais prático ficar aqui e trabalhar no caso Ogletree na próxima semana, certo?

Certo?



E ao que foi que ela se referiu quando disse que me *devia*? A um aperto de mão? Um tapinha nas costas? Um beijo na bochecha? Beijo com língua? Sexo?

E onde diabos isso nos leva?

Apenas sexo?

Mais sexo?

Outro relacionamento fracassado?

Casamento?

Crianças? Cercas brancas? Pescaria no início das manhãs e cafés da manhã de Catherine nos fins de semana?

Esses pensamentos são interrompidos pela balconista, que me entrega as duas sacolas enormes de roupas que acabei de comprar, sorrindo brilhantemente para mim antes de falar: — Obrigada e tenha um ótimo dia.

Pego as sacolas com uma mão enquanto a outra vai para o meu pescoço, esfregando os músculos tensos devido a ansiedade. Talvez permanecer em Whynot tenha sido uma má ideia, mas o que está feito, está feito.

Trixie e eu saímos da loja de departamentos com as minhas compras, e ela sugere um almoço tardio. Concordo, e paramos rapidamente em seu carro para colocar minhas sacolas antes de nos dirigirmos ao PF Chang, que fica apenas poucas portas à frente.

Durante nosso wrap de alface¹², deixo-a desabafar sobre seu irmão, mas impeço que suas lamentações sigam além do aperitivo. Logo, quando nossas entradas chegam, insisto em mudar de assunto. Entretanto, ela não se acalma — pelo contrário, fica ainda mais irritada. Mas distração sempre foi algo que funcionou com Trixie, então: — Raleigh parece ser uma cidade agradável, — digo num tom leve, esforçando-me para fazê-la relaxar.

Ela revira os olhos para mim, porque, tanto quanto eu sei como lidar com ela quando seu temperamento está alterado, ela também reconhece o fato de que estou lidando com ela.



Aparentemente isso é algo que ela acha adorável, porque corta um pedaço de seu frango com laranja e cede à minha tentativa de mudar de assunto.

— Verdade. É mais arejada, então não tem essa esmagadora sensação de grande cidade, mas ainda proporciona todos os luxos que uma cidade grande oferece, como museus, esportes profissionais, restaurantes, etc.

— Esmagadora é uma escolha interessante de palavra, — observo. — Você não se sentiu assim em Boston, não é?

Me surpreendo quando suas bochechas ficam um pouco vermelhas, e sua voz é relutante quando ela admite. — Sim... Foi um pouco demais para mim.

Minha boca cai aberta quando olho para ela. Como é possível que eu não tenha percebido isso? Nós tínhamos planos de viver em Boston, e houve um momento em que ela estava completamente de acordo.

— Sinto muito, — ela deixa escapar. — Eu sei o que você está pensando... Por que eu sequer considere todos aqueles planos se me sentia dessa forma?

— Tenho que admitir... Que é um pouco surpreendente ouvir isso.

Trixie larga o garfo e nivela seu olhar com o meu. — Ry... Eu amava você. E amava Cambridge. Era pequena e bem... Confortável. Não era pequena como Whynot, mas me lembrava um pouco de casa. Mas, honestamente, eu só considere ficar em Boston por sua causa. Nunca gostei nada daquilo. Havia muitas pessoas. Muito concreto e muito vidro. Muito barulho também. Simplesmente não era para mim.

— Você deveria ter me dito isso antes, — a repreendo com calma, embora não consiga evitar de me sentir um pouco irritado com esta revelação. Porque... quem sabe o que teria acontecido se tivéssemos tido algumas discussões honestas sobre onde queríamos viver e sobre o que poderia servir para nós dois?

— Teria mudado alguma coisa? — Ela me pergunta sem rodeios. — Você estava em Boston. Você queria o trabalho na Hayes Lockamy. Você estudou duramente em Harvard para conseguir essa oferta de emprego. Aquilo era tudo para você.



— Não era *tudo*, — digo a ela bruscamente.

— Talvez não, — ela retruca. — Mas claramente significava mais do que eu. Pelo que me lembro, eu te convidei para estagiar em Whynot, e obtive um retumbante 'não' como resposta.

— Você jogou isso em mim, literalmente, no último minuto, Trixie. — digo com raiva. — *Depois* que eu tinha aceitado a oferta de emprego na Hayes Lockamy. Você não me deu tempo para processar nada disso.

— E você não se preocupou em tentar me convencer a ficar, — ela solta.

— Sério, Trix, — digo, exasperado. — Estou aqui há dois dias, e já te vi em seu elemento. Você nasceu para viver aqui! E aqui é onde você deve estar, sendo uma advogada de cidade pequena, cercada por sua unida - se não louca - família. Isso é o que te traz alegria. Você está seriamente tentando me convencer que teria deixado tudo isso para trás para ficar em Boston comigo se eu tivesse te pedido para ficar?

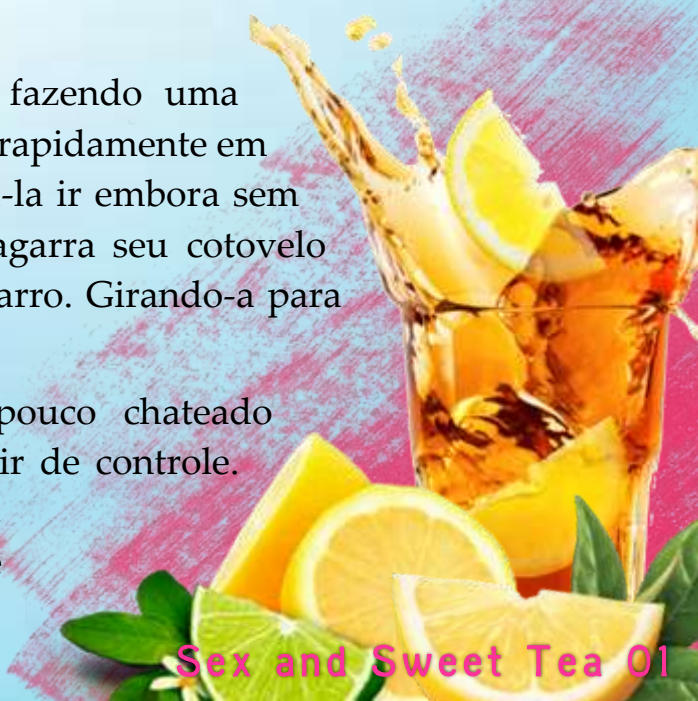
— Não. O que eu estou dizendo, — ela sarcasticamente começa, inclinando-se sobre a mesa - embora eu não perca o brilho das lágrimas em seus olhos, — é que você e eu claramente não fomos feitos para ficar juntos, e que nós dois estamos melhor com as escolhas que fizemos.

Suas palavras me atingem com força, e eu tenho que resistir ao impulso de esfregar meu peito para aliviar a dor. Trixie apenas empurra sua cadeira para trás, se levanta, pega sua bolsa e praticamente sai correndo do restaurante.

— Merda, — murmuro, me levantando também. Pegando minha carteira, deixo dinheiro suficiente sobre a mesa para cobrir a refeição e a gorjeta, e a sigo porta afora.

Eu saio correndo do restaurante, já fazendo uma varredura da área, e vejo Trixie caminhando rapidamente em direção ao seu carro. Como não posso deixá-la ir embora sem mim, corro para alcançá-la, e minha mão agarra seu cotovelo exatamente quando ela alcança a porta do carro. Girando-a para mim, indago: — Que diabos, Trix?

Estou frustrado, com raiva e um pouco chateado comigo mesmo por deixar essa conversa sair de controle. Eu sempre fui o bem-educado entre nós dois, aquele que sempre soube como habilmente



controlar e contornar o temperamento dela.

Ou o meu.

Eu a seguro com as duas mãos agora, esperando outra tentativa de fuga, ou pelo menos algumas reclamações. Em vez disso, porém, ela se joga em mim, dando um pequeno pulo para enrolar os braços ao redor do meu pescoço. Sua boca encontra a minha subitamente, enquanto uma de suas mãos segura meu cabelo, puxando-o com força.

Jesus Cristo... Estrelas borram minha visão ao sentir sua boca na minha, uma sensação há tanto tempo esquecida, mas ainda completamente familiar, tudo de uma vez. Eu não penso — apenas reajo: meus braços a envolvem, puxando seu corpo de encontro ao meu. E então eu a apoio na lateral de seu carro, inclinando minha cabeça para beijá-la de volta com toda a saudade e pesar que ela parece estar sentindo neste momento também.

Quando sua língua aparece, tocando a minha corajosamente, me aproximo ainda mais dela. Merda... Se não estivéssemos em público, eu abriria a porta do carro e a empurraria para o banco traseiro.

Trixie geme... E, se fosse possível, poderia jurar que ouvi seu doce sotaque sulista até mesmo em seu gemido. Esse som me enlouquece, e minhas mãos seguram seu rosto quase rudemente conforme me certifico que não haja espaço para ela escapar. Eu derramo onze anos de saudades nesse beijo, assim como meu desejo secreto de que todas as outras mulheres com quem estive fossem ela.

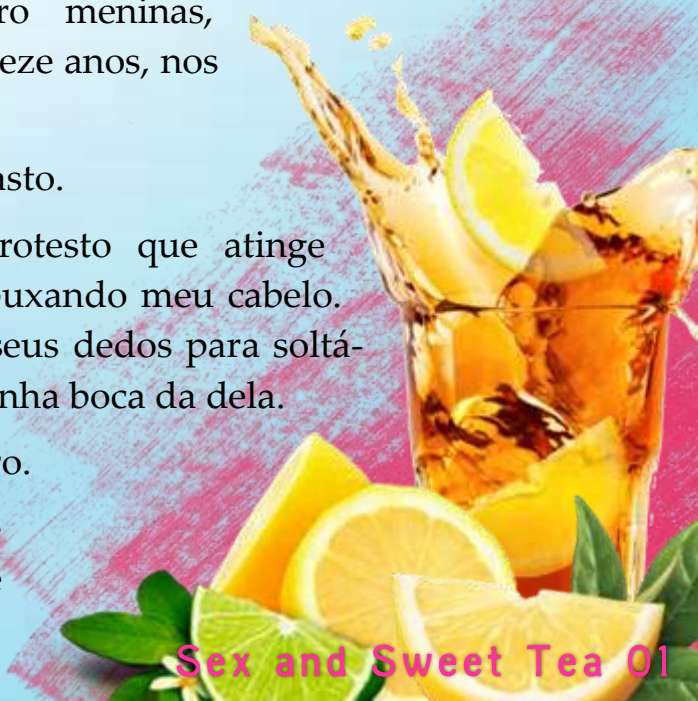
E eu provavelmente continuaria a beijá-la, não fosse um coro de risadinhas penetrar meu cérebro enevado. Discretamente abrindo um pouco meus olhos, vejo um grupo de quatro meninas, provavelmente com não mais que doze ou treze anos, nos observando.

Isso é quando eu relutantemente me afasto.

Trixie deixa escapar um som de protesto que atinge diretamente minha virilha, sua mão ainda puxando meu cabelo. Eu me afasto o máximo possível, puxando seus dedos para soltá-los do meu cabelo e finalmente libertando minha boca da dela.

— Temos uma plateia, Trix, — murmuro.

Um pequeno gemido sai de sua boca e sopra sobre a minha antes dela se afastar e



olhar para mim. Seus olhos estão perturbados... e cheios de luxúria, medo e excitação, tudo de uma vez.

— Não vou pedir desculpas por isso, — ela sussurra ferozmente.

— Não quero que você peça, — respondo honestamente enquanto, com minha outra mão, que ainda está em seu rosto, acaricio sua bochecha.

Ela sorri para mim com uma pitada de malícia e, em seguida, dá um empurrãozinho em meu peito. — Entre no carro.

— Para onde vamos agora? — Eu pergunto, querendo realmente nada mais do que puxá-la de volta para os meus braços e transar com ela na frente das meninas que ainda nos observam sonhadoramente.

Pensamento totalmente pervertido, eu sei.

— Para o hotel mais próximo, — ela diz, sem fôlego, dando outro empurrão em meu peito.

E simples assim meus pensamentos pervertidos ficam ainda mais sujos quando a solto e ando para o lado do passageiro.



CAPÍTULO 9

Trixie

Se eu pensava que a paixão fosse esfriar nos cinco minutos que nos leva para chegar ao Marriott, que fica em frente ao shopping da Avenida Glenwood, estava muito enganada. Eu paro o carro na entrada, aguardando o serviço do manobrista, e antes que possa sequer pensar em abrir minha porta, Ry me puxa sobre o cambio e me dá outro beijo abrasador - ele relutantemente se afasta apenas quando o manobrista abre a porta.

Eu saio do carro, e Ry faz o mesmo do outro lado.

— Alguma bagagem? — O funcionário, um jovem com cerca dezoito anos, pergunta.

— Não, — eu digo, observando seu rosto ficar vermelho igual beterraba com a implicação da minha resposta.

Ry lidera nosso caminho, sua mão segurando a minha com força. Ele nos dirige ao check-in, e com confiança solicita um quarto.

— Vocês têm reserva? — Pergunta a recepcionista.

— Não temos, — ele diz com um sorriso malicioso antes de soltar minha mão e descansar a sua na parte inferior das minhas costas, em um toque íntimo e possessivo. — Foi uma espécie de impulso momentâneo.

O rosto da mulher também fica vermelho igual beterraba.

Assim como o meu, diga-se de passagem, embora minha situação não se enquadre como constrangimento. Honestamente, eu fico vermelha de pura excitação ao sentir o polegar de Ry passear para cima e para baixo pela parte baixa da minha coluna, como uma promessa.



Quando finalmente nos registamos e nos entregam o cartão-chave do quarto, tenho que me conter para não correr até o elevador, embora isso não impeça Ry de me arrastar rapidamente até lá. Uma vez fechados lá dentro, ele pressiona o botão para o quinto andar, e eu espero que ele me ataque – ou melhor, desejo isso. Em vez disso, porém, ele se afasta e se apoia na parede oposta, olhando-me intensamente.

— Eu não tenho nenhum preservativo. — ele diz, seu tom sério. — Então espero que nossas bocas e mãos sejam suficientes hoje.

Um arrepio delicioso corre pela minha coluna. Ry tem a boca mais adorável, imaginativa, forte e implacável do mundo, e eu pessoalmente amo senti-la em mim. Mas, também sei muito bem que isso não será suficiente para nós. Não depois de tanto tempo, de qualquer maneira.

Entretanto, antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele continua: — Eu sei que tem sido um maldito longo tempo entre nós, Trix, mas estou limpo.

— Eu sempre usei preservativo, — lhe asseguro — Porque nunca tive um relacionamento suficientemente sério para sequer discutir avançar para o sexo com esse nível de intimidade.

Ry balança a cabeça, e meu estômago gela com o olhar em seu rosto. — Eu não.

Deixo isso afundar por um momento antes de acenar afirmativamente. — Leslie.

— Nós ficamos juntos por quase dois anos, — ele diz suavemente. — Fizemos exames quando decidimos descartar os preservativos, e ambos estávamos limpos. Depois que terminamos, eu refiz os exames. Eu ainda estou limpo, mas você terá de confiar em mim quanto a isso.

— Ela te traiu? — Pergunto, dada a implicação do que ele acabou de dizer.

— Não tenho certeza, — ele diz com franqueza. — Eu desconfio, mas não posso confirmar. Nosso relacionamento acabou por outros motivos, entretanto.

— Como o que? — Eu pergunto assim que o elevador para, indicando que chegamos ao nosso andar.



— Isso não importa agora, — ele responde enquanto avança, agarra minha mão e me puxa para fora do elevador. As portas se fecham atrás de nós, mas Ry apenas para no meio do corredor e segura carinhosamente meu rosto com uma de suas mãos. — Mas, agora, você decide. Nós podemos nos divertir apenas com a parte oral, ou eu posso sair para comprar preservativos, ou podemos desfrutar do pacote completo sem camisinhas.

— Sem camisinha, — digo rapidamente. Na verdade, não há outra escolha para mim: eu confio em Ry implicitamente. Espero que ele confie em mim também, já que disse que a escolha era minha.

E porque Ry é o único homem para quem já dei todo meu coração, corpo e alma, certamente não aceito nada menos do que isso neste momento.

A outra mão de Ry toca meu rosto com suavidade, e seus olhos se tornam macios. — Nunca pensei que algo assim aconteceria novamente entre nós.

— Eu não tenho certeza se é uma boa ideia analisarmos demais essa coisa, — digo a ele enquanto agarro seu cinto e dou um puxão na ponta.

— Isso não é apenas sexo, Trix, — ele diz com sinceridade antes de me dar outro beijo quente e abrasador, fazendo meu sangue correr novamente.

Eu sorrio quando ele se afasta: — Nunca foi apenas sexo entre nós.



Ry se move dentro de mim, seus cotovelos apertando minhas costelas e seu rosto pairando sobre o meu. Há tanta emoção em seus olhos que suas íris parecem ficar mais quentes e mais brilhantes conforme mais alto ele nos conduz. Meus joelhos estão apertando seus quadris, as pontas dos meus dedos estão arranhando seus ombros e meu coração está voando fora de controle. E não apenas por causa das sensações físicas surpreendentes que me dominam completamente, mas porque estou conectada outra vez a Ry Powers.

Meu primeiro amor. Meu amor mais verdadeiro.



A coisa mais preciosa que já perdi e aquela que nunca pensei ter novamente, mesmo que por um breve período de tempo.

— Eu não quero que isso termine, — Ry murmura quando sua testa se apoia na minha. Mas ele não para de se mexer, seus quadris ainda se movimentando profundamente.

— Eu também não quero, — suspiro enquanto absorvo tudo dele.

Mas não consigo evitar me perguntar: estamos nos referindo apenas a esse momento de sexo alucinante que certamente culminará em avassaladores orgasmos, ou estamos falando sobre “nós”?

O que exatamente não queremos que acabe?

— Eu senti falta disso, — Ry sussurra conforme se move mais rapidamente. — Senti falta de nós.

— Oh, Deus, — eu gemo, e não só por causa do aumento do ritmo, mas também porque suas palavras me tocam mais profundamente do que sua pélvis mágica é capaz.

— Você também sentiu falta disso? — Exige Ry, aumentando a pressão.

— Sim. — Não posso deixar de dizer-lhe a verdade.

— E quando a nós? — Ele me pressiona bruscamente contra o colchão conforme empurra mais profundamente dentro de mim. — Você sentiu falta da gente?

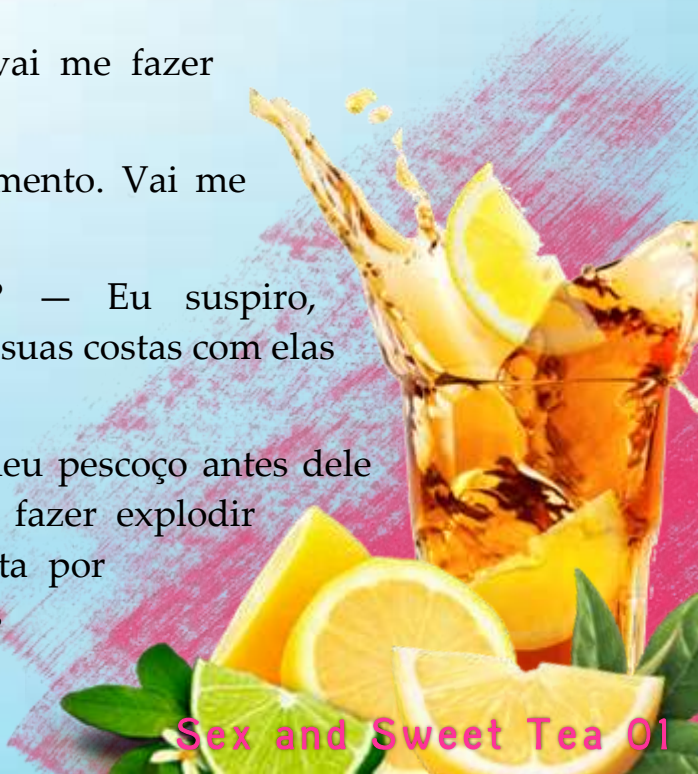
— Sim, Ry, — eu gemo, minhas defesas completamente despedaçadas. — Senti sua falta. De senti falta da gente.

— Cristo, — ele murmura. — Isso vai me fazer gozar.

Essas palavras. Essa emoção. O sentimento. Vai me fazer gozar também. Muito, muito em breve.

— Por que nós desistimos disso? — Eu suspiro, levantando mais minhas pernas e abraçando suas costas com elas enquanto arranho seus ombros.

Ry apenas rosna, seu rosto fuçando meu pescoço antes dele me morder. E isso é o suficiente para me fazer explodir magnificamente. Meu corpo então se aperta por um breve momento antes de minhas costas



arquearem, e eu grito em completo abandono.

Ry me penetra com força uma última vez antes de gemer seu orgasmo em meu ouvido: — Deus, Trixie... Eu senti tanta falta disso.

Estremeço com o arrependimento que posso ouvir em seu tom, e pela ternura que domina sua voz. Ry cai sobre mim, seus braços me abraçando para que ele possa me apertar com firmeza enquanto seus quadris continuam a se movimentar suavemente em mim.

Quase imediatamente uma onda escura de tristeza toma conta de mim, por causa de tudo que eu perdi. A verdade nua e crua é que durante anos eu sufoquei nossas lembranças profundamente dentro de mim, e confesso que jamais pensei que elas fossem escapar. No entanto, apenas um lindo momento com Ry foi capaz de libertar tudo. Meus olhos ardem com lágrimas indesejadas, mas pisco com força para mantê-las afastadas. Eu não mereço me sentir dessa maneira depois de já ter feito minha escolha — seja ela boa, ruim, inteligente ou tola. Mas talvez seja só o destino finalmente nos punindo com apropriada justiça.

Honestamente, eu tentei ser uma mulher que viveu a vida sem arrependimentos, apesar de sempre ter questionado minhas decisões no que diz respeito à Ry. Também sempre pensei ter conseguido o que mais queria e precisava naquele momento da minha vida, que era minha família e minha cidade natal. Mas, depois de viver onze anos do que sentia ser uma existência magnífica, um momento mágico com Ry me faz questionar tudo o que pensava saber sobre mim mesma.



CAPÍTULO 10

Ryland

Meus olhos quase saltam da minha cabeça enquanto caminho pela sala de jantar e vejo toda a comida servida na mesa comprida. Tal cena me choca tanto que paro abruptamente, obrigando Trixie a esfregar a parte baixa das minhas costas — o que, por sinal, é bastante maravilhoso — para me empurrar para frente. A propósito, nós acabamos de chegar à casa de Gerry e Catherine, que é onde o jantar de aniversário de Pap está sendo realizado.

Trixie e eu ficamos um pouco envolvidos demais no hotel esta tarde, parecendo maníacos com fome de sexo, e acabamos perdendo a hora. Mal conseguimos tomar um banho rápido antes de levar nossas bundas de volta para Whynot, e estamos literalmente chegando na hora do jantar - todos os outros já estão sentados ao redor da mesa.

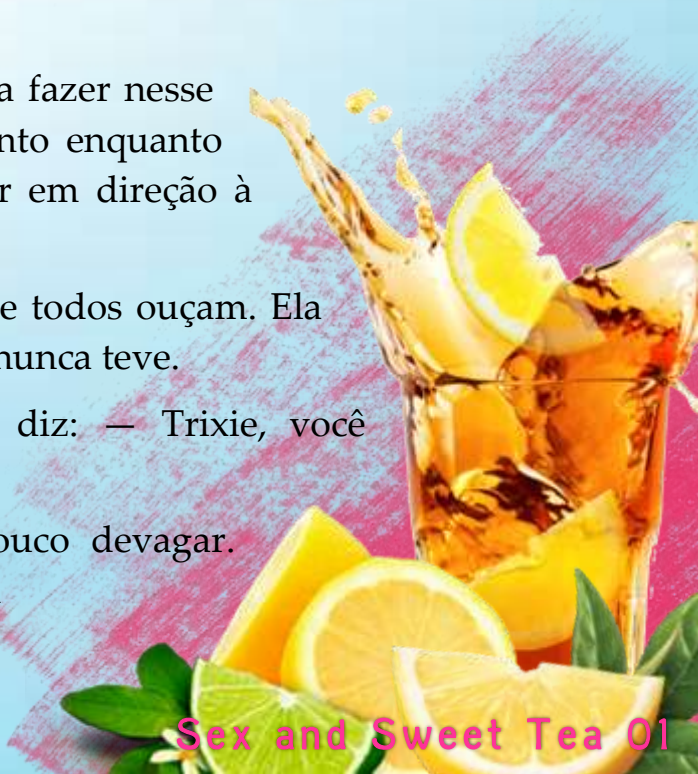
— Desculpe, estamos atrasados, — Trixie diz à família, seu rosto corado - e não graças ao esforço de correr do carro ate a porta. Na verdade, ela esteve assim por toda à tarde, e sim... é orgulho que estou sentindo por ter colocado essa cor em suas bochechas.

— Um... sim, tivemos muito trabalho a fazer nesse caso que estou ajudando Trixie, — acrescento enquanto circulamos a grande mesa da sala de jantar em direção à duas cadeiras vazias do outro lado.

Trixie bufa, e alto o suficiente para que todos ouçam. Ela não tem vergonha da nossa vida sexual - ela nunca teve.

Depois de nos sentarmos, Catherine diz: — Trixie, você precisa fazer algumas apresentações.

— Oh, tudo bem, — ela diz um pouco devagar. Tenho certeza de que seu cérebro ainda está embaçado da nossa tarde na cama. — Então,



vejamos... você já conhece meus pais, Pap, Colt e Lowe.

Eu aceno com a cabeça para cada um deles. Pap está sentado imediatamente à minha direita, numa extremidade da mesa; Gerry ocupa a outra ponta. Catherine, Colt e Lowe estão sentados à minha frente.

— As únicas que você ainda não conhece são Laken e Larkin, — diz Trixie enquanto gesticula à sua esquerda. Eu sabia que ela tinha irmãs gêmeas, e elas são tão idênticas quanto se pode ser. Não sei bem quem é quem entre elas, mas tenho certeza que vou descobrir em algum momento.

Eu aceno com a cabeça e sorrio para cada pessoa, recebendo gentis sorrisos de volta - exceto de Lowe, que ainda parece irritado com o que aconteceu nesta manhã. Eu não acho que ele está necessariamente irritado comigo, considerando que o ajudei. Acho apenas que ele ainda não assimilou a obrigação de ter que trabalhar para a mulher que comprou a casa de sua família.

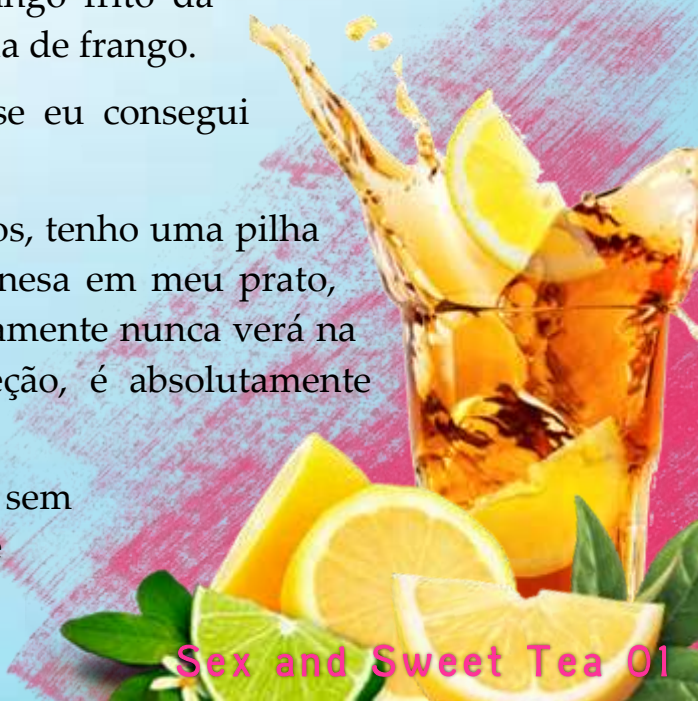
— Tudo bem, todos... ataquem enquanto a comida ainda está quente, — Catherine diz quando se aproxima e pega uma tigela à sua frente. Imediatamente todos os outros fazem o mesmo e, uma vez que há muita comida, há praticamente uma tigela para cada pessoa. Eu rapidamente alcanço o macarrão com queijo para o qual estava olhando desde que me sentei.

As tigelas e pratos se movimentam no sentido anti-horário em torno da mesa, e todos continuam tagarelando enquanto se servem. Trixie se inclina de vez em quando em minha direção para descrever alguns dos pratos: — Esses são halupkis. Rolinhos de repolho recheados. — Ou: — Couve refogada. Experimente com molho de pimenta quente. — Ou ainda: — Pierogi de batata e queijo. — E finalmente: — O famoso frango frito da Mama, — ela diz enquanto me sirvo uma coxa de frango.

— Sim, Trixie. — Dou risada. — Esse eu consegui descobrir.

Quando terminamos de passar os pratos, tenho uma pilha de comida americana sulista, lituana e polonesa em meu prato, uma mistura que a maioria das pessoas certamente nunca verá na vida. E cada mordida que dou, sem exceção, é absolutamente deliciosa.

— Ry, — ouço da esquerda de Trixie, sem ter ideia se é Laken ou Larkin quem está me



chamando. Ambas têm o mesmo cabelo cor de chocolate e olhos castanhos, iguais aos de Trixie. Na verdade, todas as crianças Mancinkus puxaram a Catherine, porque mesmo que eu possa dizer que Gerry também tem cabelo escuro, seus olhos e tom de pele são castanhos escuros como os de Pap. Catherine e as crianças, porém, têm olhos cor de avelã, narizes retos e lábios carnudos. — Você e Trixie namoraram durante a faculdade, certo?

Isso não é segredo, eu sei, mas sempre pensei que os detalhes do que aconteceu entre nós fossem.

Essa pergunta em especial faz com que meus nervos disparem, uma vez que imagino até que ponto vou ser questionado. Então respondo de forma neutra. — Sim. Durante quase três anos.

— Ela falou muito sobre você quando nos visitou nas férias, — diz uma das gêmeas... aquela que não fez a pergunta original.

Isso me faz sentir bem, porque às vezes minhas dúvidas levaram o melhor de mim, fazendo-me questionar quão sérios realmente fomos, considerando que eu nunca conheci sua família e que nos separamos no final.

— Oh, sim? — Pergunto, muito curioso para meu próprio bem. — E o que ela disse sobre mim?

— Que você era realmente inteligente, — ela responde.

— E que ia ser um advogado fantástico, — diz a outra gêmea.

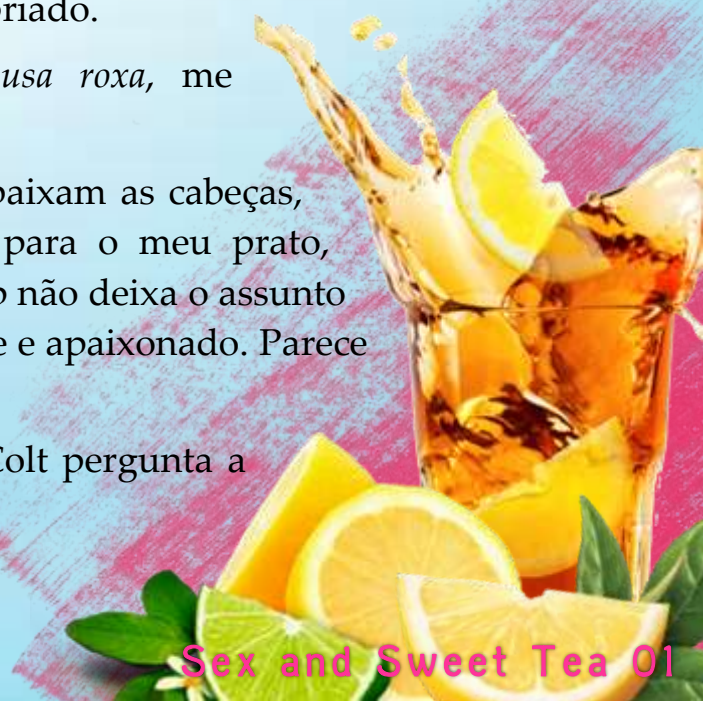
— E também que era um espetáculo na cama, — acrescenta a requerente original.

— Laken Mancinkus, — diz Catherine enquanto envia um olhar mortal para a filha sobre a mesa. — Isso não é apropriado.

Então essa é Laken. *Ela é a de blusa roxa*, me comprometo a memorizar.

As gêmeas - e Trixie - simplesmente baixam as cabeças, rindo discretamente. Eu volto meu olhar para o meu prato, apanhando um pierogi com o garfo, mas Pap não deixa o assunto morrer: — Então foi um caso de amor quente e apaixonado. Parece maravilhoso.

— E o que você sabe sobre isso? — Colt pergunta a Pap com um sorriso de merda no rosto.



— Eu estou velho, não morto, — Pap retruca enquanto aponta com o garfo para o neto. — E essas coisas não morrem assim tão facilmente.

— Mas morrem às vezes, — diz Gerry do lado oposto da mesa, fazendo minha cabeça girar para encontrar seu olhar. Embora ele tenha sido tão hospitaleiro quanto eu poderia esperar, fica claro que ainda não tenho seu voto de aprovação.

Mas, a pergunta que não quer calar é: aprovação para quê? Estou aqui para fazer um trabalho, que é ajudar Trixie com um caso. Não vim com intenção de reconquistá-la e, bem... o que foi mesmo que aconteceu esta tarde?

Porque muitas coisas aconteceram.

Hormônios, sentimentos não resolvidos, falta de vida sexual... Formou-se uma perfeita de tempestade.

Mas, Jesus... Trixie disse que sentia minha falta. Que sentia falta de *nós*. E eu disse a ela o mesmo. Não foi apenas o tipo de afirmação “de momento”, algo do qual me arrependeria mais tarde. Eu não me arrependo de ter dito o que disse, e espero que ela também não.

Eu não tinha intenção de me envolver com Trixie além do necessário para solucionar um caso legal, mas nós certamente nos desviamos para águas mais perigosas hoje à tarde, sem dúvidas.

— Conte-nos sobre sua carreira, Ry, — Catherine interrompe antes que a conversa perca de vez o rumo. — O que você faz em Boston?

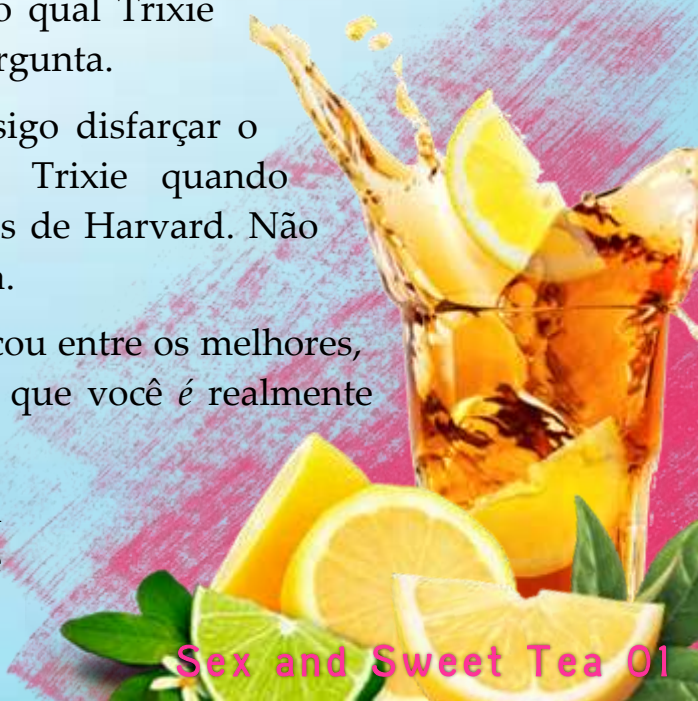
Eu tomo um gole do meu chá doce - sem moonshine de pêssego desta vez - e olho para ela sobre a mesa: — Sou sócio do escritório Hayes Lockamy.

— Esse é o escritório de advocacia do qual Trixie teve uma oferta de emprego, certo? — Ela pergunta.

Eu aceno afirmativamente, e não consigo disfarçar o orgulho que sinto pelas realizações de Trixie quando complemento: — Ela ficou entre os melhores de Harvard. Não tinha como eles não lhe oferecerem uma vaga.

— O que significa que você também ficou entre os melhores, — diz uma das gêmeas. — O que significa que você *é* realmente inteligente.

Antes que eu possa responder, a outra gêmea acrescenta: — O que significa que



Trixie não mentiu, e que também estava falando a verdade sobre...

Catherine a interrompe: — E o que exatamente você faz na Hayes Lockamy?

Pela primeira vez, percebo que Trixie deixa de comer e olha para mim. Foco em Catherine enquanto respondo, porém: — Minha área de atuação é dividida: cerca de oitenta por cento são casos civis, a maioria crimes de morte injusta¹³. Os outros vinte por cento são casos criminais. Eu também estou no conselho de administração da empresa, então gasto muito tempo em operações de marketing e afins.

É algo que eu realmente odeio fazer, e que parece estar ocupando mais e mais do meu tempo ultimamente. Infelizmente, pareço ser tão bom em fazer esse tipo de trabalho quanto sou advogando, então essas responsabilidades tendem a ficar empilhadas no meu prato com bastante frequência.

— Você parece muito ocupado, — diz Gerry, se metendo na conversa. Pergunto-me se essa afirmação tem alguma motivação oculta.

— Eu sou, — admito. — Trabalho entre sessenta e oitenta horas por semana, provavelmente. É bastante cansativo, com certeza.

— Trixie é igual, — acrescenta Pap com orgulho. — Não deixe que os jeans rasgados que ela usa no escritório te enganem. Essa garota trabalha seu traseiro para defender as pessoas desse município.

Me viro para olhar para Trixie e sorrio: — Ela sempre teve a melhor ética de trabalho durante a faculdade. Não consigo imaginar isso mudando.

— Bem, eu tenho saído para pescar às vezes, — ela diz suavemente, dispensando os elogios. Enquanto Trixie podia ser impetuosa e ter um ego confiante, ela também sempre foi muito humilde. Ela não gostava que ninguém brilhasse mais que ela, mas eu sempre suspeitei que isso acontecesse por causa de seu ego saudável - ela sabia que era boa. Conhecia seus pontos fortes e suas fraquezas, e nunca precisou de aplausos ou de elogios.

— Parece que vocês dois estão satisfeitos com suas carreiras e

¹³ Qualquer tipo de acidente fatal causado por negligência pode resultar em uma reivindicação de morte injusta, incluindo acidentes de carro causados por outro motorista, estrada perigosa ou veículos defeituosos, negligência médica e abuso.



são o tipo de pessoa que se orgulha de um trabalho bem feito, — diz Catherine, distribuindo elogios comuns.

Sim... eu gosto da satisfação de um trabalho bem feito. Mas não posso dizer que estou completamente realizado com o que faço para ganhar a vida. Muitas vezes não passa de uma tarefa árdua. Outras vezes, porem, é como um jogo de gato e rato, o que desperta meu interesse por um determinado momento. Na maioria dos dias, entretanto, é a mesma coisa uma e outra vez, sem qualquer expectativa real de melhora.

Certamente não atinge o nível de contentamento que eu deveria sentir após trabalhar loucamente durante tanto tempo. Nem se aproxima da emoção que senti hoje na sala do tribunal de Whynot.

Interessante que eu esteja pensando assim agora, inclusive, porque não tenho certeza se me sentia desse modo antes de chegar à Carolina do Norte.

Agora devo descobrir se esses sentimentos são sólidos e, em caso afirmativo, o que causou essa mudança.



CAPÍTULO 11

Pap Mancinkus

Eu sou do Oeste da Pensilvânia, nascido e criado, um homem com raízes lituanas e polonesas. Meu pai trabalhava com aço. Os irmãos dele trabalharam com aço. Era uma tradição familiar.

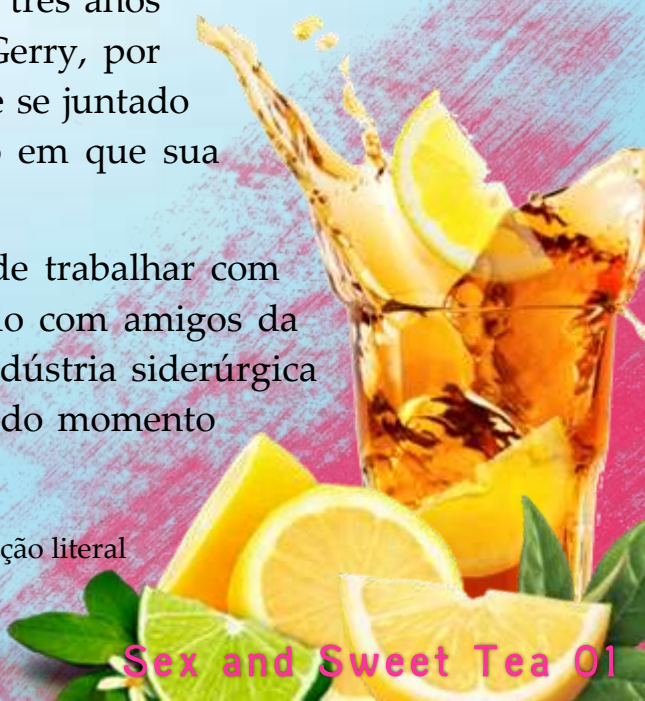
Mas eu a quebrei quando ingressei no Corpo de Fuzileiros Navais, depois do ensino médio, apenas um ano após a Guerra da Coreia terminar. Estive em serviço no mundo todo, incluindo um tempo passado no Japão, quando escalei o Monte Fuji. Já fui enviado para lutar na Turquia, e sobrevivi a duas missões no Vietnã, bombardeando vietcongs com Howitzers¹⁴ de oito polegadas. Cumpri duas missões distintas na Ilha Parris, Carolina do Norte, ambas como instrutor, e fui baseado nas costas leste e oeste dos Estados Unidos. Eu amei todas as minhas viagens - tenho até mesmo um respeito saudável pelo tempo passado no Vietnã - e percebo que sou um homem de sorte por ter tido essas experiências.

Mas, sempre senti falta da Pensilvânia, e voltei para lá sozinho, depois que me aposentei do Corpo de Fuzileiros Navais, em 1975. E eu viajei sozinho porque minha esposa, Marcella, havia morrido três anos antes de eu me aposentar - câncer de cólon. Gerry, por sua vez, tinha seguido os passos de seu velho e se juntado ao Corpo de Fuzileiros Navais no mesmo ano em que sua mãe morreu.

Então, voltei e segui a tradição familiar de trabalhar com aço, passando minhas noites no VFW¹⁵ bebendo com amigos da minha cidade natal. Acontece, porém, que a indústria siderúrgica implodiu no começo dos anos oitenta, e em dado momento

¹⁴ Veículo de artilharia auto-propulsado.

¹⁵ Sigla para Veterans of Foreign Wars of the US, que eu tradução literal significa Veteranos das Guerras Estrangeiras dos EUA.



me encontrei sendo barman no VFW, em vez de apenas cliente. O salário mínimo que eu ganhava ali, junto com minha aposentadoria militar, entretanto, foram o suficiente para me manter confortável.

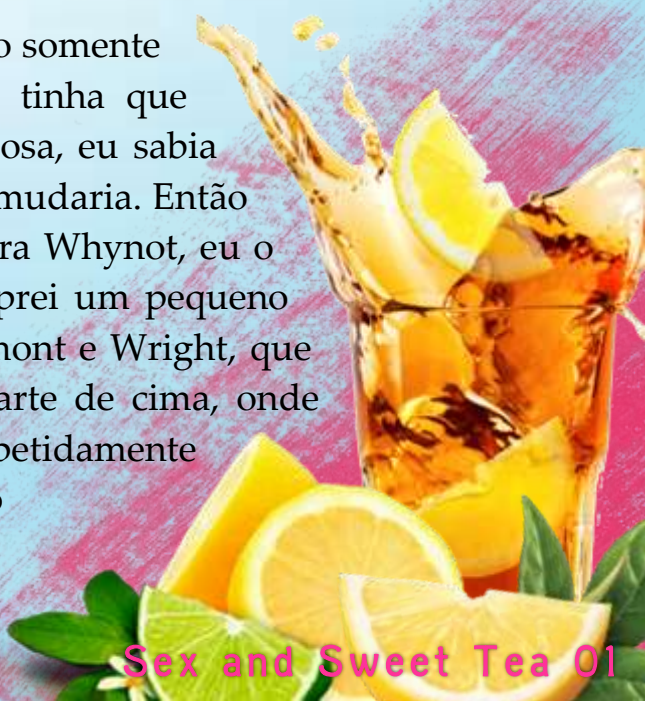
Gerry conheceu e se casou com Catherine alguns anos depois de eu voltar para a Pensilvânia. Enquanto percorriam as estações de destino do Corpo de Fuzileiros Navais, eles tiveram meus cinco netos, todos num período de oito anos. Primeiro veio Trixie, nossa advogada. Em seguida, Lowe, o carpinteiro durão – e igualmente suave. A dupla problema chegou com Laken e Larkin - Laken é veterinária, Larkin é proprietária da Panificadora Sweet Cakes, e ambas vivem na Whynot. E por último veio Colt, o bebê da família, aquele que agora ajuda seus pais a dirigir Fazenda Maine.

Suponho que tive esperança de que Gerry e sua família se mudassem para Pittsburgh e aliviassem a solidão de um velho, mas, ao longo dos anos, tive que me contentar com as ocasionais visitas de férias, que sempre dependiam de onde Gerry estivesse locado. Mas, toda minha esperança de ter a descendência Mancinkus permanentemente instalada em Pittsburgh morreu quando Gerry se aposentou do Corpo de Fuzileiros Navais, depois de vinte anos de serviço, e se mudou com Catherine para Whynot, para ajudar os sogros com a fazenda. A agricultura era um trabalho árduo naquela época, e os pais de Catherine tinham feito tudo por conta própria até então, visto que não tinham uma grande quantidade de filhos para ajudá-los. Eu acho que esse foi o motivo pelo qual Catherine estava tão inflexível sobre voltar para lá, e Gerry não poderia dizer não a esposa.

Eu entendi sua decisão.

Realmente entendi.

Mas o orgulho e os laços familiares não são somente privilégios sulinos, e mesmo enquanto Gerry tinha que forjar novos vínculos com a família de sua esposa, eu sabia que nossa relação não era algo que vacilaria ou mudaria. Então apenas dois anos depois de Gerry se mudar para Whynot, eu o segui. Vendi minha casa em Pittsburgh e comprei um pequeno negócio desocupado na esquina das ruas Freemont e Wright, que também tinha um pequeno apartamento na parte de cima, onde moro até hoje - Gerry e Catherine tentaram repetidamente me levar para a fazenda com eles, mas eu gosto de minha vida independente. Na minha



idade, quero manter isso durante o tempo que for possível.

Quando me mudei para Whynot, Trixie tinha apenas quinze anos. Naquela época, eu não tinha a menor ideia de que algum dia seu escritório de advocacia seria ao lado do Chesty's. Mas, olhando para trás, acho que deveria ter desconfiado: essa menina e eu sempre fomos próximos.

Muito mais próximos do que eu sou com meus outros quatro netos, que tendem a procurar diretamente sua mãe ou seu pai para pedir conselhos.

Mas, Trixie sempre foi a garota do vovô, e espero que sempre seja.

É por isso que estou intrigado com o que está se passando pelo seu cérebro incrivelmente inteligente - embora às vezes um pouco tolo. Eu conheço seus segredos, e sei quão destruída ela ficou quando teve que escolher entre Ry e Whynot. Também sei que ela nunca superou essa separação, como ficou comprovado pelo fato dela nunca ter namorado ninguém depois dele por muito tempo. Convenhamos que isso impossível, considerando que seu coração ainda pertence firmemente a outro homem.

Se eu acho que Trixie escolheu mal?

Não estou aqui para julgar isso. Tive pouco mais de vinte anos para assistir a dinâmica familiar dessas pessoas, e descobri que os laços da família Mainer-Mancinkus são tão profundos quanto o oceano. Tem a ver com as tradições e heranças do Sul, a fazenda também desempenhando um papel importante, mesmo que nem todas as crianças estejam ativamente envolvidas. Também é consequência de ter uma mãe calorosa e amorosa, que sempre colocou seus filhos em primeiro lugar, e que até hoje é sua maior defensora. Tem a ver com seu pai, meu filho, que talvez não tenha vindo de uma família unida e calorosa como os Mainers, mas que trouxe consigo suas próprias lições de lealdade e dedicação que aprendeu na Marinha.

Tudo isso criou a fórmula perfeita, resultando numa família que funciona em conjunto, todos eles escolhendo fazer de Whynot seu último lugar de descanso, tanto nesta vida quanto na próxima.

E eu não discordo disso. Mesmo que eu nunca vá admitir ter alguma tendência Sulista além de um terrível carinho pela culinária de Catherine, tenho a sorte de ter sido convidado a fazer parte dessa família.



Não me sinto mais solitário.

Trixie e eu estamos mais próximos que nunca.

Meus outros netos também são fenomenais.

Meu filho e sua esposa são fontes de orgulho para mim.

E eu tenho um bar que conseguiu criar um círculo próximo de amigos, os quais vejo e com os quais rio todos os dias.

Minha vida é bastante boa, e não há nada que eu queira além do que já tenho.

Bem, exceto talvez que Trixie seja verdadeiramente feliz.

O problema é que eu não acho que isso vá acontecer tão facilmente, a menos que ela possa descobrir uma maneira de manter a Ryland Powers em sua vida.



CAPÍTULO 12

Trixie

Pap empurra outra cerveja na minha direção, a qual eu não recuso. Estamos em sua segunda celebração de aniversário no Chesty's, que agora envolve toda a família - e nós adoramos nossa cerveja. O bar está lotado esta noite, e todos, exceto Lowe, fizeram a viagem da Fazenda Mainer à cidade para continuar a celebração. Não tenho ideia de onde ele está, mas suspeito que esteja sentado em casa sozinho, lambendo seu orgulho ferido e nutrindo raiva pelo resto da família, ainda por causa da maldita casa Mainer.

Não tenho certeza se poderemos algum dia fazê-lo entender que não era financeiramente viável mantermos a casa da rua Wilmington, mas espero que ele encontre algum tipo de paz com mais cedo do que mais tarde - odeio qualquer tipo de discórdia dentro da família.

— Seu cara parece estar se enturmando, — Pap diz quando ocupa seu lugar no final do bar, no banco ao meu lado. Ele acena com a cabeça para algum lugar atrás de mim, e então eu me viro para ver Ry jogando bilhar em dupla com Colt e contra Laken e Larkin. No caminho para cá Ry inclusive me perguntou uma boa tática para distinguir as gêmeas, embora eu não tenha podido ajudar muito. Eu sempre as distingui por instinto, já que elas são realmente muito parecidas, então meu conselho foi basicamente inútil.

— Escolha interessante de palavras, — digo, voltando a encarar Pap. Seu rosto está tão cheio de rugas que a vida brilhando dentro de seus olhos é realmente muito esquisita de encarar, às vezes. Ele pode ser um velho mal-humorado e flatulento, mas, por outro lado, está efetivamente cheio de vitalidade.



— Não jogue essa merda comigo, Trix, — Pap briga. — Eu pude ver o jeito como vocês dois se comportaram um com o outro durante o jantar. Algo passível de mudar as coisas aconteceu hoje.

Bem, sim... mas eu nunca vou lhe contar os detalhes do que mudou, nem mesmo se eu ficar completamente bêbada esta noite. Em vez disso, simplesmente digo: — Nós estamos nos reconectando.

— Eu gosto dele, — Pap diz com convicção.

— Você nem o conhece, — digo com um resmungo.

— Mas sei que ele largou tudo em Boston apenas para vir ajudá-la, — ele responde. — E sei que ele ainda está aqui, mesmo quando deveria estar voltando hoje à noite. Eu também sei que ele conseguiu livrar seu irmão da cadeia hoje, e sei que aquele filho da puta pegou nosso Ol 'Mud, o que, na minha opinião, significa mais do que toda essa merda que acabei de citar. Então, sim... eu gosto dele.

— Ok, mas você pode simplesmente colocar seu coração romântico para descansar, — afirmo tristemente, me esforçando, porém, para disfarçar meu estado de espírito repentinamente depressivo. — A vida de Ry está em Boston. Ele vai voltar para lá, eventualmente.

— Você poderia ir com ele, — Pap diz, quase me fazendo cair do banco.

— Você está louco? — Pergunto com os olhos arregalados.

— Não.

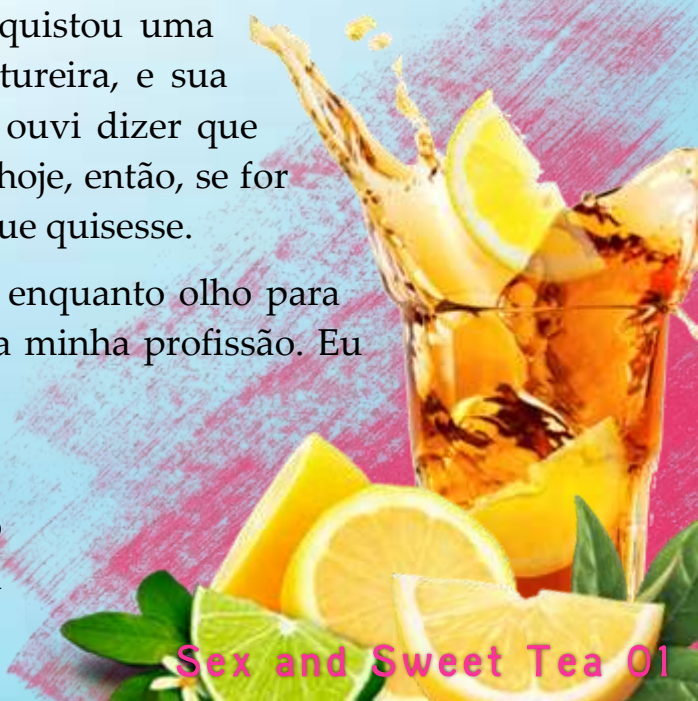
— sim, você está louco, — afirmo.

— Por que não, Trixie? — Ele pergunta. — Você seguiu sua vontade e voltou em casa depois da faculdade, e conquistou uma ótima vida aqui. Mas você também é aventureira, e sua família não vai morrer se você sair. Eu até ouvi dizer que viagens de avião estão na moda nos dias de hoje, então, se for o caso, você poderia voltar e visitar sempre que quisesse.

— Não é apenas família, — murmuro enquanto olho para minha cerveja. — É essa cidade também. É a minha profissão. Eu amo isso tudo.

— Você poderia advogar lá também.

— Não, não poderia, — digo seriamente quando levanto o rosto para



olhar diretamente para ele. — Isto aqui é o que eu nasci para fazer. É o que eu quero, morar aqui em Whynot e ajudar pessoas reais.

— Ry representa pessoas reais, — ele ressalta.

Eu balanço minha cabeça. — Não é a mesma coisa. Ele mora numa cidade grande onde, quando alguém precisa de um advogado, há milhares para escolher. Ry ajuda uma pessoa, e depois disso cada um deles continua com sua vida. Ou Ry pode escolher não ajudar alguém, porque sua carreira é sólida o suficiente para que ele possa escolher agora. Aqui... eu sou a única opção das pessoas. Eu *tenho* que ajudá-las. Eu *quero* ajudá-las. A história de cada pessoa é única, e eu sou paga por um caso em dinheiro ou bebida... Eu tenho um impacto real sobre as pessoas daqui. E não digo isso para diminuir o serviço da Ry aos seus clientes, porque ele é incrível e ajudou centenas de pessoas. Mas estar aqui em Whynot... faz com que eu me sinta importante. É como se eu realmente tivesse o poder de mudar as coisas para melhor. Sem isso, não acho que gostaria de ser advogada.

Pap simplesmente pisca várias vezes. Seu olhar se desvia rapidamente para o bar, mas então ele me encara outra vez, seus olhos brilhando com compreensão. — Sabe, acho que não tinha realmente entendido por que você escolheu essa profissão até agora. Isso é muito nobre, Trix.

— Eu não faço isso para ser nobre, — digo, dispensando o elogio.

A mão do Pap cobre a minha sobre o balcão. É uma exibição rara de afeição pública, já que a linhagem de homens Mancinkus tende a ser fisicamente distante. Mas eu me aqueço com o gesto porque, sendo filha de Catherine Mainer, fico toda sentimental quando Pap se comporta assim.

— Talvez seu cara possa se mudar para cá, então, — sugere Pap.

— Pap, — eu digo gentilmente, dando um aperto em sua mão. — Nada mudou nessa parte entre Ry e eu. Nós definitivamente sentimos falta um ao outro, e ainda existe uma conexão profunda entre nós, mas ele tem uma vida bastante sólida em Boston. Uma carreira incrível. Eu nunca lhe pediria para abandonar algo assim, e, francamente, nós só voltamos as graças um do outro por dois dias. É apenas um sonho.



— Vocês só estão juntos há dois dias, mas ficaram onze anos pensando um no outro – isso é muito tempo para amar alguém.

Eu tento negar meus sentimentos por Ry, mas não posso. Eu nunca deixei de amá-lo, então por que mentir sobre isso?

Mas também não confirmo, preferindo dizer apenas: — Estou levando um dia de cada vez, e honestamente... acho que o resultado final é que ele vai me fazer um favor com este caso, e então vai embora.

Pap abre a boca para discutir, e eu posso até antecipar ele me chamando de covarde, mas então vê algo sobre meu ombro e se cala.

Segundos depois Ry senta no banquinho ao meu lado - naquele que eu tinha guardado para ele enquanto ele estava jogando sinuca. Estamos firmemente apertados, e eu odeio e amo os sentimentos que me atravessam quando o corpo dele encosta no meu.

— Suas irmãs são tubarões no bilhar, — diz Ry com um sorriso enquanto pega sua caneca de cerveja - mas não toma um gole.

— Já conseguiu descobrir qual é qual? — Pergunto com um sorriso de resposta.

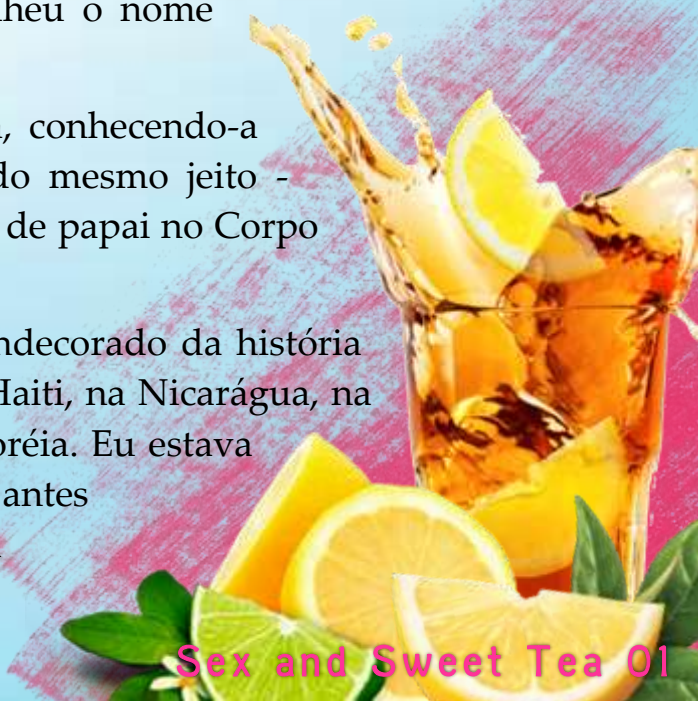
— Somente porque elas estão vestindo roupas diferentes e eu as fiz se apresentar de novo antes de começarmos a jogar, apenas para ter certeza, — ele declara. — Mas vou conseguir distingui-las em algum momento.

— Boa sorte com isso, — diz Pap. — Eu demorei sete anos para acertar.

Ry se inclina para que possa manter contato visual com Pap. — Estou aprendendo todos os tipos de coisas sobre essa família, então... qual é a história deste bar, Pap? E como você escolheu o nome Chesty's?

Eu me acomodo para ouvir a história, conhecendo-a bem, mas gostando de ouvi-la outra vez do mesmo jeito - tenho orgulho do tempo de serviço de Pap e de papai no Corpo de Fuzileiros Navais.

— Chesty Puller é o fuzileiro mais condecorado da história dos EUA, — diz Pap à Ry. — Ele lutou no Haiti, na Nicarágua, na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia. Eu estava trabalhando com os veteranos em Pittsburgh antes de me mudar para cá, então pareceu natural



abrir um bar. Chesty's foi o único nome no qual consegui pensar.

— Você sente falta de Pittsburgh? — Ry pergunta, me deixando completamente atordoada quando se inclina para perto de mim e descansa seu braço esquerdo na parte de baixo das minhas costas. É uma jogada ousada, e uma declaração para a minha família - para o bar inteiro - que estamos juntos.

Nós estamos?

— Há algumas partes das quais sinto falta, — diz Pap com prudente sabedoria. — Das montanhas e das pessoas em geral. Da maneira como a cidade se recuperou depois que a indústria siderúrgica entrou em colapso, e nem vamos comentar sobre poder ver meus amados Steelers jogarem no Heinz Field. Mas, minha família era pequena lá. Fora alguns primos, que eu não conhecia muito bem, eu realmente não tinha ninguém. E sei que com certeza não sinto falta do clima frio.

Ry ri. — Entendo essa parte. Os invernos de Boston são horríveis.

— Você passou alguns dias no Sul... já está sentindo falta de Boston? — Pap diz com um brilho no olhar, virando o jogo de volta para Ry.

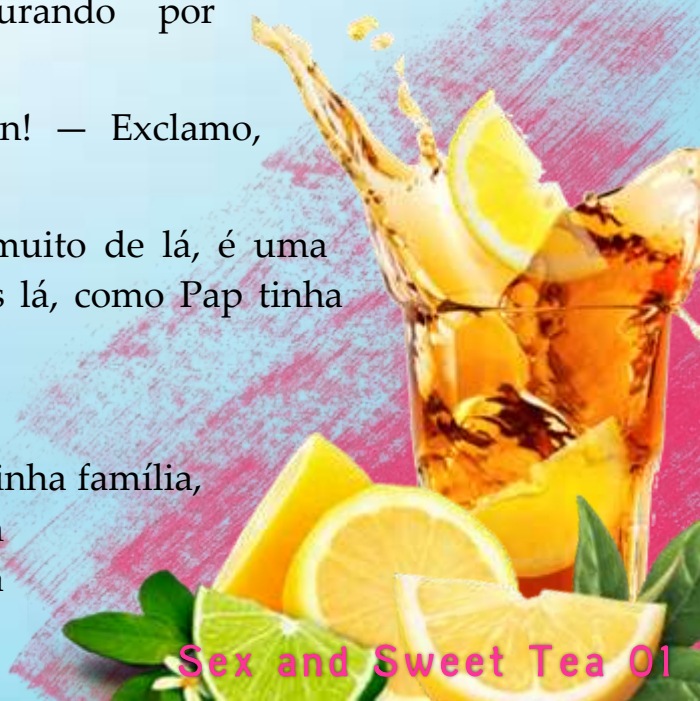
Ry me atordoa de novo com suas próximas palavras, quase me fazendo cair do banquinho — é bom que o braço dele esteja nas minhas costas. — Não da maneira como você sente falta de Pittsburgh. A Pensilvânia foi sua casa, o lugar onde você cresceu. Ao contrario, eu sou de Chicago, então toda a minha família está lá, embora não sejamos super unidos... pelo menos não da maneira como a sua família é. Acho que sinto falta de algumas coisas que vêm com uma cidade grande, como comprar roupas de algum lugar além de brechós, mas, não de Boston por si só. Uma grande cidade é tão boa quanto a próxima, acho, se você estiver procurando por oportunidades.

— Eu pensei que você amava Boston! — Exclamo, virando a cabeça para olhar para ele.

Ry encolhe os ombros. — Eu gosto muito de lá, é uma cidade maravilhosa. Mas se eu tenho raízes lá, como Pap tinha em Pittsburgh? Você sabe que eu não.

— E Chicago? — O pressiono.

— Bem, é claro que eu sinto falta da minha família, Trix, — explica Ry. — Mas me contento com telefonemas, e-mails, Facebook e uma



viagem ocasional para casa em algum feriado. É assim que as coisas funcionam na minha família.

Eu sei isso.

Sei muito bem.

Durante nossos anos na faculdade, Ry nunca gostou muito de voltar para casa. E embora eu não quisesse nada além de visitar Whynot e minha família sempre que possível, não o fiz por duas razões. Um porque Pap tinha me dito para tirar o máximo de proveito do meu tempo, incluindo ser verdadeiramente independente. Mas, o motivo mais importante foi porque não queria perder tempo com Ry. Nós estávamos vivendo em nosso próprio pequeno mundo em Cambridge, e eu estava adorando cada minuto disso. E sim, eu costumava ligar para minha mãe pelo menos cinco vezes por semana naquela época, mas não era o mesmo que estar realmente por perto. Esse pode inclusive ser um arrependimento que eu tenho agora, ter demorado esse tempo todo durante a faculdade para voltar para Whynot, bem como não ter convidado Ry para conhecer minha família mais cedo. Talvez as coisas tivessem sido diferentes entre nós se eu tivesse agido dessa forma.

Ou... meu subconsciente sussurra suavemente, ele teria visto imediatamente que essa vida não era para ele, e vocês teriam terminado muito mais cedo.

Ry pega sua cerveja no bar e toma o resto. O barman imediatamente se aproxima e pergunta se ele quer outra, ao que ele balança a cabeça negativamente antes de se dirigir à Pap outra vez: — Bem, gostaríamos de ficar e continuar a celebração com você, mas Trixie e eu realmente temos trabalho para terminar no escritório.

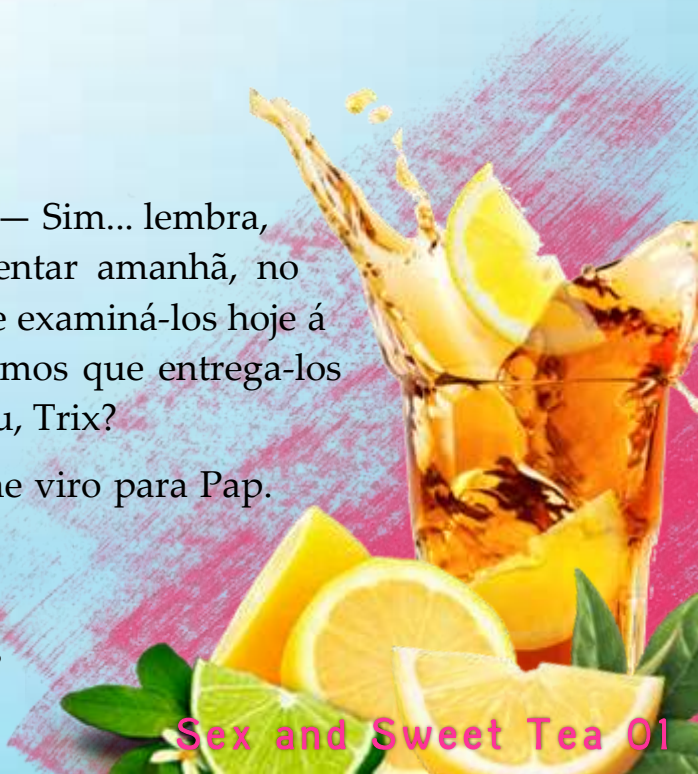
Minha cabeça vira em direção a Ry.

Nós temos?

Ele olha para mim e dá uma piscadela. — Sim... lembra, aqueles documentos que precisamos apresentar amanhã, no caso Ogletree? Não conseguimos terminar de examiná-los hoje à tarde, considerando tudo que aconteceu. Temos que entregá-los na primeira hora da manhã, ou você esqueceu, Trix?

— Hm... oh, sim, — eu digo quando me viro para Pap.
— Esqueci totalmente disso.

Pap apenas sorri e acena com a cabeça, seus olhos conhecedores cintilando. — Vocês



advogados trabalhadores, saiam daqui e façam seu trabalho.

— Obrigado, Pap, — diz Ry enquanto fica de pé.

— Sim, obrigada, Pap, — eu repito enquanto me inclino e lhe dou um beijo na bochecha. E então, com mais significado do que ele jamais entenderá, pelo simples fato dele estar tentando me ajudar a encontrar a felicidade, eu sussurro: — Obrigada *por tudo*.



CAPÍTULO 13

Ryland

Eu ofereço a mão para Trixie no caminho para fora do Chesty's, e não perco os olhares muito intrigados de Laken e Larkin quando passamos por elas. Catherine, por sua vez, me dá um sorriso caloroso quando nos abraça perto da porta, e depois que Trixie abraça seu pai, ofereço minha mão para ele apertar. Ele não reluta, mas seu aperto é muito duro. Tenho certeza de que a mensagem é simples: *estou te observando, menino. Não vou te deixar machucar minha garotinha.*

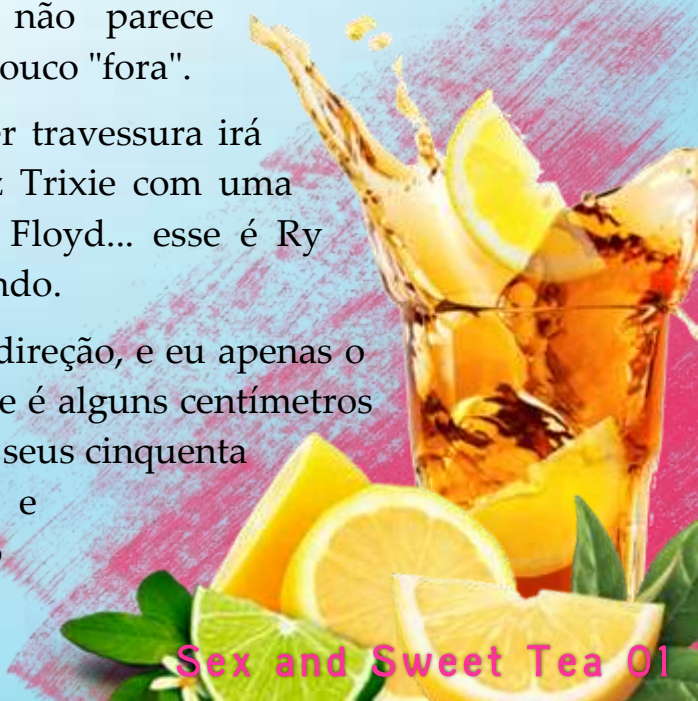
Nós viramos à esquerda quando saímos do Chesty's, já que o escritório de Trixie fica logo ao lado, mas somos imediatamente interrompidos por um homem grosseiro parado no meio da calçada e carregando livremente uma espingarda em sua mão direita.

— Ei, Floyd, — Trixie diz brilhantemente, como se isso não fosse nada estranho. Eu dou um passo involuntário para trás, tentando puxar Trixie comigo, mas sua mão aperta a minha mais forte e ela firma seus pés no chão.

— Sinto cheiro de travessuras no ar, — Floyd diz a ela quando seus olhos param brevemente em mim. Ele não parece exatamente uma ameaça, talvez apenas um pouco "fora".

— Bem, tenho certeza de que qualquer travessura irá na outra direção se te vir chegando, — diz Trixie com uma risada, antes de me puxar para frente. — Floyd... esse é Ry Powers. Um antigo amigo que está me visitando.

Floyd vira seu olhar astuto em minha direção, e eu apenas o encaro por um momento, percebendo que ele é alguns centímetros mais alto que eu. Ele talvez esteja no final de seus cinquenta anos, e tem cabelos grisalhos, ondulados e longos, e uma barba cinza que para a meio



caminho de seu peito. — Você é o cara que evitou que o jovem Lowe fosse preso esta manhã?

Uau. As notícias certamente viajam rapidamente nesta cidade.

— Sim, senhor, — digo com todo o respeito que é devido a um homem segurando uma espingarda - por sorte, a ponta está apontada para o chão. — Prazer em conhecê-lo.

Floyd dá um grunhido de reconhecimento e olha novamente para Trixie. — Eu também não aceito nenhuma princesa jovem e elegante de Nova York entrando nesta cidade e destruindo a casa da sua família. Se Lowe tivesse me chamado esta manhã, eu teria vindo e lhe ajudaria a ficar firme.

— E então Ry teria que ter tirado vocês dois da prisão, — Trixie adverte gentilmente.

— Mas não está certo, — ele resmunga. — Aquela é uma casa Mainer. Ela pertence aos Mainers. Eles construíram esta cidade, e algum respeito deve ser concedido.

— Floyd, — Trixie tenta novamente. — Nós vendemos aquela casa. Ela não é mais propriedade dos Mainer.

— Ela sempre será propriedade dos Mainer, — ele defende com firmeza.

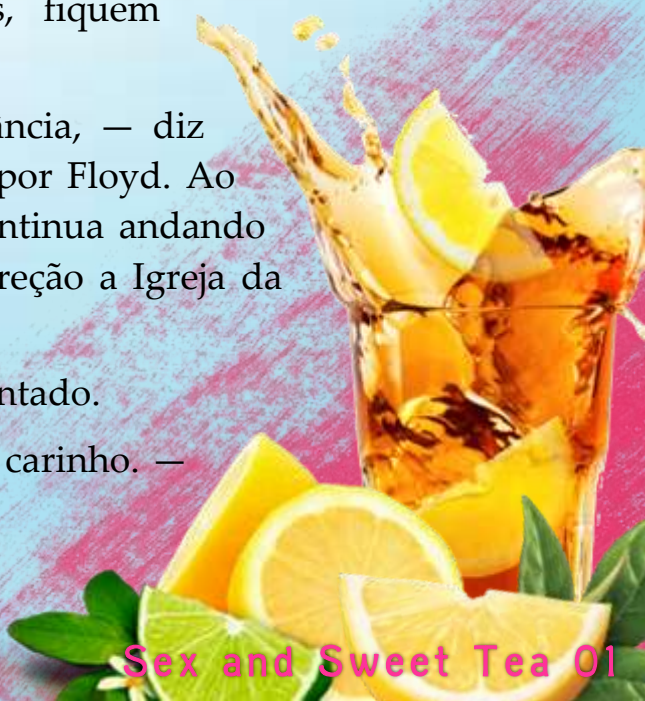
— Você é um doce, — Trixie diz enquanto se aproxima dele, ficando na ponta dos pés. Ele toma isso como um sinal e se inclina para que ela possa beijar sua bochecha barbuda. — Mas precisa ficar longe disso. Não preciso que Lowe se meta em mais problemas por causa daquela casa.

Floyd se endireita e responde: — Bem, deixe-me terminar de fazer minhas rondas noturnas, então. Vocês dois, fiquem seguros.

— Nós sempre ficamos com a sua vigilância, — diz Trixie enquanto me puxa pela mão, passando por Floyd. Ao olhar por cima do meu ombro, vejo que ele continua andando para longe do Chesty's, cruzando a rua em direção a Igreja da Providência.

— O que diabos foi isso? — Pergunto espantado.

— Foi só... Floyd, — ela diz com evidente carinho. — Ele é dono da loja de ferragens do outro lado do tribunal.



— E ele está caminhando pela cidade com uma espingarda por que...?

— Porque acha que é trabalho dele proteger essa cidade, — diz Trixie objetivamente.

— E a polícia não se importa? — Ainda estou impressionado, porque... se esse cara andasse por uma rua de Boston armado seria preso malditamente rápido.

— Não, — ela diz quando alcançamos a porta de seu escritório. — Ele é inofensivo.

— Aquela espingarda estava carregada?

— Sim.

— Então ele não é inofensivo, — replico.

— Só se você for aquele que estava soltando os feromônios travessos que ele sentiu no ar, — ela zomba.

Dou risada - as pessoas nesta cidade são mais loucas que merda de esquilo.

Trixie finalmente destranca a porta, e nós entramos. Ela não acende nenhuma luz, apenas me leva em direção ao seu escritório. Entretanto, dada a grande janela perto da entrada, de frente para a rua e com persianas de madeira atualmente abertas, as luzes de fora iluminam cerca de um quarto do nosso caminho, embora o resto ainda permaneça nas sombras.

— Suponho que você não queria realmente revisar documentos inexistentes, certo? — Ela me provoca, sua mão se aproximando do interruptor de luz.

Eu agarro sua mão antes que ela possa iluminar o cômodo, puxando-a em minha direção e nos impulsionando em direção a sua mesa. — Não... eu realmente não quero revisar documentos inexistentes. — Minhas mãos seguram sua cintura quando a apoio na borda da mesa.

Ela soltou um suspiro, e então se inclina contra mim. — Então, o que você queria revisar?



— Você, — murmuro, abraçando-a e apertando-a bem forte por apenas um momento. — E estou pensando que esta mesa também pode servir aos meus propósitos.

— Eu gosto dessa ideia, — diz ela, já sem fôlego.

Oh, eu também gosto dessa ideia.

Me parece a melhor ideia de todos os tempos.

— Você acha que alguém pode nos ver aqui? — Pergunto, desejando saber se Floyd vai voltar em algum momento.

— Duvido, — diz ela, antes de mudar de ideia: — Eu não sei. Talvez. Isso importa?

— Importa, — eu digo enquanto levanto uma mão, seguro seu queixo e viro sua cabeça em direção a minha, pressionando meus lábios contra os dela em um beijo suave, mas curto. Quando me afasto, liberto meu domínio sobre ela e ando ao redor mesa, e com um movimento rápido fecho as persianas, escurecendo ainda mais o escritório — agora há apenas uma luz tênue, que mal me permite ver Trixie parada do outro lado da mesa.

— Fique nua, — eu digo a ela quando minhas mãos começam a desabotoar minha camisa - abandonei minha gravata e o blazer do terno depois que saímos do tribunal esta manhã, e eles ainda estão na parte de trás do carro da Trixie.

Posso ver seus dentes quando ela sorri para mim, praticamente ronronando. — Por que precisamos ficar totalmente nus? Temos uma mesa, eu sou bastante flexível e estou usando um vestido, então me parece que a única coisa que preciso fazer é tirar minha calcinha.

E Cristo... Eu começo a ficar duro com essa imagem. Talvez eu possa puxar sua calcinha para baixo de suas pernas com os dentes.

— Oh, espere, — ela diz como uma reflexão tardia. — Eu esqueci... não coloquei minha calcinha de volta depois de tomar banho no Marriott hoje a tarde.

E agora eu estou completamente duro. *Dolorosamente* duro.

Minhas mãos descem pelos meus botões enquanto eu ando ao redor da mesa. Quando me aproximo dela, posso ver seu rosto um



pouco melhor. Ela pisca timidamente seus cílios, o que me confunde um pouco, visto que Trixie nunca teve sequer um osso modesto em seu corpo. Ela costumava ser dona de sua sexualidade, e isso talvez tenha sido o que eu mais senti falta de ver em outras mulheres. Trixie nunca foi egocêntrica, porém; sua confiança se desenvolvia de uma forma que fazia um homem admirá-la simplesmente por acreditar em si mesma, o que sempre foi sexy pra caralho para mim.

Quando a alcanço, a puxo em minha direção com uma mão atrás de pescoço, curvando-me para dar-lhe um beijo profundo. Seus dedos agarram minha camisa, me puxando para perto, e nós beijamos, mal nos tocando, mas ficando estupidamente excitados apenas pela proximidade de nossos corpos. Em pouco tempo, ambos estamos ofegantes como estudantes dando uns amassos no banco traseiro de um carro.

Esse é o momento em que solto Trixie e a viro em direção a sua mesa. Com as mãos nos quadris, digo: — Curve-se sobre a mesa.

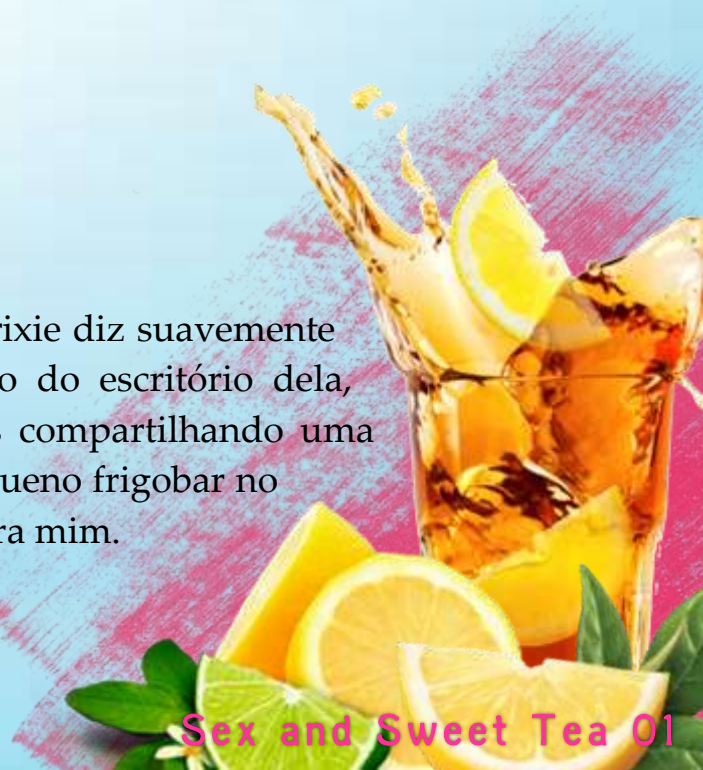
Ela concorda imediatamente, e eu subo seu vestido antes mesmo de seus cotovelos encostarem na mesa. Passo minhas mãos em sua bunda firmemente tonificada e coberta por uma pele lisa e sedosa, me assegurando de dar um tapa em suas nádegas. Isso fez parte do nosso jogo no passado, mas hoje à noite... com a iluminação romântica que filtra da rua pelas janelas... eu quero levar isso lento e gentil, apesar da falta de preliminares.

Minha mão desliza para baixo, entre as pernas dela, e eu sinto como Trixie já está excitada. Porra, isso vai ser bom.

Lento, gentil e muito, muito bom.



— Isso foi realmente muito bom, — Trixie diz suavemente quando nos sentamos lado a lado no chão do escritório dela, nossas costas apoiadas na parede. Estamos compartilhando uma cerveja pós-sexo que ela resgatou de um pequeno frigobar no canto. Ela toma um gole e passa a garrafa para mim.



— Mais do que bom, — digo enquanto pego a garrafa. — Não, espere... foi a melhor, certo?

— De todos os tempos? — Ela pergunta, sua cabeça se virando em minha direção.

— Sim, de todos os tempos. — Tomo um gole. Estou tranquilo e satisfeito - mas quem não estaria depois de tal sexo espetacular com alguém tão incrível e linda quanto Trixie Mancinkus?

— Bem, houve aquela vez no telhado do apartamento, — ela afirma.

E sim... aquilo também foi muito bom. O prédio ao lado do nosso estava dando uma festa no telhado, e nós nos colocamos totalmente fora de vista para que eu pudesse fodê-la contra a parede, suas pernas embrulhadas em torno da minha cintura enquanto eu a segurava em meus braços. Tivemos que ficar completamente em silêncio na ocasião, o que nem foi tão difícil uma vez que nos beijamos o tempo todo.

— Sempre foi ótimo, se pararmos para pensar, — Trixie diz suavemente. — Você sabe... algumas pessoas as vezes têm sexo ruim. Ou apenas medíocre, por que... bem, porque às vezes você não está no clima ou algo assim...

— Eu sempre estive no clima para transar com você, até o fim, — digo, ofendido por ela pensar o contrario.

Trixie ri, puxando a garrafa das minhas mãos. — Você sabe o que eu quero dizer. Foi sempre... extraordinário conosco.

— Tenho que concordar.

— O que você quer fazer agora? — Ela pergunta antes de inclinar a garrafa para trás e esvazia-la. — Se você já está recarregado, podemos fazer novamente.

— Estou recarregado, — digo com firmeza. — Mas tenho uma ideia melhor.

— O que pode ser melhor que sexo? — Ela pergunta com curiosidade.

— Vamos tentar pescar o Ol' Mud novamente.

Sua risada tilintante flutua ao meu redor. — Você está brincando, certo?



— Não estou, — respondo enquanto me levanto do chão, oferecendo minha mão para ela. — Você disse que era mais fácil pescar um bagre à noite. Vamos tentar.

Trixie pega minha mão e eu a ajudo a levantar, e depois a puxo um pouco mais forte em minha direção, apoiando uma mão em seu quadril e apertando-o.

— Você realmente quer ir pescar agora? — Ela pergunta, sua cabeça inclinada para o lado.

— Sim, acho que sim. — respondo. — Será divertido, e é algo que eu nunca fiz. Pescar à noite, no caso.

— Nós também podemos brincar no barco, — ela sugere.

— Provavelmente. — concordo, sem admitir que estava pensando o mesmo. — Desde que isso não assuste o peixe.

Trixie ri outra vez, e Cristo... senti tanta falta de seu sorriso quanto do sexo. Vou aproveitar todas as oportunidades que puder enquanto estou aqui para fazer com que ela ria uma e outra vez.



CAPÍTULO 14

Trixie

Eu me aconchego debaixo das cobertas e espero por Ry. O ouvi sair chuveiro há alguns minutos, e fico feliz por seu banho ter demorado mais que o meu, já que isso me deu tempo para subir as escadas de mansinho e deitar nem sua cama. Eu rio para mim mesma quando penso em ser atrevida com Ry sob o telhado dos meus pais, sem sentir nenhuma vergonha por isso.

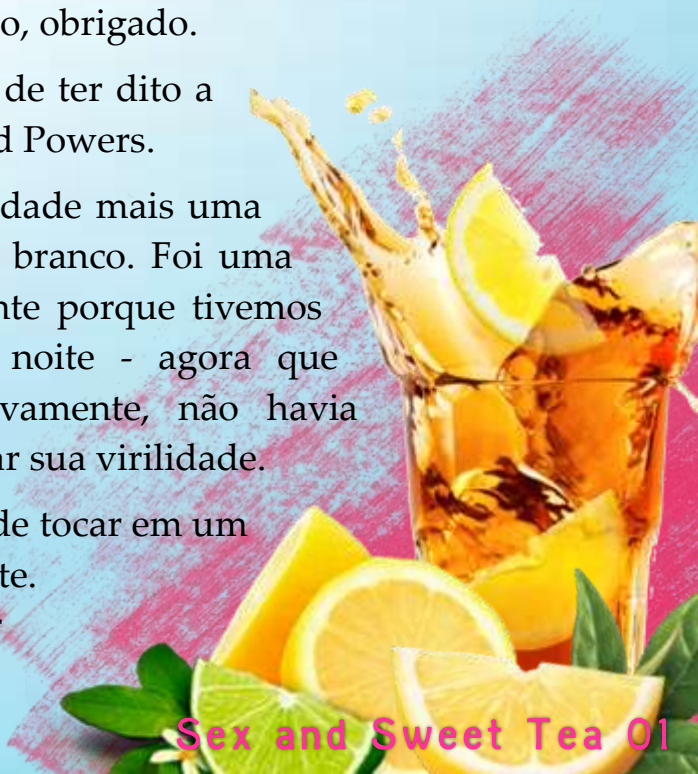
Eu suspeito que Ry esteja demorando mais no banho porque não gostou muito de segurar o peixe que pegou hoje à noite. E não, nós não fizemos sexo no barco. Em vez disso, nós pescamos, conversamos e rimos. Eu consegui pescar alguns peixes antes de Ry ter sua primeira isca mordida, mas ele se lembrou bem de suas lições daquela manhã e habilmente fisgou um bagre de cabeça chata.

Ele ficou tão entusiasmado com isso que eu me aproveitei desse entusiasmo para insistir que ele aprendesse a segurar o peixe e tirá-lo do anzol. Mas, da mesma forma como se comportou esta manhã, ele recuou com minha sugestão e disse educadamente: — Não, obrigado.

— Vou dizer de novo... — Me lembro de ter dito a ele. — Você é absolutamente precioso, Ryland Powers.

Foi um insulto a Ry e à sua masculinidade mais uma vez e, desta vez, ele não deixou passar em branco. Foi uma jogada esperta da minha parte, especialmente porque tivemos sexo magnífico durante todo o dia e à noite - agora que estávamos íntimos um com o outro novamente, não havia nenhuma maneira de Ry me deixar questionar sua virilidade.

Ele então deixou de lado seu desgosto de tocar em um peixe e seguiu minhas instruções corretamente. Eu fiquei bastante orgulhosa por ele ter



aprendido a liberar o peixe, mesmo tendo que reprimir uma risada quando ele se inclinou sobre a borda do barco e esfregou vigorosamente as mãos na água para limpar a lodo - e então as levantou até o nariz, cheirou e fez uma careta.

Então sim... é por isso que seu banho demorou tanto.

Meu coração gagueja quando a porta do seu quarto se abre e eu o vejo parado ali, vestindo nada além de uma toalha úmida envolta em sua cintura. Seu quarto fica no terceiro andar e é o único quarto de hóspedes da casa, possuindo seu próprio banheiro adjacente. Costumava ser o quarto das gêmeas, visto que é um antigo sótão que foi convertido em quarto quando mamãe e papai descobriram que teriam dois bebês, além dos dois filhos que já tinham.

— O que você está fazendo aqui? — Ry sussurra enquanto anda até a porta do quarto para se certificar que está fechada. Quer seja subconsciente ou não, sua mão vai para a toalha ao redor de sua cintura e a aperta quase de forma protetora.

— Estou aqui para roubar sua virtude, — respondo em voz alta e clara, apenas para deixar Ry mais nervoso.

— Você pode parar com isso? — Ele sussurra, apontando para a porta. — Agora saia daqui e volte para o seu quarto.

— Por quê? — Pergunto simplesmente antes de afastar as cobertas para que ele veja a minúscula camisola cor pêssego que estou vestindo, bem como a calcinha do conjunto, ambos praticamente transparentes. Ele assobia novamente, mas parece diferente desta vez, e eu percebo feliz o aparecimento de uma protuberância debaixo de sua toalha.

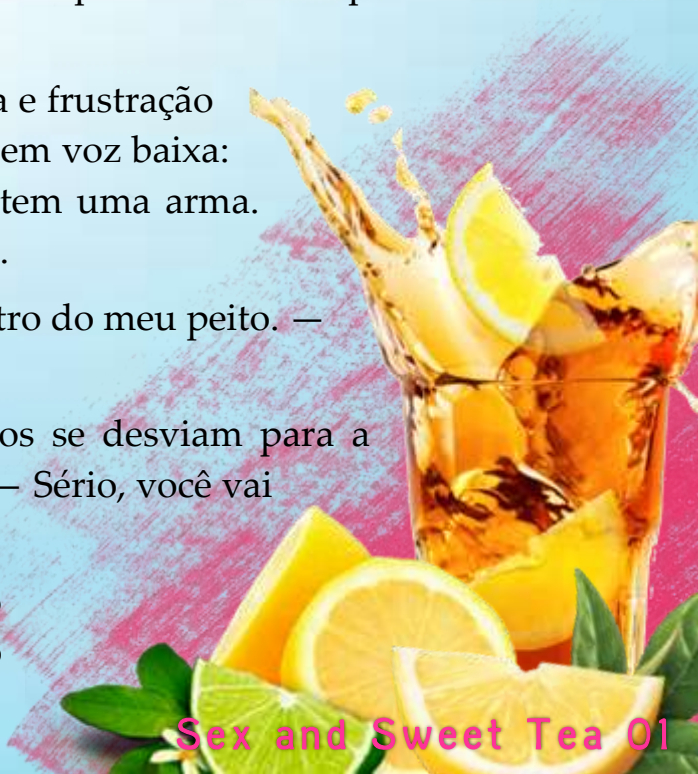
A expressão de Ry está cheia de luxúria e frustração quando ele dá dois passos para a cama e diz em voz baixa:

— Porque seu pai não gosta de mim, e ele tem uma arma. Por isso, por favor, vá para o seu quarto, Trix.

Balanço a cabeça e passo o dedo no centro do meu peito. — Não.

— Trixie, — ele diz quando seus olhos se desviam para a porta do quarto, e depois voltam para mim. — Sério, você vai me matar.

Apoiando-me em um cotovelo, sorrio para ele. — Ry... nós estamos no terceiro



andar. O quarto dos meus pais fica no andar de baixo, do lado oposto desta enorme casa, e eles estão dormindo. Nós estamos bem e, além disso... somos adultos. Eles sabem que fazemos sexo.

— Mas não na casa deles, — ele ressalta.

Minha mão dispara e puxa a ponta da toalha, arrancando-a de sou corpo enquanto observo lentamente o quanto Ry está excitado.

Ele simplesmente rosna e insiste: — Não vamos fazer sexo aqui. A maldita cama faz barulho, e o assoalho range.

Eu fico de joelhos na cama, parando próxima a sua ereção que agora está bastante orgulhosa e muito solitária.

— Tudo bem... não precisamos fazer sexo se você não quiser. Mas podemos fazer outras coisas, — digo maliciosamente quando minha mão o envolve, dando-lhe um aperto suave antes de eu acrescentar: — Tem outras coisas que posso fazer com você neste momento, e tudo o que você precisa fazer é ficar muito parado, exatamente como está agora.

— Jesus, Trixie, — Ry respira com dificuldade enquanto coloco minha boca sobre ele.

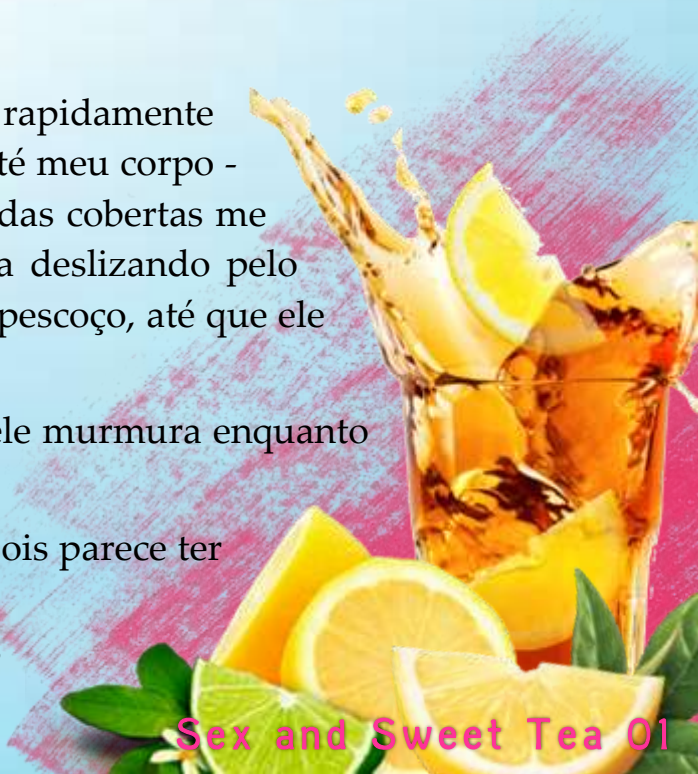
E para o seu crédito... ele fica muito quieto e me deixa fazer todo o trabalho. A cama e as tábuas do chão não rangem nem uma vez.



Meu peito está subindo e decendo rapidamente enquanto Ry beija todo o caminho de volta até meu corpo - ele acabou de passar muito tempo embaixo das cobertas me devolvendo o favor. A boca de Ry continua deslizando pelo meu abdômen, meus seios, a lateral do meu pescoço, até que ele finalmente beija minha boca.

— Você tem um gosto muito bom, — ele murmura enquanto paira sobre mim.

— Idem, — é tudo que consigo dizer, pois parece ter sobrado pouco ar em meus pulmões. Ry ri, envolve seus braços em volta de mim e nos



vira de lado, até que estamos cara a cara.

— E agora você tem que voltar para sua cama.

— De jeito nenhum, — digo enquanto me aconchego nele. — Vou dormir aqui com você esta noite.

— Você vai ser a minha morte, — ele murmura, mas não discute mais. Em vez disso, me espanta quando seus olhos se tornam um pouco triunfantes antes dele perguntar: — Houve algum homem em sua vida que conseguiu lhe proporcionar um orgasmo do tipo que eu consigo com minha boca?

Ele quer que eu acaricie seu ego, obviamente, mas vamos ser sinceras aqui... o que ele faz com a boca está realmente além de fantástico. Ele também está pescando informações sobre os onze anos em que ficamos separados e, como não tenho nada a esconder, digo: — Ninguém nunca me fez sentir do jeito que você faz na cama.

Eu espero isso o agrade. Em vez disso, suas sobrancelhas se enrugam e seu tom é ligeiramente ríspido quando ele diz: — E quanto a fora da cama? Alguém já fez você sentir do mesmo jeito que eu?

Levo minha mão até seu rosto, deslizando meu polegar ao longo de sua mandíbula. — Não, Ry... ninguém nunca me fez sentir do mesmo jeito que você, dentro ou fora da cama.

Eu não tinha percebido quão tenso todo seu corpo estava até senti-lo relaxar contra mim. Ele me dá um belo e ofuscante sorriso quando diz: — Você não teve nenhum relacionamento sério desde que terminamos?

Balanço a cabeça ligeiramente, um pouco constrangida por não ter tido a sorte de me apaixonar outra vez. — Eu namorei casualmente ao longo dos anos, mas nada sério. Talvez até seis meses tenha sido a duração do meu relacionamento mais longo.

— Sinto muito, — ele diz suavemente, e o olhar de simpatia em seu rosto é insuportável.

— Pelo que? — Pergunto com um encolher de ombros. — Não é como se eu não tivesse me divertido com os homens que namorei.



Imediatamente me arrependo dessas palavras, já que as disse apenas para esconder minha vergonha pelo fato de Ry ter me arruinado para qualquer outro homem.

— Talvez devêssemos conversar sobre outra coisa, — digo apressadamente.

— Está tudo bem, Trix, — Ry diz suavemente. — Nós dois tivemos que seguir em frente. Foi bom se apaixonar por outra pessoa, ou não se apaixonar, que seja. Não havia regras, ok?

Eu aceno com a cabeça e engulo com força. — Eu só... Eu só... é só que foi muito difícil seguir em frente, Ry. E as escolhas por aqui também são bastante limitadas. Mas não é como se eu fosse a puta na cidade que já dormiu com todos.

Ele ri e se inclina para me dar um beijo rápido. — Eu nunca pensaria isso de você. E se serve de consolo, nunca houve alguém como você em minha vida também... dentro ou fora da cama.

Meus lábios se separam e meu sorriso aumenta. — Sério?

— Ninguém nunca nem chegou perto, — ele me assegura.

E mais uma vez eu tenho que me perguntar por que nós não conseguimos ficar juntos.



CAPÍTULO 15

Ryland

Uma batida na porta me acorda imediatamente, e fico ciente de várias coisas ao mesmo tempo: está apenas começando a amanhecer, considerando o tom azulado do quarto, Trixie está aconchegada contra mim, felizmente sob as cobertas, e Catherine está batendo na porta, que acaba de abrir. Por sorte ela não olha para a cama; pelo contrario, mantém seu olhar fixo no chão.

— Trixie... Ry... É hora de levantar, — ela diz suavemente, confirmando que ela sabe que sua filha está na minha cama, embora não tenha olhado em nossa direção. — Gerry está no poço, e a bomba está quebrada. Ele precisa de um par extra de mãos fortes, e Colt está fora, nos campos.

Trixie se movimenta em meus braços antes de levantar a cabeça do travesseiro e encarar sua mãe. — Ok, Mama... Vamos nos vestir e em seguida descemos para ajudar.

— Obrigada, querida, — ela diz antes de fechar a porta. Eu gemo e fecho meus olhos.

— Bem, isso foi embaraçoso.

Trixie já está jogando a cobertura para o lado e se levantando da cama. — Não, não foi. Nós somos adultos. Deixe isso para lá.

Abro meus olhos outra vez e a observo pegar suas calças do chão e desliza-las por suas pernas longas e gloriosas – no meio das quais eu passei um lindo momento na noite passada. Ela está sorrindo para mim quando meus olhos finalmente encontram os dela.



— Mexa-se, Ry, — ela diz enquanto se vira para a porta. — Basta vestir um jeans, uma camiseta e seu tênis.

— Vida na fazenda, — eu murmuro enquanto ela sai pela porta e eu me levanto da cama.

Trixie já está na cozinha quando eu termino de me vestir e desço para encontrá-la, parecendo ainda mais bonita. Ela é uma daquelas garotas que nasceram para vestir jeans e camisetas de algodão da mesma maneira que as supermodelos usam alta costura nos desfiles. É simples, é ela, e só acrescenta ao seu esplendor, em minha opinião.

— Pronta para ir? — Pergunto a Trixie, que está sentada na ilha da cozinha com uma xícara de café nas mãos.

— Na verdade, vou ficar aqui e ajudar a mamãe a preparar o café da manhã, — diz ela. — Mas você pode ir até o poço, que fica a cerca de trezentos metros da porta lateral da cozinha; vai conseguir vê-lo logo que sair.

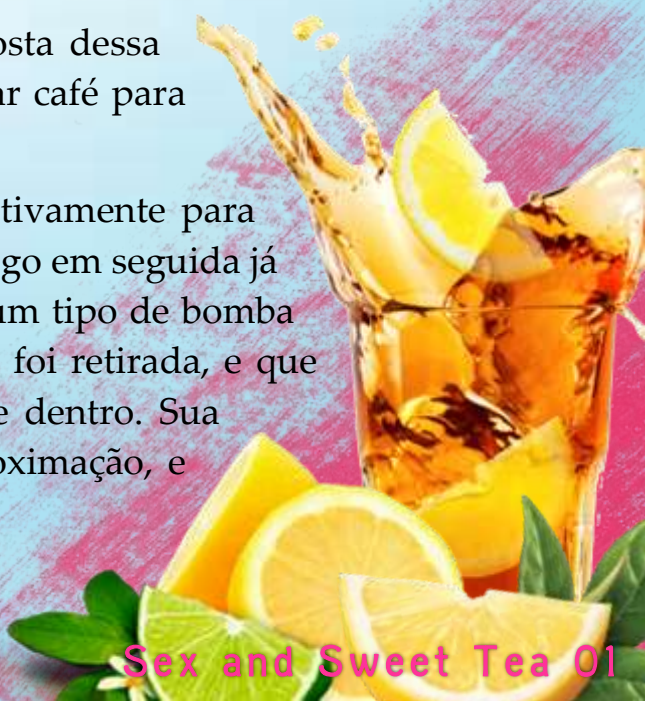
— Você quer que eu vá ajudar seu pai... *Sozinho?*

Catherine, que está no fogão fritando bacon, ri. Trixie apenas sorri e continua: — Ok, vou ser bem clara aqui... Meu pai parece querer um momento do seu tempo, e quer isso sozinho. Ele especificamente pediu para você ir ao poço ajudá-lo.

— Ele vai me matar, não é? — Pergunto enquanto caminho para a porta, sem esperar uma resposta... porque não foi realmente uma pergunta séria, ok? Considerando que Gerry Mancinkus foi à pessoa menos simpática que conheci desde que cheguei aqui, sabia que teríamos algum tipo de confronto em algum momento.

Ambas as mulheres riem da minha resposta dessa vez, e Trixie fala antes que eu saia: — Vou levar café para vocês em breve.

Olhando sobre meu ombro, aceno afirmativamente para ela quando saio pela porta lateral da cozinha. Logo em seguida já posso ver Gerry Mancinkus dobrado sobre algum tipo de bomba de aparência enferrujada. Percebo que a tampa foi retirada, e que ele usa uma chave inglesa em algo do lado de dentro. Sua cabeça se levanta quando ele ouve minha aproximação, e eu estou surpreso quando ele diz: — Dia.



— Dia, — respondo de volta. — O que posso fazer para ajudar?

— Eu não preciso de ajuda, — ele diz, o que não me surpreende; afinal, está bem claro que ele quer “conversar” sobre Trixie.

Ele fica em silêncio por alguns instantes enquanto eu o observo trabalhar, maravilhando-me pela força dos braços de um homem de sessenta anos. Sua pele é marrom escura, graças ao tempo gasto sob o sol, e posso ver também uma tatuagem em seu bíceps, logo abaixo da manga. Depois de apertar o que quer que fosse, ele se endireita e limpa seu antebraço na manga da camisa suada antes de virar os olhos para mim. — Eu gostaria de saber o que aconteceu entre você e minha filha após a faculdade.

Meu corpo tenciona imperceptivelmente enquanto minha mente corre desenfreada, visto que jamais imaginei que ele fosse me perguntar algo assim. Eu pensei que ele me perguntaria se há algo acontecendo entre nós agora, então, pego de surpresa, simplesmente o encaro bobamente por um momento.

— Ela não lhe contou? — Pergunto finalmente.

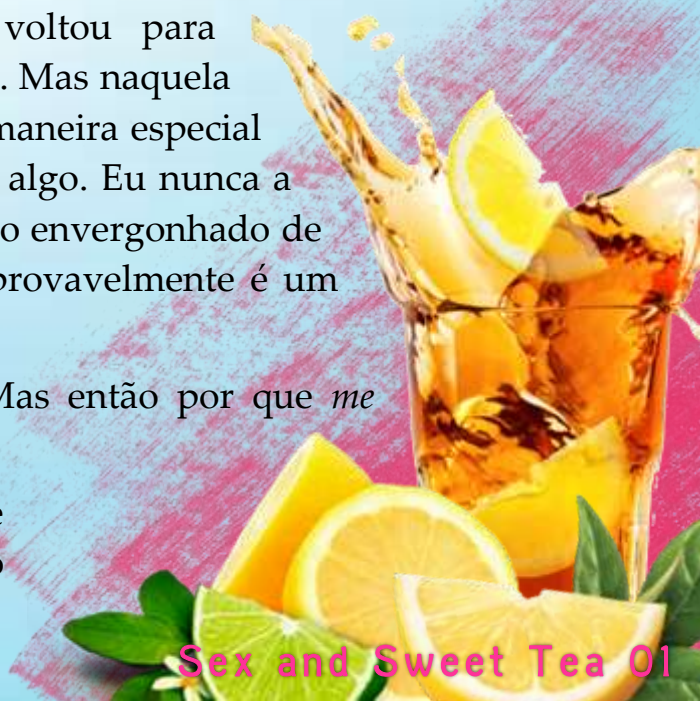
Gerry balança a cabeça. — Não contou a ninguém que eu conheça. Definitivamente não contou a sua mãe, e acho que nem a seus irmãos ou irmãs. Talvez tenha contado a Pap, já que eles são muito próximos, mas não tenho certeza.

— Com todo o devido respeito, senhor, por que você está perguntando isso a mim, e não a Trixie?

Espero que ele se zangue com a minha impertinência, mas, ao contrário, sua expressão se torna pesarosa. Ele tira o chapéu, coça a cabeça e coloca-o de volta antes de falar: — Acho que é tarde demais agora. Eu deveria ter perguntado há onze anos, quando ela voltou para Whynot com o coração claramente quebrado. Mas naquela época ela não disse nada, e Trixie tem uma maneira especial de se esconder quando não quer falar sobre algo. Eu nunca a pressionei e, bem... Acho que estou um pouco envergonhado de perguntar agora, já que onze anos depois provavelmente é um pouco tarde.

Não posso deixar de perguntar: — Mas então por que *me* perguntar agora?

— Porque, francamente, há felicidade nos olhos dela de novo, algo não me lembro



de ver há muito tempo. Há *Anos*, na verdade. Também não pude deixar de notar que começou exatamente no momento em que você veio para a cidade.

Whoa.

Isso basicamente é o equivalente a um soco em meus sentidos.

Meu retorno está deixando Trixie mais feliz do que ela já esteve em anos?

Eu não hesito, e conto a Gerry exatamente o que aconteceu: — Na metade do nosso último ano na faculdade Trixie e eu começamos a planejar nosso futuro. Nós tínhamos nossos objetivos individuais, é claro, como ter um bom trabalho, mas era natural que falássemos sobre como nos encaixaríamos um na vida do outro. Acabou que ambos recebemos uma oferta de emprego da Hayes Lockamy, então sugeri que encontrássemos um lugar em Boston juntos. Ela concordou.

Gerry balança a cabeça. — Ela nos contou que estava pensando em se mudar para Boston. Catherine ficou com o coração partido, é claro, mas não fez nada além de oferecer todo seu apoio às decisões de Trixie.

— Passamos meses planejando, — continuo. — Até chegamos a encontrar um apartamento que estávamos interessados em alugar.

— Então, o que mudou? — Ele pergunta.

O que mudou?

Me lembro claramente do momento em que, após terminar minha última aula do dia, entrei em nosso apartamento e encontrei Trixie na sala de estar, enrolada em uma poltrona grande e estranha que encontramos em uma venda de quintal, olhando pela janela.

— Ei, querida, — eu disse antes de beijá-la na cabeça.

— Ei, — ela disse suavemente.

Imediatamente eu soube que algo estava errado, então me agachei, colocando minhas mãos em suas pernas, e perguntei: — O que houve?

Lágrimas subitamente encheram os olhos de Trixie, e confesso que isso me pegou desprevenido, porque ela sempre foi dura como uma pedra. Imediatamente



levantei-a da cadeira, sentei-me no sofá e a puxei para o meu colo. — Trix, querida, diga-me o que está errado.

Ela deu um leve aceno e deixou escapar: — Eu sinto muito, Ry, mas não quero ficar em Boston depois da faculdade.

— Você não quer? — Perguntei, completamente confuso.

— Eu quero ir para casa, — ela praticamente gemeu de dor.

Nunca esquecerei esse tom em sua voz, pois era algo que eu nunca tinha ouvido antes. Esse também foi o momento em que eu soube que tínhamos terminado. O anseio em sua voz era insuportável de ouvir, porque finalmente me dei por conta que ela desesperadamente queria algo que eu não fazia a mais remota ideia que passasse pelos seus pensamentos.

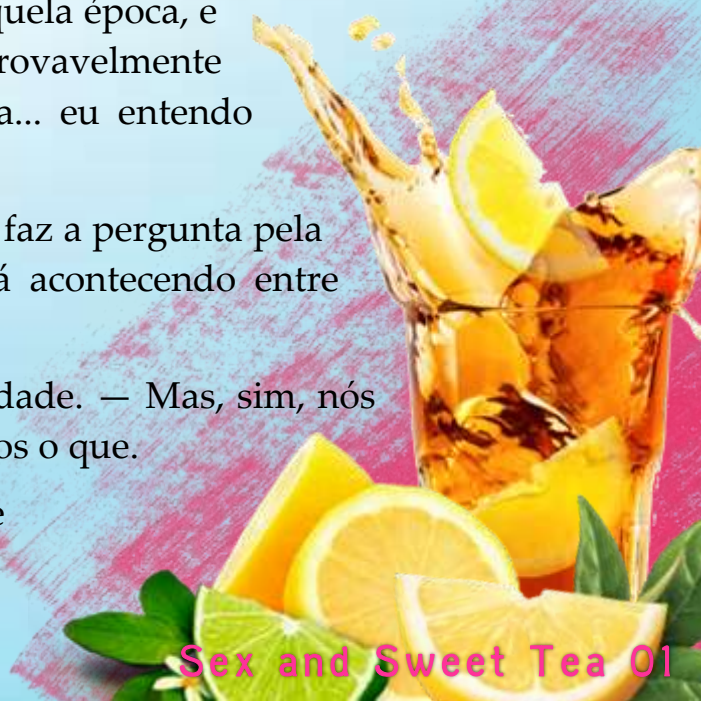
— Ela simplesmente mudou de ideia? — Perguntou Gerry, arrancando-me de minhas lembranças.

— Eu nunca entendi muito bem o que aconteceu, — digo com sinceridade. — Nós conversamos, discutimos e argumentamos sobre isso. Eu tentei fazê-la ficar. Ela me pediu para me mudar com ela para Whynot. Mas nenhum um de nós dois estava realmente pronto para ceder. Mesmo depois de todas as conversas, brigas e súplicas, eu nunca pude entender com clareza o que aconteceu. — Gerry apenas olha para mim, sem dizer nada. — Mas agora eu entendo, — continuo. — Agora que a vi interagir com sua família, e que presenciei em primeira mão o amor profundo que ela sente por vocês, por esta cidade e pelas pessoas a quem ela serve. Na verdade, chega a ser algo tangível, porque posso ver e sentir suas emoções. E o que eu entendo agora, sem sombra de dúvidas, é que Trixie tomou a decisão certa ao voltar para casa. Talvez eu não tenha entendido isso naquela época, e talvez eu tenha ficado ferido e irritado e provavelmente bastante amargurado, mas em retrospectiva... eu entendo agora.

Gerry acena com a cabeça e finalmente faz a pergunta pela qual eu estava esperando: — E o que está acontecendo entre vocês dois agora?

— Não faço ideia, — digo com sinceridade. — Mas, sim, nós temos algo. Entretanto, ainda não descobrimos o que.

— Eu trouxe café, — ouço atrás de mim.



Me viro prontamente para observar Trixie atravessar o gramado com uma caneca fumegante de café na mão. Ela me dá um sorriso brilhante, talvez se desculpando por me entregar aos lobos esta manhã, e eu sorrio para ela em resposta antes de tomar um gole do café que ela me entrega, deixando-a saber que tudo está bem.

— Papai, — diz ela, voltando-se para Gerry e apontando para um lugar na grama, a cerca de vinte metros em direção à casa. — Há uma cobra ali. Eu quase pisei nela.

— Copperhead¹⁶? — Pergunto, curioso.

— Uma cobra, — diz Trixie, e eu viro minha cabeça na direção para a qual ela apontou, observando o local na grama onde andei pouco tempo atrás.

— Uma cobra? — Pergunto novamente, embora tenha-a ouvido perfeitamente da primeira vez.

— Uma muito venenosa, — ela complementa, me fazendo baixar a cabeça mais uma vez para olhar para aquele pedaço de grama por onde Trixie andou há apenas alguns segundos - onde ela quase pisou.

Jesus... A vida no campo pode muito assustadora as vezes.

— Quer que eu lide com isso? — Trixie pergunta a seu pai.

— Você absolutamente não vai lidar com isso, — eu afirmo, não querendo sequer pensar em vê-la perto de uma cobra venenosa.

Ela simplesmente apoia a mão sobre meu peito e começa a me acariciar. — Tão precioso.

— Eu cuido disso, — diz Gerry, passando a mão por trás das costas e - não surpreendentemente - pegando uma pistola. Por um breve segundo me orgulho de mim mesmo por ficar calmo e sereno, sabendo que a bala não é para mim. — Onde está? — Pergunta Gerry enquanto vasculha a grama.

Trixie começa a segui-lo, mas eu pego sua mão para puxá-la de volta. Obviamente que ela simplesmente retira sua mão da



¹⁶ Cobra encontrada do leste dos Estados Unidos até os Grandes Lagos, exceto na Flórida, bem como numa pequena região no norte do México. Seu veneno ataca o sistema circulatório, mas não é letal.



minha e continua a seguir seu pai. Sem opções, sigo atrás deles com cautela, meus olhos furiosamente explorando a grama, para o caso do deles falhar. Minha frequência cardíaca sobe, já que eu nunca vi uma cobra real em minha vida.

— Lá está ela, — diz Trixie, apontando para um ponto a cerca de cinco pés à sua frente. Eu congelo no lugar quando a vejo e, em seguida, fico instantaneamente aliviado ao vê-la deslizar para longe de Trixie.

Mas Gerry não deixa as coisas baratas: ele caminha atrás da cobra, que se move cada vez mais rápido, já sabendo que alguém está caçando-a. Gerry então segura a arma com uma mão, o cano apontando para a cabeça do bicho da melhor maneira que posso imaginar. Mas, como ela se movimenta em forma de S pela grama, Gerry se obriga a mover sua mão da esquerda para a direita para manter a cabeça da cobra como alvo. Eu pulo quando a arma dispara, observando a cobra cair pesadamente no chão, imóvel.

— Belo tiro, papai, — Trixie elogia exuberantemente, correndo para a cobra sem se perturbar quando seu pai pega a forma sem vida pela cauda e a observa, inspecionando-a.

— Um único tiro... bem na cabeça. — Seu pai sorri. — Seu velho ainda leva jeito, hein, garota Trixie?

— Totalmente, — diz ela com orgulho.

— Vou jogá-la na floresta, — diz Gerry, me deixando um pouco surpreso por não esfolá-la e comê-la. Trixie, por sua vez, se vira e volta para onde eu permaneço congelado desde que a arma disparou. Ela sorri para mim, mas eu não consigo retribuir a gentileza, visto que meu rosto está tão congelado quanto o resto do meu corpo.

— Seu pai acabou de acertar um tiro na cabeça de uma cobra em movimento, — consigo dizer. Trixie assente afirmativamente, seus olhos brilhando de orgulho. — Ele assusta a merda fora de mim, — continuo, fazendo-a rir e lançar seus braços ao meu redor.

— Se eu não soubesse que isso é impossível, diria que ele planejou essa coisa da cobra apenas para assustá-lo.

— Eu não descartaria essa possibilidade tão facilmente, — respondo, abraçando apertado.



Ain't He Precious?

Juliette Poe

Mas, baseado em nossa conversa recente, tenho certeza de que Gerry Mancinkus e eu estamos bem um com o outro.



CAPÍTULO 16

Trixie

— Acabei de enviar o recurso por fax. Agora só tenho que esperar perto do telefone pelo telefonema que vai oferecer milhões de dólares ao Sr. Ogletree, quando perceberem que você está envolvido no caso, — eu digo a Ry com um sorriso no rosto enquanto caminho pela pequena sala que ele vem usando, em frente ao meu escritório.

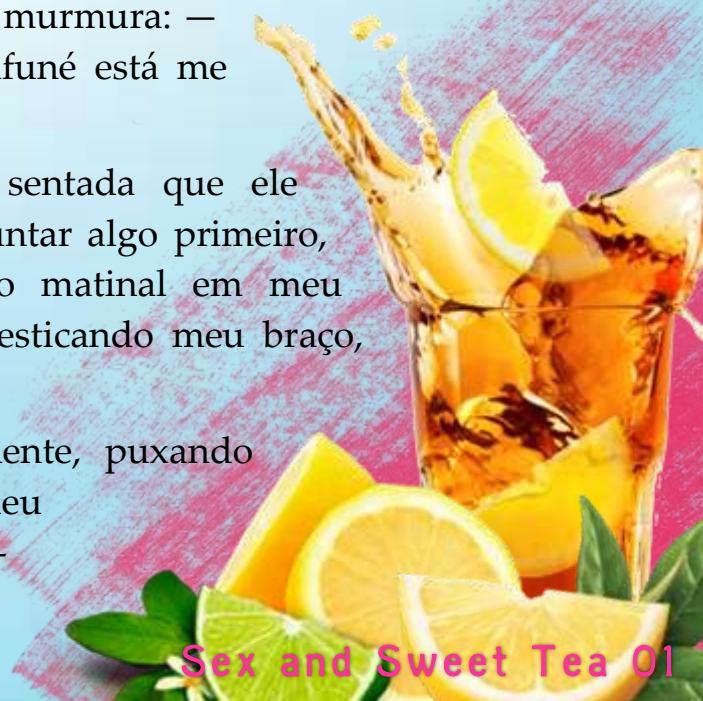
Ry se remexe em sua cadeira, ri e balança a cabeça para mim. — Por que você acha que meu nome tem tanto valor em táticas de intimidação está além de mim.

— Sério? — Eu pergunto quando paro ao lado de sua cadeira, enfiando meus dedos em seu cabelo. Ele sempre amou que eu fizesse isso, e aparentemente ainda ama, pois apoia sua cabeça em minhas mãos, quase como um gato que exige um carinho. Eu obedeço seu pedido implícito com prazer, arrastando meus dedos sobre seu couro cabeludo enquanto pergunto: — Como é possível que você não conheça seu valor no mundo jurídico?

Ry me surpreende, segurando-me pela cintura e me sentando em seu colo. Ele esfrega seu rosto em meu pescoço e murmura: — Como é que *você* não entenda que esse cafuné está me deixando duro?

E olááá... Eu sinto de onde estou sentada que ele realmente está animado. Mas preciso perguntar algo primeiro, então coloco a perspectiva de fazer sexo matinal em meu escritório em espera por um momento e, esticando meu braço, volto a segurar seus cabelos.

Desta vez, porém, agarro-os firmemente, puxando suavemente para afastar o rosto de Ry do meu pescoço. Quando retomo sua atenção -



embora seus olhos estejam tão quentes e sexys agora que quase vacilo - pergunto-lhe: — Ry... Você é um advogado bastante famoso, graças aos padrões legais que usou em alguns dos casos que ganhou. Por que você sempre minimiza sua capacidade?

Ele dá de ombros. — Não sei.

— Sim, você sabe, — pressiono-o, porque já o vi fazer o mesmo em outras ocasiões desde que chegou aqui, e o Ry do qual me lembro nunca foi humilde sobre suas habilidades legais. — Por quê?

Depois de dar um enorme suspiro, ele envolve seus braços em volta de mim e me aperta. — Honestamente... Esses grandes casos não significam grande coisa para mim.

— Eu não acredito nisso, — digo suavemente.

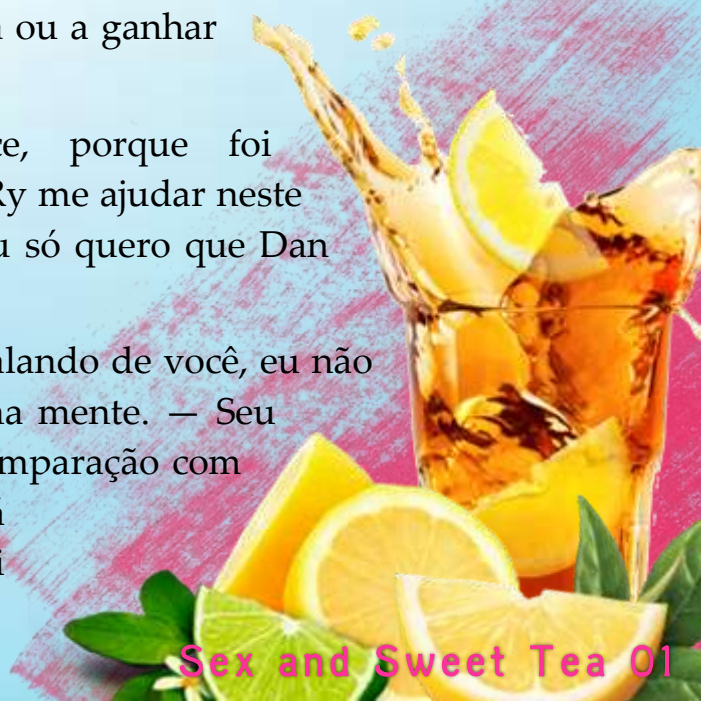
— As pessoas que eu representei... Sim, elas foram importantes para mim, — ele esclarece. — E eu fiz alguma diferença nas vidas delas. Mas, na verdade, esses casos só foram importantes por causa do dinheiro que representavam para a empresa, não por minha causa. Eles simbolizam os milhões e milhões de dólares que eu posso conquistar, e uma vez que os ganho, recebo os agradecimentos dos clientes e os observo seguir suas vidas enquanto eu e os outros sócios simplesmente nos sentamos, contamos nosso dinheiro e nos vangloriamos, satisfeitos.

— Não há nada de errado em ganhar dinheiro, — ressalto.

— Eu sei, — ele diz com um sorriso reconfortante. — Acho que só estou cansado de ver que o dinheiro é a única motivação do que eu faço, ou de perceber que, quando me reconhecem pelas minhas realizações e me pedem ajuda, tudo sempre se resume a minha fama ou a ganhar ainda mais dinheiro.

Meu rosto subitamente se aquece, porque foi exatamente por sua fama que eu pedi para Ry me ajudar neste caso. Embora a ajuda não seja para mim; eu só quero que Dan receba o que merece.

— E antes que você pense que estou falando de você, eu não estou, — Ry diz, como se pudesse ler minha mente. — Seu caso é realmente muito insignificante em comparação com o que estou acostumado. Eu vim para cá para ajudar uma amiga, e de quebra percebi



que Dan merece cada centavo dessa apólice de milhões de dólares. O que eu quero dizer é que... esses mega casos de *milhões*, no plural, são só... Todos os meus colegas parecem se preocupar apenas em se arrastar para o próximo grande caso, aquele que os tornará ainda mais ricos do que já são.

Imediatamente me sinto triste pelo dólar todo poderoso ter manchado um pouco de sua vida advocatícia, embora sua declaração não me surpreenda. Ry nunca foi ganancioso. Pelo contrário, ele sempre se pautou pela justiça das coisas.

— Então, — eu digo timidamente enquanto me viro em no seu colo, escovando meus lábios contra os dele antes de continuar: — Quer dizer que você é muito rico, hein? Você sabe que isso o torna infinitamente mais atraente para mim...

Ry bufa, porque sabe muito bem que eu nunca estive com ele por causa de seu dinheiro. Depois de resmungar mais um pouco, porém, ele me beija duramente, e simples assim todos os pensamentos sobre dinheiro e casos milionários voam pela janela. Eu o beijo de volta, curtindo nosso momento — profundo, sexy e cheio de mãos errantes.

— Trixie, você está aqui? — Subitamente ouço meu irmão Lowe chamar do lobby.

— Merda, — resmungo depois de interromper nosso beijo e fugir do colo de Ry. Imediatamente começo a endireitar minhas roupas, já ouvindo os passos de Lowe pelo corredor.

Ry murmura: — Que merda, — antes de puxar a cadeira em direção à mesa, escondendo sua ereção. Eu mal tenho um segundo para arrumar meu cabelo antes de Lowe entrar.

— Ei, como vai? — Cumprimento-o - sorrindo, mas completamente nervosa.

Será que parece que estávamos nos pegando?

Lowe, porém, parece bastante distraído quando diz: — Preciso de um conselho.

— Oh, tudo bem. Vamos para o meu escritório, — Eu respondo com um caloroso sorriso, realmente muito feliz por meu irmão estar me procurando em busca de conselhos.



Entretanto, os olhos de Lowe se desviam para Ry, que está de costas para nós e com a cabeça inclinada sobre o arquivo Ogletree - que certamente deve estar acalmando sua ereção – antes dele dizer: — Na verdade... Eu gostaria de falar com Ry.

— Ah, — Eu digo, surpresa, enquanto a cabeça de Ry se eleva. Ele então se vira na cadeira para olhar para Lowe, suas sobrancelhas levantadas em questionamento, e eu complemento: — Eu vou para o meu escritório então, para dar-lhes um pouco de privacidade, — murmuro, um pouco decepcionada por ele não estar me escolhendo.

O olhar de Lowe se volta para mim antes dele responde: — Não me importo se você ficar, Trixie. Mas quero falar sobre a Casa Mainer, e quero a opinião de Ry sobre isso.

Eu tenho que me controlar fortemente para não deixar escapar um suspiro exasperado, mas, estampando um sorriso encorajador em meu rosto, aponto em direção a uma das cadeiras e digo: — Ok, então. Sente-se.

Mas Lowe não senta. Pelo contrário, ele caminha pela sala enquanto conversa com Ry. — Eu sei que você já conhece os detalhes da venda da Casa Mainer, mas quero saber se há algo que eu possa fazer para desfazer o negócio.

Ry não se preocupa em me olhar, o que é bom, já que eu sei qual será seu conselho, e não quero que Lowe pense que o influenciei.

— Lowe, — Ry começa com firmeza, mas gentilmente. — Além de não haver nenhum tipo de fraude por parte do comprador, não há nada que possa desfazer essa venda. E, mesmo que existisse, dependeria de uma solicitação dos seus pais, já que eles são os proprietários legais.

A expressão de Lowe passa de esperançosa para irritada em um nanosegundo. Ele bate uma mão na outra e solta alguns palavrões que aprendeu com Pap antes de fociferar: — Não posso acreditar que não há nada a ser feito sobre isso.

— Desculpe... — Ry começa a dizer, mas Lowe o interrompe com um gesto conciliador de suas mãos.

— Não, sou eu quem peço desculpas. Não é com você que estou bravo, — Lowe diz rapidamente.

— E quero que saiba que agradeço sua ajuda



no outro dia. Além disso, não é de você que tenho que sentir raiva. — E com isso, Lowe se vira para me dar um olhar desagradável, praticamente soletrando as palavras *Minha família*.

— Lowe, — eu o repreendo com um tom suave. — Isso não é justo.

— Você sabe o que não é justo, Trix? — Lowe diz enquanto caminha em minha direção, apontando um dedo acusador para mim. — Ter uma família que não tentou com mais afinho manter nossa história familiar. Teria nos custado apenas um pouco mais de trabalho, e maldição... Eu estava disposto a trabalhar mais e a contribuir. Mas todos vocês simplesmente desistiram!

— Não valia a pena... — Tento dizer, embora ele não esteja mais ouvindo.

— Cristo, Trixie, — ele diz, frustrado e jogando os braços para cima. — Você nunca esteve profundamente apaixonada por nada em sua vida? Nunca houve nada que tenha significado o mundo para você, que te faria sangrar para manter? Algo que fosse parte da sua alma e que estivesse profundamente enraizado em seus ossos, sem o qual você jamais se sentiria completa?

Ry.

O nome dele é a primeira palavra que vem à minha cabeça. Deixo meu olhar vagar, e vejo Ry olhando para mim atentamente também. — Apenas esqueça, — Lowe rosna e começa a sair do escritório.

Eu odeio ter que quebrar esse contato visual com Ry, mas me viro e sigo meu irmão pelo corredor. — Lowe... Por favor, não seja assim, — imploro.

Ele se vira para mim: — Assim como, Trix? Como alguém que se sente profundamente triste sobre algo, e que sente que sua família o decepcionou?

— Eu sinto muito, — é tudo que posso dizer, visto que estou finalmente começando a ver a casa Mainer pela perspectiva de Lowe.

— Sim... Eu sei que você sente, — ele diz, cansado e afastando-se de mim. — Te vejo mais tarde.

O assisto por um momento, enquanto ele sai do meu escritório, e então caminho até a porta e a tranco. Não tenho uma placa de aberto/fechado para virar, mas sempre levei meu negócio com o conceito



simples de que, se minha porta estiver trancada, eu não estou disponível para clientes. A verdade é que preciso de algum tempo a sós com Ry para conversar, porque o discurso de Lowe desencadeou algo dentro de mim. Quando volto para o escritório que Ry está usando, ele simplesmente puxa uma cadeira ao seu lado e acena com a cabeça para eu me sentar. — Acho que precisamos conversar.

— Lowe te desconcertou também? — Pergunto suavemente enquanto me sento e acomodo meus pés, sentando de pernas cruzadas na cadeira. Apoiando meus cotovelos em minhas coxas, me inclino em direção a Ry, sustentando seu olhar. Esta será uma discussão séria, posso sentir.

Ry balança a cabeça antes de falar: — Ele com certeza me desconcertou, e também não posso negar que venho sentindo algo desde voltamos a ficar juntos.

— Eu também, — admito.

— E o que você está sentindo? — Ele pergunta enquanto se inclina para frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos e me dando toda sua atenção.

Eu não hesito: — Estou sentindo que posso ter cometido um grande erro há onze anos.

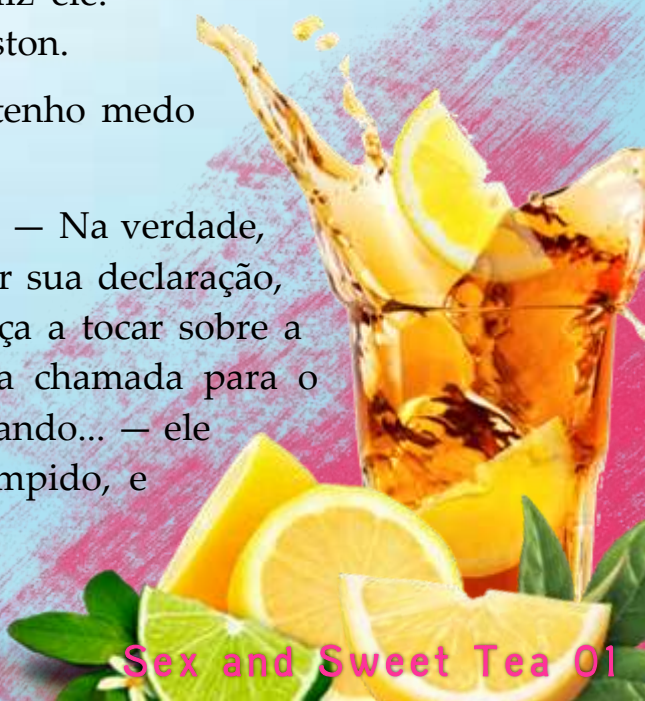
A respiração de Ry falha: — Isso é enorme, Trix.

Aceno afirmativamente, me sentindo completamente em paz com essa declaração. É assim que verdadeiramente me sinto, apesar de ter tido uma vida muito boa nos últimos onze anos. Mas, Lowe me fez perceber algo hoje: que poderia ter sido melhor com Ry. E que eu desisti de algo incrível.

— Eu me sinto da mesma maneira, — diz ele. — Como se talvez eu não devesse ter ficado em Boston.

Meu coração realmente incha tanto que tenho medo de que estoure em meu peito. — Sério?

— Sério, — ele diz com um sorriso suave. — Na verdade, eu estava pensando... — Mas, antes de concluir sua declaração, ele é interrompido por seu telefone, que começa a tocar sobre a mesa. Ry não hesita em alcançá-lo e enviar a chamada para o correio de voz, porém. — Então, eu estava pensando... — ele recomeça, apenas para ser novamente interrompido, e



confesso que fico bastante surpresa quando ele imediatamente pega o telefone e o atende desta vez.

— Leslie... Tudo bem?

Leslie?

Que porra é essa?

Ry olha para mim o tempo todo enquanto escuta. E ele apenas escuta, escuta... e escuta. Sua expressão não muda, embora eu possa ver sua mandíbula endurecer um pouquinho. Eventualmente ele diz: — Ok... Vou encontrar um vôo o mais rapidamente possível. Te ligo do aeroporto para avisar que horas vou chegar aí.

Ele vai embora? Para encontrar Leslie?

Minha cabeça começa a girar em confusão enquanto ele termina a conversa com: — Apenas tente manter a calma. Estarei aí assim que possível. Vai ficar tudo bem.

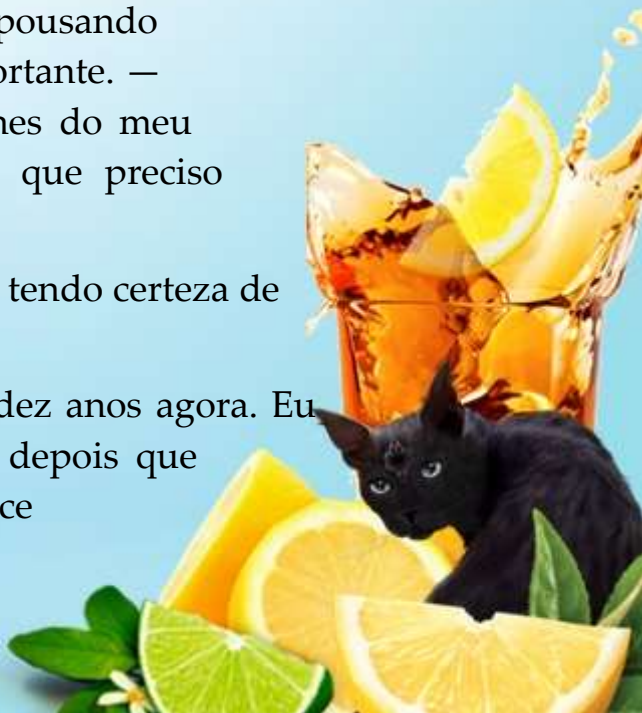
Quando ele desliga, imediatamente levanta da cadeira e dá um passo minha direção. Depois de largar o telefone na mesa, segura meu rosto com as mãos e se inclina para me dar um beijo duro, embora rápido. — Não é o que você está pensando, — ele diz quando se afasta um pouco, sem soltar meu rosto.

— Eu nem tenho certeza do que estou pensando, — murmuro, ainda muito incomodada pelo fato de uma simples ligação de sua ex fazê-lo voar imediatamente de volta a Boston enquanto estávamos prestes a discutir nosso futuro. Ah, e sim, o beijo foi bom também.

Ry se agacha na minha frente, suas mãos pousando em minhas coxas e dando-me um aperto reconfortante. — Não achei necessário te contar todos os detalhes do meu relacionamento com Leslie antes, mas parece que preciso fazer isso agora.

— Ok, — eu digo um pouco hesitante, não tendo certeza de onde isso vai nos levar.

— Leslie tem um filho... Aaron, que tem dez anos agora. Eu obviamente me aproximei dele, especialmente depois que fomos morar juntos, — ele diz, e o ar parece congelar em meus pulmões. Ele continua: —



Aparentemente Leslie sofreu uma queda muito feia nas escadas de seu apartamento agora a pouco, e quebrou o tornozelo. Ela vai entrar em cirurgia esta tarde, e não há ninguém para cuidar de Aaron.

— Ninguém? — Pergunto, porque acho difícil de acreditar.

— Bem, ninguém que pode chegar tão rápido, — explica Ry. — A família dela mora na Costa Oeste, e o pai de Aaron está viajando a negócios.

Eu nem sei o que dizer, e também não tenho nenhuma pista se deveria ficar com raiva ou não. Estou totalmente perdida. Pensando que preciso de mais detalhes, desde que fiquei sem palavras, Ry complementa: — Eu sei que isso é difícil de entender, mas Leslie e eu nos separamos amigavelmente. E como eu disse... Me apeguei muito a Aaron. Ele foi a parte mais difícil da nossa separação, inclusive. Leslie agiu certo em me ligar para ficar com ele enquanto ela está no hospital, especialmente porque ele está um pouco assustado agora.

— Ainda assim, — finalmente consigo dizer. — É estranho que você esteja correndo para ajudar uma ex-namorada no meio de uma conversa séria com outra ex-namorada sobre se seria possível vocês terem um futuro juntos.

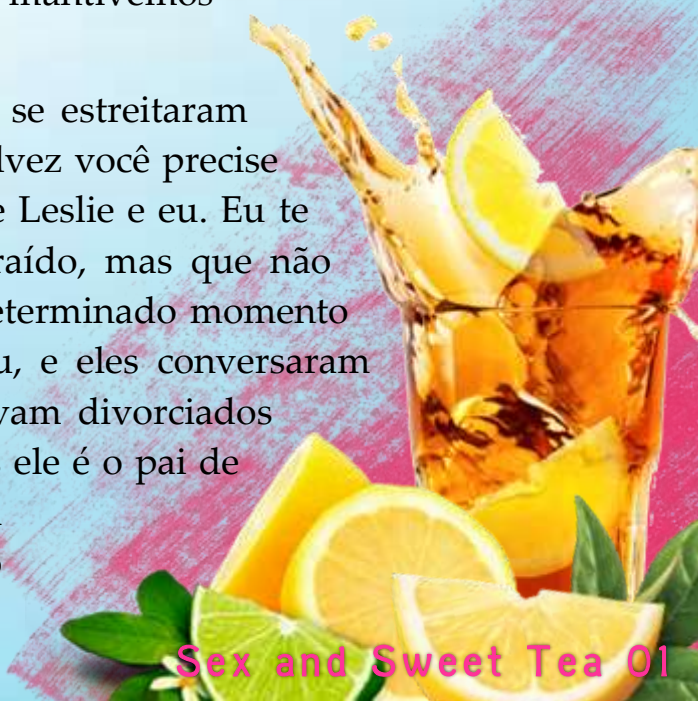
Ry me dá um sorriso compreensivo. — Desculpe, Trix. Eu sei que isso provavelmente não faz sentido, mas Leslie e eu ainda somos amigos. Bons amigos, na verdade.

— Como? — Pergunto sem rodeios.

— Como o quê?

— Como vocês ainda podem ser amigos? — Eu pergunto, e sim... Estou um pouco amarga. — Você e eu nunca mantivemos contato ou permanecemos amigos.

Fico surpresa quando os olhos de Ry se estreitaram antes dele responder: — Bem, primeiro... Talvez você precise conhecer os detalhes do que aconteceu entre Leslie e eu. Eu te disse que suspeito que ela possa ter me traído, mas que não tenho como ter certeza. Acontece que em determinado momento da nossa relação seu ex-marido a procurou, e eles conversaram sobre uma possível reconciliação. Eles estavam divorciados há um ano antes de eu começar a vê-la, mas ele é o pai de Aaron, então ela considerou a proposta. Ela eventualmente me contou que estava falando



novamente com ele, e que queria lhe dar outra chance. Foi por isso que nós terminamos, e francamente... Eu não poderia ficar chateado com uma mulher que queria voltar a reunir sua família. Então, esse é o motivo pelo qual não nos separamos em termos ruins. Em última análise, porém, seu ex-marido ainda era um idiota e não funcionou para eles, nada além disso. No entanto - e agora realmente respondendo a sua pergunta, o que vai te fazer entender a verdadeira diferença entre a nossa separação e a minha separação de Leslie - tenho que admitir que meu coração não foi totalmente destruído quando Leslie e eu nos separamos. Mas ele ficou em pedaços quando você saiu, e é por isso que continuei amigo de Leslie após nosso término, mas não de você.

Estremeço. — Ouch.

— Você sabe que eu não estou sendo propositalmente cruel, — ele diz com seriedade. — Somente te contei tudo isso para lhe mostrar que você foi meu único amor verdadeiro, Trix.

Eu suspiro enquanto borboletas dançam loucamente em meu estômago. Meu coração também ficou destruído quando terminamos, e eu sei exatamente o que ele quis dizer. Sinto uma necessidade incontrolável de admitir para ele: — Você também foi meu único e verdadeiro amor.

— Eu sei, — ele diz sorrindo enquanto se levanta e me puxa para fora da minha cadeira. — E acho que foi exatamente isso que ambos constatamos depois que Lowe saiu. Com toda certeza discutiremos esse assunto seriamente mais tarde, mas querida... eu realmente sinto muito por isso, mas tenho que me arrumar e pegar o próximo voo para Boston agora. Aaron está no hospital com a mãe, e Leslie disse que ele não está lidando muito bem com isso.

— Sim, é claro, — eu digo rapidamente enquanto me viro para a esquerda e depois para a direita novamente, tentando descobrir o que preciso fazer para ajudá-lo, agora que entendo perfeitamente por que ele precisa fazer isso, e que sei que poderemos retomar a *nossa* história uma vez que ele resolva essa situação. As mãos de Ry seguram meus ombros, porém, me parando no lugar.

— Trix?

— Sim? — Eu sussurro de volta enquanto ele se inclina um pouco mais para perto de mim.



Ain't He Precious?

Juliette Poe

— Eu ainda te amo, — ele diz suavemente.

E simples assim é como se o último pedaço do quebra-cabeça da minha vida se encaixasse no lugar com ressoante barulho.

Eu sorrio para ele. — Eu ainda te amo também.



CAPÍTULO 17

Ryland

Uma semana depois...

O telefone em minha mesa toca, mas confesso que penso em ignorá-lo, embora isso não seja realmente possível. Há muita coisa acontecendo, e pode ser um dos meus parceiros de negócios. Eu estendo a mão, sem tirar os olhos do processo que estou lendo, e aperto a tecla do viva-voz.

— O quê? — Pergunto.

É a nossa recepcionista. — Você tem uma ligação...

— Não posso atender agora, — resmungo enquanto esfrego minha testa, aliviando a tensão em minha cabeça. — Anote o recado.

— Sim, Sr. Powers, — ela diz calmamente, me fazendo sentir como um merda por falar nesse tom - ela desliga antes que eu possa me desculpar, porém. Endireitando-me, solto uma respiração profunda de frustração, empurrando minha cadeira e girando-a para a janela panorâmica do meu escritório — que vai do chão ao teto, e me permite admirar uma visão esplêndida da cidade.

Tem sido sete longos dias longe de Trixie, e acho que eu poderia realmente estar ficando louco. Como consegui sobreviver onze anos sem ela no passado está além de mim, visto que apenas alguns poucos dias longe dela depois do nosso reencontro parecem tortura. Apesar que, no fundo, acho que sei a resposta para isso: é simplesmente porque não sou mais o mesmo de onze anos atrás. E o mesmo pode ser dito sobre Trixie.



Quando nos separamos há tanto tempo, tínhamos vinte e quatro anos e todos os tipos de estrelas em nossos olhos. Afinal, éramos novos advogados em busca de justiça. Nós estávamos cheios de esperanças e sonhos, e provavelmente de ideias grandiosas de salvar o mundo, imaginando que poderíamos ter tudo e em momento algum cogitando que talvez não pudéssemos.

Em retrospectiva, acho que um coração quebrado machuca muito mais quando somos mais jovens do que agora que temos idade e sabedoria suficientes para ajudar a lidar com as coisas. Então, talvez Trixie e eu apenas não tenhamos tido maturidade suficiente naquela época para resolver as coisas de uma maneira passível de ter salvado nosso relacionamento.

Independentemente disso, eu sei que não senti tanta falta dela quando terminamos no passado quanto sinto agora. Naquele tempo eu estava ferido e com raiva, e não tenho vergonha de admitir que me concentrei em minha dor ao invés de na falta que ela me fazia. Mas sinto loucamente nossa separação agora porque, quando deixei Whynot há sete dias, foi com a recordação dos lábios de Trixie nos meus, pouco depois dela dizer que me ama. Ela me olhou com tanta esperança de que tudo iria funcionar desta vez...

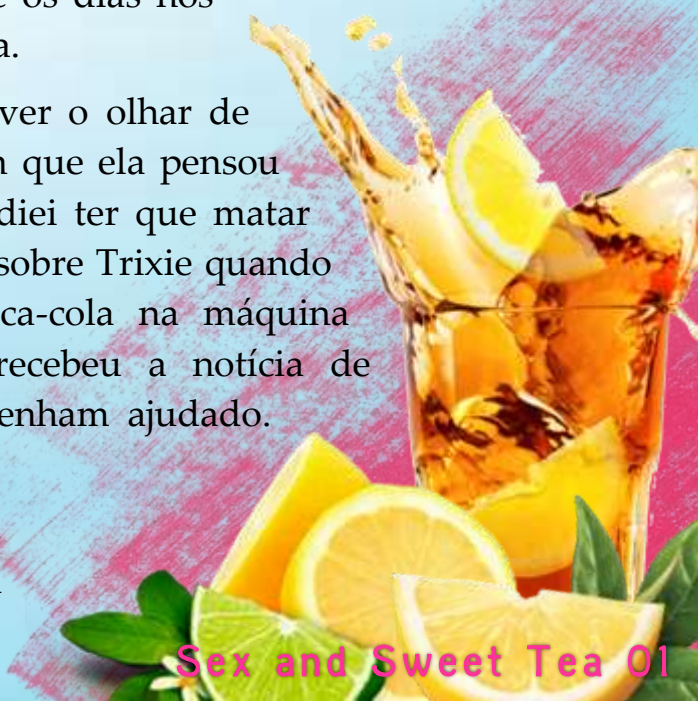
Lembro-me claramente que, a caminho do aeroporto, prometi a ela que resolveria a situação com Leslie e Aaron rapidamente, e que voltaria logo que pudesse, embora certamente antes da quarta-feira, quando teríamos a mediação do caso Ogletree.

Mas... isso não aconteceu. *Claro que não... não poderia ser assim tão fácil.*

A questão de Leslie e Aaron não foi tão complicada: eu mantive Aaron comigo nas noites de sexta-feira e sábado, e os dias nós passamos no hospital com Leslie, animando-a.

A parte mais complicada foi ter que ver o olhar de esperança no rosto de Leslie pelo tempo em que ela pensou que eu poderia lhe dar outra chance. Eu odiei ter que matar esse olhar, mas gentilmente contei-lhe tudo sobre Trixie quando pedimos a Aaron para comprar uma Coca-cola na máquina automática do corredor. Entretanto, ela recebeu a notícia de maneira tranquila - talvez os analgésicos tenham ajudado. Quem sabe?

O pai de Aaron retornou aos Estados Unidos no domingo, quando então fui



liberado das minhas tarefas de puericultura¹⁷, embora eu ainda tenha ajudado Leslie em sua casa quando ela recebeu alta. Eu também previ a necessidade de contratar um enfermeiro que pudesse ficar com ela por alguns dias, até que ela estivesse confortável e locomovendo-se por conta própria. Depois de ter essa questão resolvida, meu plano consistia em ir até meu escritório na segunda-feira, para lidar com algumas coisas que eu precisava rever, e depois retornar para Whynot, matar a saudade de Trixie e decidir nosso futuro.

Entretanto, mesmo que Trixie e eu conversássemos por telefone todas as noites, e estivéssemos sempre trocando mensagens de texto várias vezes ao dia, além de termos tido até mesmo uma sessão de vídeo noturna, ainda não tínhamos falado sobre como pretendíamos fazer as coisas funcionarem entre nós, embora tenhamos concordado que essa era uma conversa que precisávamos sentar e ter pessoalmente, assim que eu voltasse para Whynot para a mediação Ogletree. Assim, nossas conversas foram divertidas, alegres e às vezes sujas, sempre com a promessa de que resolveríamos definitivamente nossa situação assim que pudéssemos sentar e discutir honestamente o que queríamos para o nosso futuro.

Mas, novamente... Isso seria muito fácil.

Duas coisas aconteceram quase que simultaneamente na segunda-feira de manhã quando entrei no escritório Hayes Lockamy. A primeira foi que Trixie me enviou uma mensagem de texto exatamente no momento em que estava caminhando pelo saguão.

Você não vai acreditar nisto... A defesa ofereceu um milhão de dólares no caso Ogletree. Estou chocada.

Parei com um sorriso bobo estampado em meu rosto, porque o Sr. Ogletree merecia esse dinheiro. Cada centavo.

Isso é incrível, eu escrevi de volta.

Totalmente incrível, ela respondeu enquanto eu permanecia no lobby, curvado sobre o meu telefone. *E é tudo por que você assumiu o caso.*

De jeito nenhum, neguei.

¹⁷ Ciência que reúne todas as noções (fisiologia, higiene, sociologia) suscetíveis de favorecer o desenvolvimento físico e psíquico das crianças, desde o período da gestação até a puberdade.



Sim, foi tudo por sua causa, ela respondeu. Eu te amo.

Eu também te amo. Te ligo depois dessa reunião com os sócios.

Ela respondeu me enviando uma foto sua me mandando um beijo. Me lembro de ter balançado a cabeça, ansioso para começar a reunião, para que assim eu finalmente pudesse apresentar algumas novas ideias que tive a respeito da direção da empresa, incluindo algumas sobre meu papel aqui.

A segunda coisa que aconteceu foi que a nossa reunião com os sócios degringolou muito rapidamente. Nós costumamos nos reunir toda segunda-feira de manhã, na grande sala de conferências, em meio a uma variedade de bagels, doces e frutas frescas. Essa é a oportunidade que temos para conversar sobre finanças, operações, campanhas de marketing e questões de recursos humanos.

Entretanto, fui jogado fora do curso logo no início da reunião, quando a primeira manifestação do dia veio de James Hayes III, anunciando sua aposentadoria adiantada. Isto me deixou chocado, porque ele está com cinquenta e cinco anos e é a terceira geração Hayes da empresa. Os Hayes são muito conhecidos por sua ética no trabalho, inclusive. Porém, seu pai e avô morreram trabalhando em suas mesas antes de completar setenta anos, então...

Dada à oportunidade, Jimmy - como ele gosta de ser chamado - nos contou casualmente, enquanto mastigava um bagel com lox¹⁸ e cream cheese, que estava se separando de sua esposa e se casando com sua secretária, e que eles pretendiam se mudar para as Bermudas¹⁹ após as núpcias eminentes.

Em seguida, ele ficou ali, mastigando alegremente seu bagel enquanto o resto de nós apenas o observava com as bocas abertas.

Naturalmente que o final da reunião foi caótico, visto que todos tentávamos descobrir o que fazer em seguida. Veja bem, Jimmy não era apenas um nome na placa; ele era um tubarão, um dos melhores advogados do escritório. Clientes potenciais podem simplesmente caminhar para longe logo que a notícia de sua saída se espalhar. Dispensa dizer que o resto da agenda, incluindo os problemas que eu queria discutir, foram

¹⁸ Lox é um filete de salmão curtido na salmoura. Tradicionalmente, lox é servido em um bagel com cream cheese, e é geralmente decorado com tomate, cebola vermelha fatiada, pepinos e, por vezes, alcaparras.

¹⁹ País localizado no Caribe.



totalmente ignorados. Em vez disso, discutimos sobre dinheiro – novamente – e sobre a compra das ações de Jimmy.

Minhas possibilidades de retornar para Trixie depois disso só pioraram. Obviamente, não havia mais pressa para voltar para Whynot antes da quarta-feira, já que o caso Ogletree tinha sido resolvido. No entanto, refizemos nossos planos e acordamos que eu voltaria na sexta-feira - *hoje* - para passarmos o final de semana juntos. Insisti em reservar um hotel, porque enquanto eu aprecio a hospitalidade de seus pais, também pretendia fazer *coisas* com Trixie que seriam melhores aproveitadas em um ambiente mais privado, visto que provavelmente seríamos muito barulhentos. E obviamente que também temos algumas coisas para discutir, para as pretendia ter sua total atenção.

Mas... esse plano também não funcionou.

Eu descobri ontem à noite que outra reunião foi marcada para amanhã, para nos dar mais detalhes sobre a saída rápida e inesperada de Jimmy Hayes da empresa. Resumindo, ele quer mais do que oferecemos por suas ações, e os outros sócios - inclusive eu - não concordamos com o valor que ele está pedindo, especialmente devido à confusão e turbulência de sua saída. Logo, ressentimentos começaram a pipocar nos últimos dias, e eu tenho certeza que as negociações ficarão ainda mais obscuras antes de tudo ser dito e feito.

Desnecessário dizer que estou além de desanimado por não poder encontrar Trixie neste fim de semana. Ela está igualmente desapontada: eu pude ouvir a derrota em sua voz ontem à noite quando liguei para dizer que teria de cancelar minha viagem mais uma vez. E seu desapontamento ficou tão claro para mim quando nos falamos ontem à noite que, francamente, estou preocupado. Ela parecia um pouco... distante quando lhe contei o que estava acontecendo e expliquei porque não poderia vê-la como tínhamos combinado. Espero honestamente estar imaginando essa melancolia, porque a única coisa que nenhum de nós pode fazer neste momento é perder as esperanças - o que temos é muito importante para deixar que se desfaça assim tão facilmente. Então, eu preciso encontrar uma maneira de mantê-la interessada, para que ela permaneça comprometida em nosso propósito de encontrar uma maneira de ficarmos juntos.

De fato...



Pego meu celular, que está ao lado do meu teclado, e ligo para Trixie. A ligação chama três vezes antes de ir para o correio de voz, então suponho que ela esteja no tribunal esta manhã. Eu escuto a mensagem de seu correio de voz, e apenas ouvir sua voz faz com que a deseje ainda mais. Quando o telefone emite o sinal sonoro após o qual devo deixar minha mensagem, eu falo: — Ei Trix. Só queria que você soubesse que estou pensando em você, e que isso é realmente tudo que tenho feito desde a semana passada. Eu realmente sinto muito por não conseguir voltar para Whynot neste fim de semana, mas chegarei aí assim que conseguir resolver esse problema com a empresa. Sinto sua falta, querida. Ah, e eu também te amo. Não esqueça disso, ok?

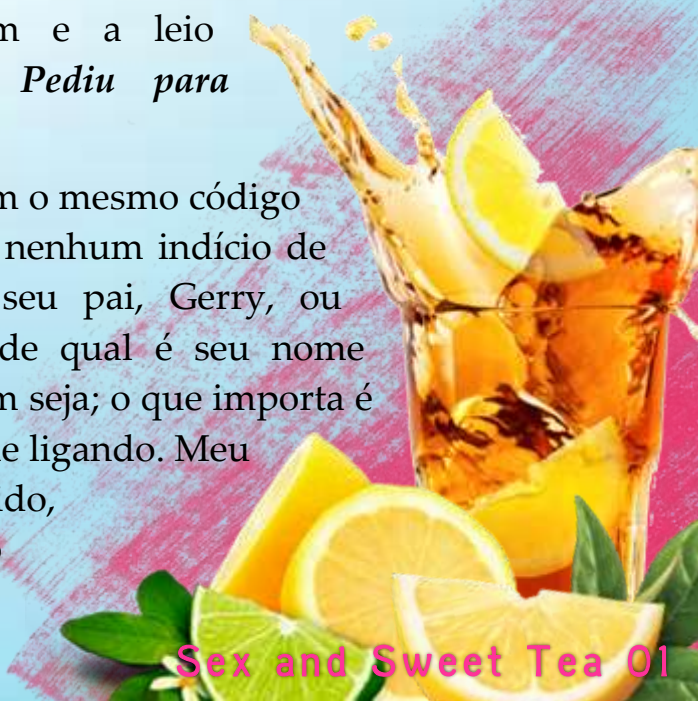
Desligo o telefone, ainda sentindo-me um pouco perturbado, e sabendo que esta mensagem está longe de demonstrar toda a confiança que tenho em nós. Eu também continuo preocupado, imaginando que Trixie deve estar cheia de dúvidas, porque vamos ser honestos aqui: nós vivemos três anos perfeitos juntos, protagonizamos um rompimento ruim, enfrentamos onze anos separados e miseráveis, passamos quatro dias incríveis juntos recentemente, nos reconectando no nível mais profundo possível e, em seguida, nos vimos abruptamente obrigados a nos separar por uma semana - tempo suficiente para as coisas desmoronarem.

Deus... É melhor não desmoronarem!

Olhando para o meu relógio, vejo que tenho cerca de quinze minutos até uma reunião com um cliente, então, aproveito esse tempo para olhar meu e-mail. A primeira coisa que vejo é uma mensagem da recepcionista, intitulada *George Mancinkus*.

Eu clico duas vezes na mensagem e a leio rapidamente: *George Mancinkus ligou. Pediu para retornar.*

Há também um número de telefone com o mesmo código de área que Trixie, contudo... eu não tenho nenhum indício de quem é George Mancinkus. Poderia ser seu pai, Gerry, ou poderia ser Pap, já que não tenho ideia de qual é seu nome verdadeiro. Mas realmente não importa quem seja; o que importa é o fato de alguém relacionado à Trixie estar me ligando. Meu coração imediatamente bate mais rápido, imaginando o pior, já que não consigo



pensar numa razão para receber um telefonema de um de seus parentes, a menos que algo ruim tenha acontecido com ela. Pego meu telefone novamente e apressadamente disco o número deixado por George Mancinkus.

Pap responde no segundo toque, e eu sei disso porque sua voz é inconfundível. — Finalmente retornou à ligação.

— Vi sua mensagem agora, — digo rapidamente. — Trixie está bem?

— Claro que ela está bem, — ele responde mal-humorado. — Porque não estaria?

Minha frequência cardíaca declina imediatamente. — Bem, eu não consegui pensar em outro motivo para você estar me ligando, — digo a ele com sinceridade.

Porque sério, Pap... Porque você está me ligando?

— Estou te ligando para perguntar qual é o seu plano, — diz ele sem um pinga de vergonha. — Porque eu tenho uma neta suspirando como se o seu filhote de cachorro tivesse sido repetidamente chutado, e eu quero saber o que você vai fazer a respeito disso.

— Ela está suspirando por mim, hein? — Pergunto enquanto um pequeno sorriso surge em meu rosto. Saber disso me faz sentir muito melhor sobre esta situação, além de aliviar algumas das minhas preocupações sobre perdê-la antes mesmo de começarmos.

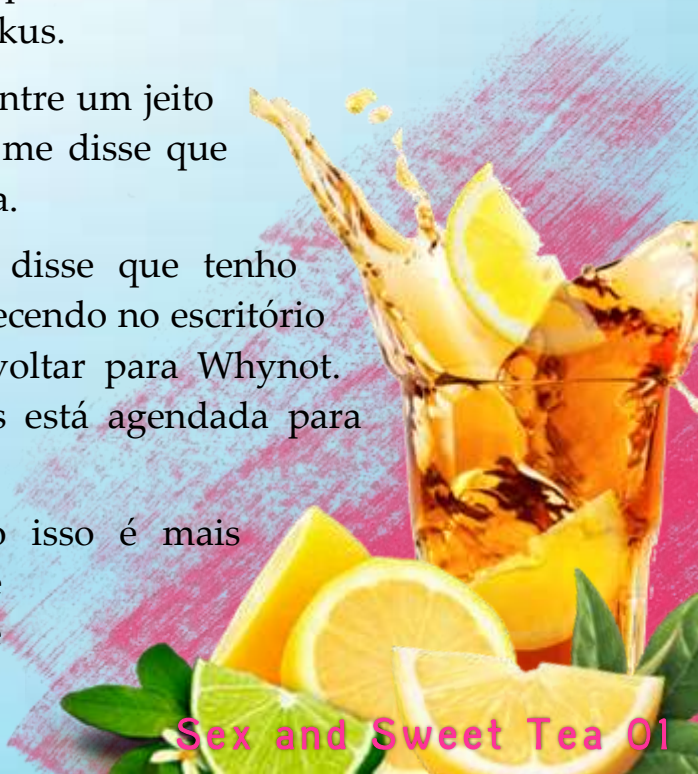
— Você está apaixonado por ela? — Pap pergunta sem rodeios.

— Sim, — digo honestamente, porque, vamos ser sinceros: estou perdidamente apaixonado por Trixie Mancinkus.

— Então traga seu traseiro aqui e encontre um jeito de arrumar essa merda, — diz Pap. — Ela me disse que você cancelou a viagem deste final de semana.

— Estou supondo que ela não lhe disse que tenho algumas coisas realmente importantes acontecendo no escritório agora, e que preciso resolvê-las antes de voltar para Whynot. Uma reunião de emergência com os sócios está agendada para amanhã e...

— Você está me dizendo que tudo isso é mais importante que Trixie? — Ele me interrompe. E enquanto meu instinto inicial é



informá-lo sobre a importância do meu papel como sócio em um grande escritório de advocacia, e deixa-lo saber que algumas coisas às vezes terão prioridade sobre minha vida pessoal, as palavras não saem. E elas não saem porque não são verdadeiras. Nada é mais importante do que Trixie, e isso é um fato.

— Não, Pap, — digo em voz baixa. — Nada é mais importante que Trixie.

— Então qual é o seu problema? — Ele pergunta, sua voz passando de combativa para ligeiramente amável.

— Não há problema, — digo, de repente entendendo o que preciso fazer. — Eu realmente não posso voltar amanhã, pois tenho que participar desta reunião, mas confie em mim... parte do que preciso dizer tem a ver comigo e Trixie, mais precisamente sobre nosso relacionamento. Entretanto, volto no domingo.

— Quer que eu diga a ela que você está chegando? — Ele pergunta, e eu juro que posso realmente ouvi-lo coçar a barba em seu queixo.

— Não... prefiro fazer uma surpresa, — eu digo a ele, antes de soltar uma gargalhada. — A menos que você ache que ela está tão apaixonada que precisa saber.

Pap ri também. — Ela vai sobreviver até domingo, tenho certeza.

— Bom, — respondo, sorrindo satisfeito por saber que nos próximos dois dias minha vida será completamente revirada de cabeça para baixo.

Estou realmente ansioso por isso.



CAPÍTULO 18

Trixie

Encontro a fita adesiva que estava procurando no Floyd's Hardware Emporium e me dirijo ao caixa. Fico surpresa ao ver Lowe de pé no balcão, conversando com Floyd, já que ele não estava ali quando cheguei, há dez minutos. Mas, quem diria que eu demoraria tanto tempo para escolher uma marca e tamanho de fita adesiva? Eu não vi nem falei com Lowe desde seu discurso apaixonado sobre o amor na semana passada - aquele que parece ter estimulado Ry e eu a confessarmos o que realmente sentíamos.

E eu sei que devo a ele algum tipo de agradecimento por isso, embora saiba que não era exatamente essa sua intenção naquele dia.

— Ei, Lowe, — cumprimento quando me aproximo. Quando ele se vira para me olhar, fico aliviada ao vê-lo me dar um leve sorriso.

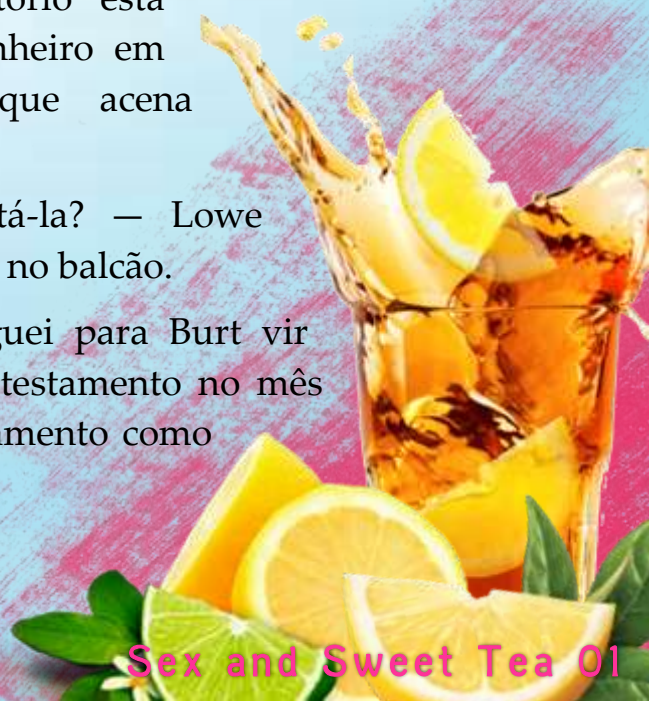
— Ei, Trix, — ele me cumprimenta de volta enquanto coloco a fita adesiva no balcão.

Floyd a pega, perguntando — O que você está fazendo?

— A pia do banheiro no meu escritório está vazando, — digo a ele enquanto pego o dinheiro em minha carteira e o entrego a Floyd, que acena compreensivelmente, entregando-me o troco.

— Você precisa de ajuda para consertá-la? — Lowe pergunta quando se inclina e apoia um cotovelo no balcão.

— Não, — digo gentilmente. — Eu liguei para Burt vir consertá-la na segunda-feira. Eu atualizei seu testamento no mês passado, e ele me prometeu serviços de encanamento como pagamento.



Embora isso não aconteça com frequência, eu aceito serviços comerciais como forma de pagamento em alguns trabalhos. Em uma cidade pequena, com muitos proprietários e seus respectivos negócios pequenos, não me incomoda receber meus honorários dessa forma. Burt, por exemplo, parou de trabalhar por alguns meses depois de operar o joelho, e seu negócio tem sofrido com sua ausência. E, quem não tem ou passou por um problema de encanamento em algum ponto? Parece um bom negócio para mim.

— O que você vai fazer hoje? — Pergunto a Lowe, já que nossa conversa não está sendo adiada pela primeira vez em muito tempo. Infelizmente, porém, isso pode não ter sido a melhor coisa a perguntar, já que posso ver seus olhos virarem gelo rapidamente.

— Tenho que começar a reparar as portas na Casa Mainer para essa cadela ranzinza e rica que a comprou.

Eu gostaria de poder dizer a Lowe duas coisas. Primeiro: Não é bom ou legal chamar uma mulher de cadela, exceto Sarah Porter, que escreveu 'me chute' num papel e o grudou nas minhas costas na terceira série. E em segundo lugar, não existe mais *Casa Mainer*. Aquela construção agora deve ser chamada pelo nome que a mulher que a comprou - a nova proprietária - escolher. Entretanto, permaneço quieta, porque não quero provocar meu irmão. Floyd, no entanto, não tem problema em fazê-lo.

— Você sabe o que eu faria se fosse você, Lowe?

— O que? — Lowe pergunta enquanto se vira para Floyd com grande interesse em seus olhos.

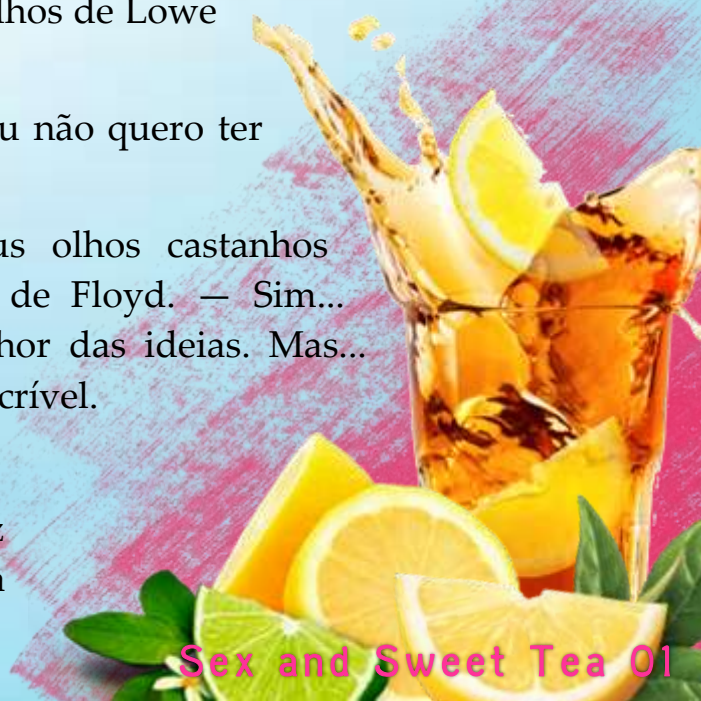
— Eu pintaria aquelas portas de verde néon, — ele aconselha, falando rouca e ligeiramente mal-intencionado. Os olhos de Lowe se iluminam.

— Não se atreva, — aviso Lowe. — Eu não quero ter que encontrar o Juiz Bowe para explicar isso.

Lowe me dá um rápido olhar, seus olhos castanhos brilhando antes de se voltarem à direção de Floyd. — Sim... Pintá-las de neon verde não parece a melhor das ideias. Mas... Acho que um tom de rosa brilhante ficaria incrível.

— Lowe, — eu o aviso.

— Impressionante, — Floyd diz simultaneamente. — Eu tenha a cor perfeita



para você, se quiser. Basta vasculhar a sessão de tintas para ambientes exteriores, no corredor três.

— Lowe, — eu imploro, embora ele já esteja se afastando de mim e caminhando em direção à seção de pintura da loja de Floyd. Vendo como estou perdendo a batalha, me volto para Floyd e lhe dou um olhar severo. — Você vai parar de provocá-lo?

— Não, — é tudo que Floyd diz. — Gosto muito dessa maneira.

— Você vai fazê-lo ser preso, — sibilo para ele.

Floyd, porém, apenas encolhe os ombros. — Acho que temos sorte pela irmã dele ser advogada então.

— Eita, — bufo em frustração. Eu, então, berro para que Lowe possa me ouvir nos fundos da loja: — Não me chame quando estiver em apuros, Lowe Mancinkus, está me ouvindo?

— Eu te escutei, — ele responde.

Olho para Floyd outra vez, observando-o sorrir de orelha a orelha. Pegando minha fita adesiva do balcão onde Floyd a tinha colocado, saio da loja murmurando: — Às vezes eu odeio viver nesta cidade.



Eu ainda estou nervosa quando chego no Chesty's, apesar de ter tido uns bons vinte minutos para esfriar a cabeça. Quando sai da loja de Floyd, voltei rapidamente ao meu escritório, onde consertei provisoriamente a pia que estava vazando com a fita cuja qual eu tinha saído para comprar. Eu tinha planejado me prender em algum caso depois disso, mas a ideia de passar um sábado reclusa em meu escritório realmente não apresentou qualquer apelo.

Também tendo em conta meu desempenho frustrante com Lowe, além do fato de estar completamente perdida quanto ao que fazer com Ry, minha ansiedade disparou, e tudo isso me fez pensar que esse é um bom momento para ficar bêbada com Pap.



Então, eu abro a porta do Chesty's e imediatamente o vejo sentado em seu banquinho no final do bar. Ele mantém uma caneca de cerveja pela metade à sua frente, e está conversando com Jason Miller, o dono da estação de gás²⁰ e loja de vinhos.

Sim, isso mesmo... Ele é dono de um posto de gasolina e de uma loja de vinhos.

É uma dupla ímpar de negócios, com certeza, mas na verdade funciona. Enquanto Whynot fica a uns bons quarenta e cinco minutos de Raleigh, existem algumas poucas pessoas que vivem na área, mas que trabalham lá, e precisam se locomover entre as duas cidades com frequência. Logo, gasolina.

E muitas dessas pessoas também são refinadas e bem-educadas, coisa que Jason também descobriu há vários anos, vendendo seu vinho. Ele começou vendendo uma pequena variedade, e então, à medida que a demanda crescia, sua seleção aumentou. Depois disso ele começou a realizar degustações de vinhos, e então agora, na última quinta-feira de cada mês, é sempre possível encontrar seu posto de gasolina cheio, porque a clientela, que chega aos milhares, estaciona até mesmo no acostamento da rodovia 117 – já que não há espaço de estacionamento para todos – tudo para que possam participar de uma das degustações de Jason.

Jason e Pap são bons amigos, apesar de terem trinta anos de diferença de idade, e há muito tempo chegaram a um acordo de cavalheiros que os deu um pouco de igualdade, visto que ambos vendem álcool: Pap concordou que não serviria vinho em seu bar, e Jason concordou em só fornecer cervejas que Pap não vende em seu bar. Então, se você quiser vinho, terá que dirigir até o Jason's Gas Station. E se quiser a velha e usual cerveja, virá ao Chesty's.

Os dois homens olharam para a porta quando a abro, sorrindo para mim.

— Ei, Trixie, — Jason diz quando me aproximo. Ele está sentado no meu banco, mas imediatamente se levanta.

Eu estendo minha mão para ele e digo: — Mantenha seu assento, Jason. Vou me sentar ao seu lado.

Mas ele sacode a cabeça enquanto ele segura o banco para mim. — Eu tenho que ir. Prometi a Della que a levaria a Raleigh para jantar esta noite.

²⁰ Aqui, neste termo, ela está se referindo ao posto de gasolina. Mudando apenas de nomenclatura.



— Eita, — eu digo com uma sobrancelha arqueada. — As coisas estão ficando sérias entre vocês, hein?

Della é a dona da livraria local, The Reader's Nook, e seu marido morreu há pouco mais de um ano. Jason nunca foi casado. Eles começaram a namorar alguns meses atrás, e formal um casal realmente doce e bonito.

Jason cora com meu comentário, o que destaca ainda mais sua pele pálida e sardenta. — Você sabe, há um novo restaurante que ela está querendo ir.

— Bem, divirta-se, — eu digo a ele enquanto me sento.

Ele acena com a cabeça, batendo em minhas costas e se despedindo: — Vejo vocês depois.

Depois que ele sai, levanto minha mão para o barman e faço meu pedido. Dentro de alguns instantes tenho uma cerveja à minha frente, enquanto Pap pega uma nota de cinco dólares e a entrega ao barman. — Obrigada, Pap, — eu digo enquanto tomo um gole da minha cerveja.

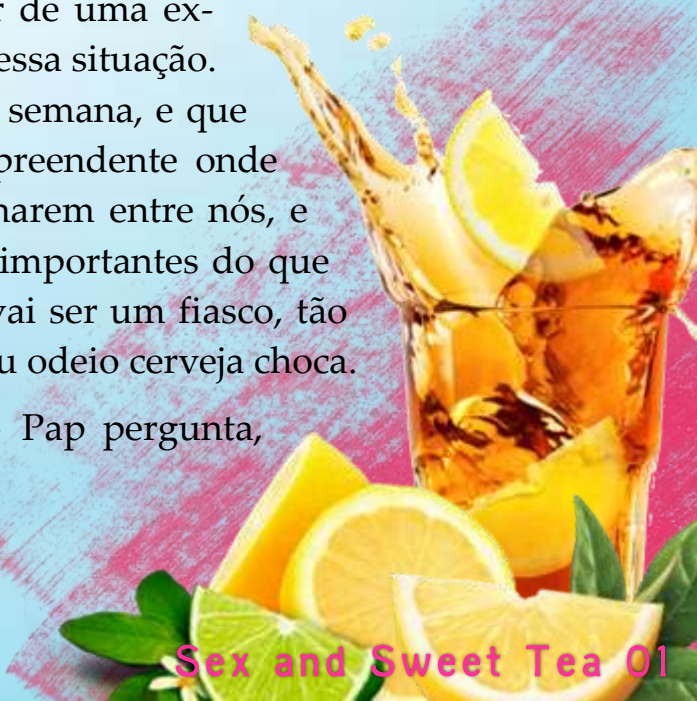
— Vai ser uma daquelas noites? — Ele pergunta enquanto me observa tomar um bom gole em minha cerveja.

Eu bebo mais um pouco e apoio a caneca no balcão, acenando para ele. — Acho que sim.

— Quer falar sobre isso?

— O que há para falar? — Pergunto melancolicamente. Entretanto, rapidamente mudo de ideia e desato a falar, porque tenho que tirar essa angustia do meu peito. — Num minuto Ry e eu estamos nos declarando, e no minuto seguinte ele está saindo para cuidar de uma ex-namorada, o que é bom... Eu posso entender essa situação. Mas, ele prometeu que voltaria neste fim de semana, e que nós finalmente teríamos uma conversa surpreendente onde descobriríamos como fazer as coisas funcionarem entre nós, e agora ele não vem, porque tem coisas mais importantes do que *nós*, e eu apenas tenho a sensação que isso vai ser um fiasco, tão ruim quanto cerveja choca. E você sabe que eu odeio cerveja choca.

— Quem não odeia cerveja choca? — Pap pergunta, concordando.



— Você sabe o que realmente me incomoda, embora? — Pergunto com raiva enquanto me viro em meu banquinho para encará-lo.

— Não, mas tenho certeza que você vai me dizer, — ele diz secamente.

— Me incomoda que eu não tenha uma pista sequer sobre como fazer nosso relacionamento funcionar, — eu digo enquanto ergo minhas mãos. — Eu meio que pensei que talvez Ry tivesse a resposta e que seria tudo fácil, sabe? Mas agora ele não volta, e ele deve ter as respostas, enquanto eu não tenho as respostas, e sim... *Eu preciso ficar bêbada.*

Eu sei que soa ridículo, infantil e até um pouco mesquinho, mas não posso evitar. Pap me perguntou o que estava errado, então eu disse a ele.

— Você sabe que não pode esperar todas as respostas de Ry, Trix, — Pap diz sabiamente. — Não pode ser uma coisa unilateral.

— Ninguém por aqui vai gostar da minha resposta para os nossos problemas, — eu resmungo, e depois tomo um longo gole de cerveja.

— E qual seria a sua resposta?

— Desistir do meu escritório de advocacia em Whynot, — digo calmamente. — Encontrar um emprego em Massachusetts. Ir viver em Boston com Ry.

— É isso que você realmente quer fazer? — Pap pergunta. — Você realmente acha que essa é a solução?

— É *uma* solução, — eu digo a ele. Mas, mesmo quando digo as palavras, não tenho certeza se é a melhor solução para *mim*. Será que eu poderia realmente desistir de tudo aqui? Conseguiria deixar minha família? Deixar esta cidade que, por mais louca que pareça, é realmente uma parte de mim?

— Parece-me que você precisa decidir quais são suas prioridades, — Pap oferece sagazmente.

Sim... Não me diga.

— O que é mais importante: ficar aqui ou manter Ry em sua vida? — Ele me pressiona.

— Manter Ry em minha vida, — eu respondo automaticamente, e sei que essa é a resposta certa no momento em que as palavras saem da minha boca. Posso ficar triste por ter que deixar este



lugar para trás, mas quando penso profundamente com meu coração, sei que minha felicidade verdadeira virá do meu relacionamento com Ry, independentemente de onde formos viver.

— Então, parece-me que essa é a solução certa para você.

E é. Eu sei que é. Nada que realmente importa vem sem sacrifício. Anos atrás eu não me sacrifiquei pela relação que tinha construído com Ry. Mas, agora... Estou pronta. *Agora é a hora.*

Pego minha cerveja e a bebo em três longos goles para terminá-la. Quando baixo minha caneca sobre o balcão, suprimo um arrote e digo à Pap: — Você sabe o que? Acho que vou pegar um voo para Boston amanhã e contar minha decisão a Ry pessoalmente.

— Whoa, — Pap grita, me fazendo saltar em meu banquinho. — Pode parar de colocar a carroça na frente dos bois.

— O que? — Eu pergunto, incrédula. — Você acabou de me dizer que eu encontrei a resposta para meus problemas. Por que não iria encontrá-lo depois disso?

— Bem... Hum... Bem, por que... — Eu só olho para ele, esperando este homem que nunca perde uma palavra reorganizar seus pensamentos. — Porque você deve dormir aqui por uns dias, — ele finalmente balbucia.

— Dormir aqui por uns dias? — Pergunto, já desconfiada.

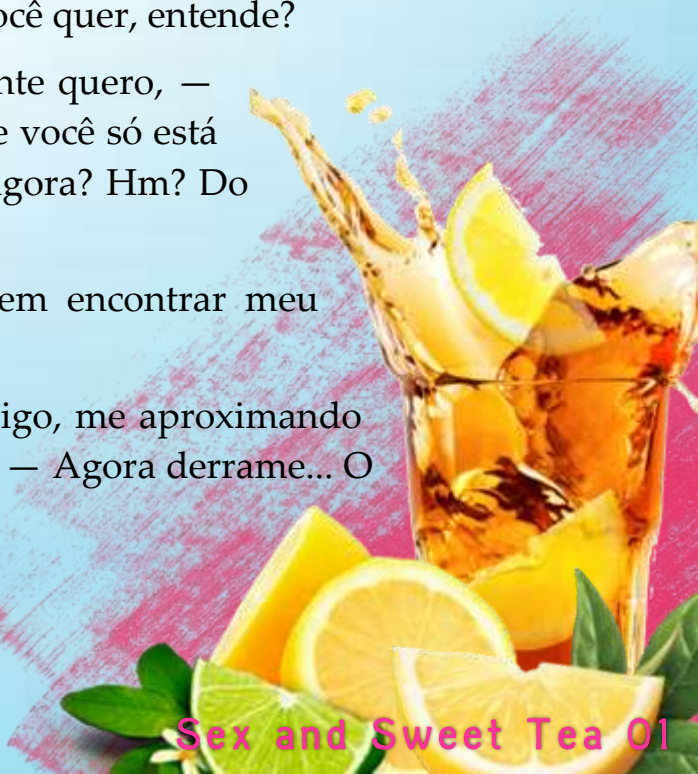
— Sim... Você sabe, — Pap diz. — Fique aqui, beba comigo hoje à noite, vamos aproveitar. E então você pode dormir aqui por mais alguns dias. Certifique-se de que isto é realmente o que você quer, entende?

— Eu já disse que isso é o que realmente quero, — digo com os olhos semicerrados. — E porque você só está me dizendo para pensar melhor sobre isso agora? Hm? Do que você sabe, velho?

— Eu não sei nada, — ele afirma, sem encontrar meu olhar.

— Você sabe de alguma coisa, — eu digo, me aproximando dele enquanto tamborilo meus dedos no bar. — Agora derrame... O que você sabe?

— Honestamente, Trixie...



— Derrame, Pap, — eu o ameaço, endurecendo minha voz. — Ou irei procurar Mary-Margaret e lhe contar que você tem uma queda de longa data por ela, mas que você é muito frouxo para tentar conquistá-la. — Pap ofega e bate as costas no encosto de seu banquinho.

— Você não faria isso.

— Faria, — digo com firmeza. Tenho que suprimir um sorriso quando Pap fica vermelho e começa a balbuciar algo sobre eu ser louca, porém. Deixei-o surtar um pouco.

Mary-Margaret Quinn é proprietária da Aunty Q's, uma loja de antiguidade na Rua de Wilmington, no final da praça do tribunal. Ela é uma viúva encantadora, pela qual Pap está totalmente apaixonado desde que me lembro. Mas ele deve ter deixado suas bolas no Vietnã, porque não parece ser capaz de convidá-la sequer para jantar.

— Pap, — eu ameaço e novo, fazendo-o parar de balbuciar e jogar as mãos para o alto.

— Ok. Ry está voltando amanhã se surpresa. Ele me disse para não te contar, mas você é implacável. Está feliz agora?

Se estou feliz? Porque Ry está voando para me surpreender amanhã?

Sim, é claro que estou feliz.

Eu sorrio para Pap. — Ele realmente está vindo amanhã?

— Sim, — ele resmunga, pegando sua cerveja e puxando-a para perto de si quase protetoramente, quase como se eu pudesse ameaçá-lo com ela.

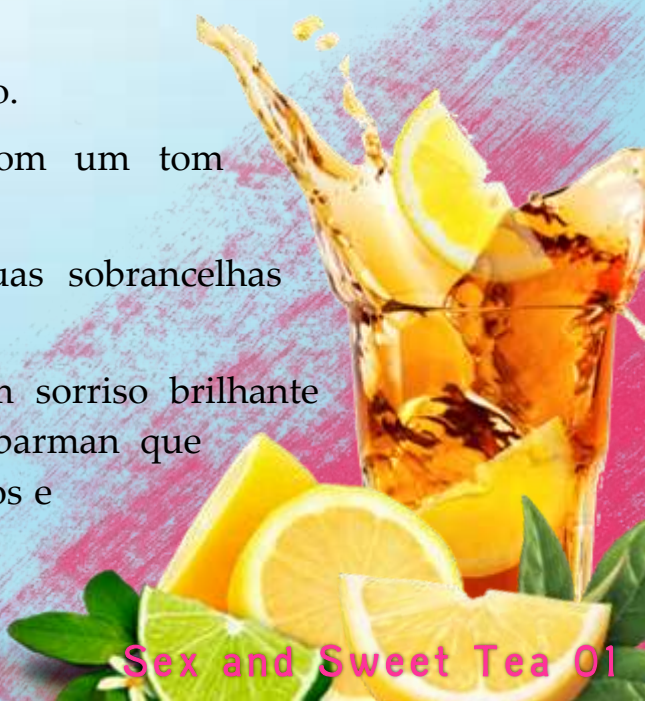
— Por quê? — Eu pergunto, inclinando-me para o lado e bastante animada.

— Não tenho ideia, — ele diz, e eu acredito.

Mas, só para ter certeza, pergunto com um tom ameaçador: — Você tem certeza que não sabe?

— Eu não sei, porra, — ele rosna, suas sobrancelhas espessas se enrugando.

— Bem, ok, então, — eu digo com um sorriso brilhante quando levanto minha mão, sinalizando ao barman que preciso de outra cerveja. — Vamos ficar bêbados e comemorar.



— Você é uma pirralha, — Pap murmura antes de pegar sua cerveja e tomar outro gole. — E não me ameace novamente sobre Mary-Margaret. Você ainda não é velha demais para evitar levar umas palmadas, e você sabe disso.

— Isso nunca vai acontecer, — digo com confiança. — Além disso, posso escapar de você agora.

— Pirralha, — Pap resmunga, bebendo outro gole de cerveja.

Eu apenas sorrio para ele. — Eu também te amo, Pap.



CAPÍTULO 19

Ryland

Esta é minha segunda vez dirigindo para Whynot, e está sendo bem mais reconfortante que a primeira. Não que eu realmente conheça esta cidade ou as pessoas que vivem aqui, mas Trixie está mais perto agora, e acho que ela é a razão pela qual me sinto mais à vontade. A Rodovia 117 é uma estrada curva de duas vias, limitada por casas de campo solitárias e terras agrícolas, mas, à medida que a última curva aparece, vejo a Gas Station e Wine Shop de Miller, e sei que estou quase lá. Trixie me disse que esse é um ótimo local para beber vinho, mas não tenho certeza de que seja algo que eu consiga fazer: beber vinho e comer queijo em um posto de gasolina.

Minha frequência cardíaca acelera ligeiramente enquanto dirijo pela cidade. Eu enviei uma mensagem de texto a Trixie esta manhã, casualmente perguntando o que ela pretendia fazer hoje à noite.

Ela me disse que tinha que terminar um trabalho no escritório, razão pela qual estou indo para a cidade ao invés da Fazenda Mainer. Mal posso esperar para ver o olhar em seu rosto quando me ver, já que lhe disse mais cedo que tinha uma tonelada de trabalho para terminar em meu próprio escritório. Achei que isso a faria se sentir um pouco melhor sobre ter que trabalhar num domingo, e que também me ajudaria a pegá-la completamente desprevenida quando aparecer em seu escritório.

Eu passo a Auntie Q à minha direita e a Lady Marmalade à esquerda. A praça do tribunal está à minha frente, e eu diminuo a velocidade do carro até parar no sinal da rodovia 117 com a Rua Wilmington. Observando os dois sentidos da via, verifico o tráfego e, vendo que está limpo, engato a primeira e saio devagar. Mas então meu olhar retorna à praça do tribunal, com seu gramado



exuberante e verde protegido por carvalhos e pinheiros, e eu freio novamente.

Porque à minha frente, sentada em uma cadeira de praia, está Trixie. Ela inclusive sorri para mim quando se levanta, fazendo minha boca despencar - é sério, minha língua praticamente cai da minha boca. Ela está vestindo os shorts mais ínfimos que já vi em minha vida, e uma camisa sem mangas vermelha e branca, desabotoada e amarrada na cintura de forma a mostrar seu estômago bronzeado e achatado. Ela também está calçando um par de botas de cowboy marrons, e seu cabelo está preso em um rabo de cavalo. Deus, ela está perfeita.

E enquanto ela fica lá parada, seu quadril se apoia numa placa onde está escrito: *Bem vindo de volta à Whynot, Ry.*

— Que diabos? — Murmuro, percebendo que certamente não estou surpreendendo Trixie com uma visita inesperada.

Pap... Aquele bastardo velho e fraco contou meu segredo.

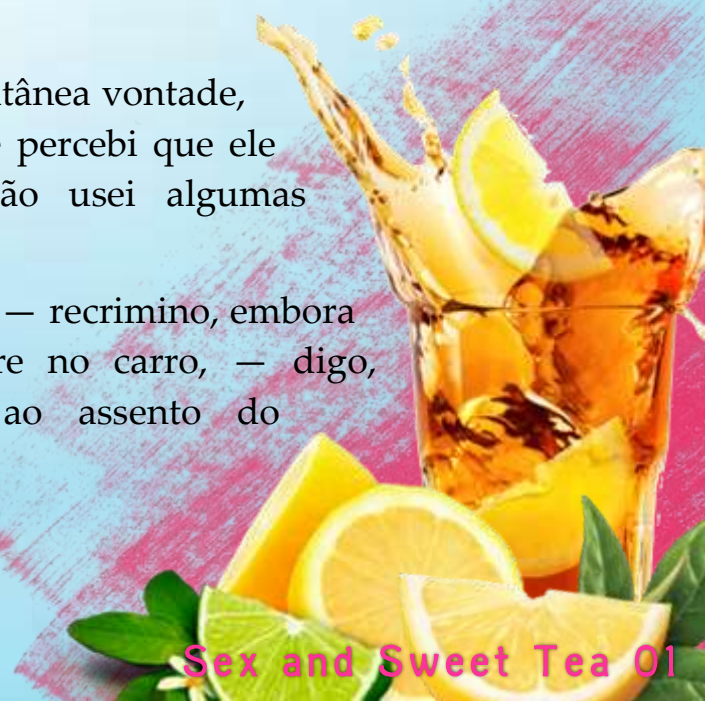
Eu simplesmente fico sentado no cruzamento enquanto Trixie deixa a placa cair na grama antes de começar a andar em minha direção. Não, não simplesmente andar: ela requebra até mim, seus quadris balançando de tal forma que começo a sentir um aperto em minha virilha. Ela olha para os dois lados da rua antes de atravessá-la e depois para do lado do motorista. Eu baixo a janela para que ela apoie os cotovelos na borda, se curvando para me mostrar seus peitos cheios e perfeitos, praticamente caindo da blusa.

— Ei, querido, — ela ronrona. — Bem-vindo de volta.

— Notei pela placa, — digo com voz rouca, forçando meus olhos a olharem para seu rosto. — Presumo que Pap tenha contado que eu estava voltando?

— Ele não me contou por livre e espontânea vontade, — ela diz de maneira protetora. — Eu que percebi que ele estava escondendo alguma coisa, e então usei algumas ameaças duras para fazê-lo colaborar.

— Isso são foi legal da sua parte, Trix, — recrimino, embora ela continue sorrindo para mim. — Entre no carro, — digo, inclinando minha cabeça em direção ao assento do passageiro.



Inclinando-se um pouco mais através da minha janela, ela sussurra: — Não ganho um beijo primeiro?

— Se eu te beijar agora, não vou conseguir parar, — digo com sinceridade, meus olhos outra vez encarando seus seios. Trixie franze o cenho para mim, puxando o lábio inferior entre os dentes enquanto considera o que acabei de dizer. Quando entende minha indireta, se afasta da janela e diz: — Não devemos mesmo dar um show. Eu sou a advogada da cidade, afinal.

Virando-se, ela desfila pela frente do carro, seus quadris balançando lindamente e emoldurando sua bunda praticamente nua. Tudo em que consigo pensar nesse momento, curiosamente, é que ela está, de fato, dando um show. Então, quando ela entra no carro e senta no assento ao meu lado, digo: — Amei a roupa.

— Posso usá-la para você sempre que quiser, — ela diz docemente.

— Ok, eu vou te beijar agora. — Eu a alcanço, colocando minha mão atrás de seu pescoço e puxando-a para mim.



Mantenho nossa conversa descontraída enquanto dirijo, passando pelo tribunal e saindo da cidade pela rodovia 117. Eu sei que Trixie está curiosa e intrigada, embora não pergunte aonde estamos indo. Suspeito que ela saiba que eu tenho um objetivo, e aparentemente está satisfeita por me deixar revelar isso quando for a hora, o que é outra das coisas que sempre admirei nela: sua paciência.

Não tenho certeza se ela é assim porque as coisas em geral se movem mais lentamente no Sul, mas Trixie sempre foi o tipo de mulher que não precisa de gratificação instantânea - a não ser quando estamos no quarto, embora nesses casos eu sempre me encontre feliz em satisfazê-la imediatamente.

Falamos um pouco sobre o caso Ogletree e sobre o quanto Dan ficou feliz com o acordo. Por minha vez, conto a ela os detalhes de Jimmy deixando a empresa e como finalmente conseguimos comprar suas ações por um preço justo. Ela também me conta



que está preocupada com a possibilidade de Lowe pintar a antiga Casa Mainer de rosa, enquanto eu lhe digo que comprei ingressos para um jogo dos Red Sox no próximo fim de semana.

Após comentar sobre o jogo, dou um rápido olhar em sua direção e a vejo franzir a testa, certamente pensando que não estarei aqui no próximo final de semana. Quando ligo a seta, porém, isso desvia sua atenção, e ela me pergunta: — Por que estamos dobrando aqui?

O *aqui* ao qual ela se refere é uma subdivisão²¹ chamada The Heritage. Estamos a cerca de vinte minutos de Raleigh agora, e essas casas despertaram meu interesse da primeira vez que dirigi em direção a Whynot. Estaciono em frente a uma delas e passo alguns minutos olhando ao redor.

— É legal, você não acha? — Pergunto a ela enquanto observamos atentamente as grandes casas de tijolos espalhadas pela rua principal, com suas garagens para dois carros e gramados perfeitamente bem cuidados.

— São lindas, — ela diz enquanto olha pela janela. — Bastante parecidas, não acha?

— É uma subdivisão, Trix, — explico. — Nem todos podem viver em fazendas de mil hectares.

— Nós não temos mil hectares, — ela repreende.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Lhe dou uma piscadela e dou partida novamente no carro, virando na Rua Sharpstone Lane e parando em uma casa que estava à venda. Remexendo debaixo do meu assento, pego o contrato de venda que está ali, junto com a placa de *vende-se* que chamou minha atenção durante minha primeira visita aqui.

Eu entrego o envelope com os documentos para ela, cutucando seu ombro. Ela então se vira e tira os papeis das minhas mãos, lendo-os brevemente antes de olhar novamente para mim, cheia de perguntas. — É o contrato de venda, — digo, acenando para os documentos. — Duzentos e trinta e dois pés quadrados²². Muito maior do que o que

²¹ Um grande grupo de casas, todas similares. Construídas ao mesmo tempo, essas casas podem ser de classe média ou alta, mas raramente classe baixa.

²² Square Feet — É uma medida americana utilizada para informar a área de um imóvel nos Estados Unidos. No Brasil, utilizamos o metro quadrado.



precisamos, mas o preço é ótimo e está localizada entre Raleigh e Whynot.

— Estou perdida, — Trixie murmura, olhando para o envelope que agora está segurando absurdamente apertado.

— Eu sei, — digo simpaticamente enquanto ligo novamente o carro, saindo do bairro. Percebo com o canto do olho que Trixie suaviza seu aperto no contrato de venda amassado e efetivamente começa a lê-lo. Por minha vez, quando chego à estrada principal, sigo para Raleigh.

— Então, qual é o plano? — Trixie pergunta.

Eu lhe dou uma breve olhada. — Você acha que eu tenho um plano?

Ela revira os olhos e agita o envelope para mim. — Obviamente.

Eu rio e apoio minha mão em sua perna nua, dando-lhe um aperto. — Bem, minha prioridade neste momento é encontrar um hotel em Raleigh, porque fiquei estupidamente excitado depois de te ver nessa roupa.

— Ok, mas, antes disso, que tal me contar sobre aquela casa e sobre o que você está pensando em fazer com ela? — Ela incentiva.

— Oh, isso.

— Sim, *isso*, — ela diz sarcasticamente.

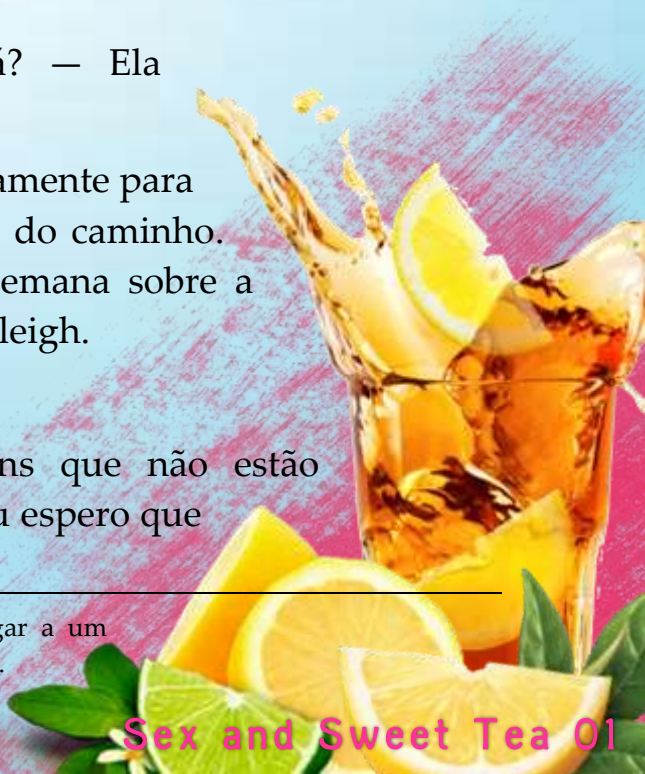
— Bem, eu estava pensando em me mudar para cá, — digo simplesmente. Trixie não diz nada, porém, então viro minha cabeça brevemente para olhar para ela: sua boca está aberta, e esperança brilha em seus olhos. Eu sorrio e aperto sua perna novamente. — Não estou brincando, — digo com uma risada.

— Você realmente se mudaria para cá? — Ela pergunta com admiração.

— Bem, — começo a explicar. — Não exatamente para Whynot, mas talvez para algum lugar no meio do caminho. Eu conversei com meus sócios neste fim de semana sobre a abertura de uma filial da Hayes Lockamy em Raleigh.

— Sério? — Ela ofega.

— Sério, — asseguro-lhe. — Há alguns que não estão interessados na ideia, mas outros adoraram, e eu espero que



possamos seguir em frente com isso. Mas, caso eles não concordem, pretendo então vender minha parte e começar minha própria empresa aqui.

— Mas, em Raleigh? — Ela pergunta como se não estivesse entendendo.

Eu realmente não tenho intenção de ter uma discussão séria enquanto estou dirigindo, então desacelero e paro o carro no acostamento. Encarando Trixie, coloco meu braço sobre a parte de trás de seu assento e digo: — Trix... Eu te amo e quero ficar com você, e vir para Whynot na semana passada realmente me mostrou por que essa cidade é tão importante na sua vida. Porém... eu nunca vou ser um advogado de cidade pequena, porque realmente gosto muito da vida numa cidade grande. Mas, como também existem cidades grandes no Sul, nada me impede de viver mais perto de você. Então pensei que eu talvez poderia ser o advogado da cidade grande, e que você poderia continuar sendo a advogada da cidade pequena, e que ambos poderíamos viver juntos no meio do caminho entre um e outro.

A cabeça de Trixie cai enquanto ela apenas observa seu colo por um momento. Quando ela finalmente se recompõe e me encara, percebo um leve brilho de lágrimas em seus olhos, o que realmente me deixa preocupado, visto que as únicas coisas capazes de fazer Trixie chorar são filmes realmente melosos e animais machucados.

— Ei, — eu digo suavemente enquanto passo minha mão em seu rosto, acariciando sua bochecha: — Por que você está chorando?

Ela balança a cabeça e pisca os olhos furiosamente para secá-los, embora sua voz ainda trema quando diz: — Eu só... eu sinto que você está mudando toda sua vida por minha causa, e que estou sendo egoísta.

— Deixe-me te fazer uma pergunta, — digo enquanto afasto minha mão de sua bochecha e acaricio seu maxilar. — Você se mudaria para Boston se eu lhe pedisse?

— Sim, — ela diz sem pestanejar. — Eu disse isso a Pap ontem, inclusive.

— Bem, aí está, — digo a ela com um sorriso. — Parece que nós dois finalmente crescemos e estamos dispostos a colocar nosso relacionamento em primeiro lugar.



Seu sorriso ainda é um pouco tremulo quando ela diz: — Mas, ainda assim... Você está desistindo da sua vida por mim.

— Não, não estou, — contesto. — Estou desistindo apenas de morar em Boston, porque Trix, *you* é minha vida. Ao meu ver, estou ganhando mais do que estou perdendo.

E então finalmente a observo compreender o que estou tentando dizer, e aceitar que está é a melhor solução para ambos.

— Uau... Isso realmente está acontecendo? — Ela pergunta.

— Está acontecendo, — respondo. — Mas claro, ainda não tenho certeza do prazo. Eu tenho ingressos para o jogo dos Red Sox no próximo final de semana, porém, e gostaria que você viajasse comigo...

E isso é tudo que consigo falar, porque ela tira o cinto de segurança e se joga em meu colo.

Sua boca bate na minha, e então, tudo acabou.

Ou melhor, a discussão acabou.

Porque nosso *tudo* está apenas começando. E pelo que posso dizer... Será fenomenal.



CAPÍTULO 20

Pap Mancinkus

Reflexões tardias

Pode ser que o amor entre Trixie e Ry estivesse um pouco enferrujado no começo, mas eles conseguiram superar as adversidades rapidamente, reerguendo suas vidas no processo. Eu honestamente nunca duvidei que isso fosse acontecer, já que pude ver a conexão entre esses dois no momento em que Ry pôs seus pés na cidade, assim como pude ver a determinação de minha neta em não deixá-lo fugir novamente.

Então, eis algumas questões importantes sobre viver em uma pequena cidade do Sul que você precisa saber, sob a perspectiva de um Yankee:

Eles fazem as coisas um pouco diferentes.

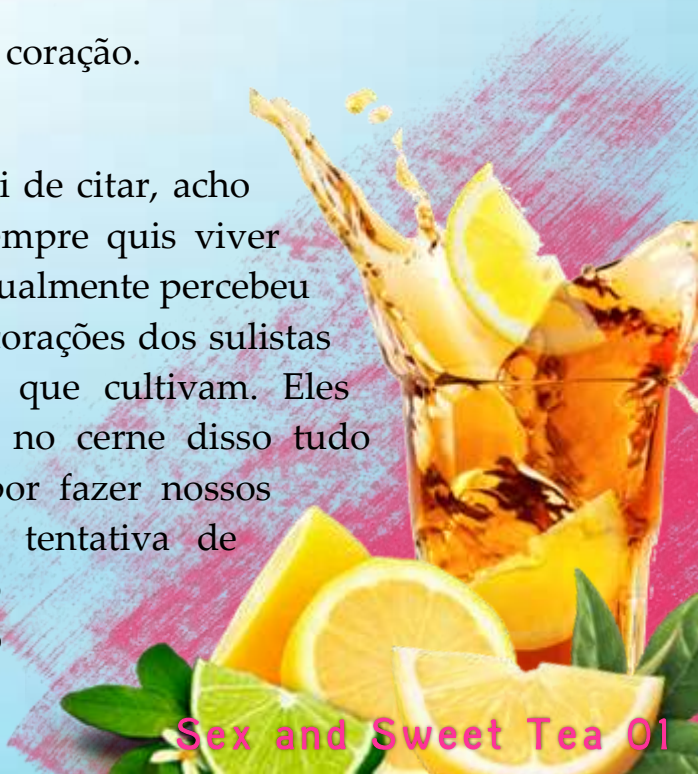
O ritmo de vida é mais lento.

As pessoas às vezes são loucas.

A comida é frita e obstrui as artérias no coração.

O chá é definitivamente mais doce.

Mas, contrariando tudo isso que acabei de citar, acho que a verdadeira razão pela qual Trixie sempre quis viver aqui, bem como o motivo pelo qual Ry eventualmente percebeu o mérito de se mudar para cá, é porque os corações dos sulistas são tão férteis quanto às terras agrícolas que cultivam. Eles aceitam, crescem, nutrem e acomodam. E no cerne disso tudo colocam a família, a grande responsável por fazer nossos corações se expandirem e contraírem na tentativa de manter os vínculos seguros, permitindo nosso crescimento e nos proporcionando



conforto quando necessário. No fundo... acho que é seguro dizer que os corações da família Mainer-Mancinkus se abriram e aceitaram Ry Powers como um deles.

E de bônus... Eu ganhei outro Yankee para me solidarizar.

Agora, porém, tenho que voltar minha atenção para Lowe, e descobrir como colocar juízo na cabeça desse menino antes que ele realmente se meta em sérios problemas.

Fim

BÔNUS

Ain't he Precious?

O bônus de hoje é o tradicional jogo dos 7 erros, e terá duas ganhadoras: a primeira que comentar no post de lançamento desse livro no Poison, e a primeira que comentar no post de lançamento desse livro no Estante de E-books.

O comentário tem que indicar o número da página em que está o quizz, e os 7 erros que tem nela.

Para validar a resposta, é necessário também marcar a Thai EEB para os comentários no Estante de Ebooks, e a Lagertha Calderon para os comentários no Poison.

Boa sorte!

